

ANNO VII

IV TRIMESTRE

1927

REVISTA

DO

INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO

DO

RIO GRANDE DO SUL

PORTO



ALEGRE

BRASIL

COMISSÃO
DE
REDACÇÃO:

ADROALDO MESQUITA DA COSTA
E. F. DE SOUZA DOCCA
MANSUETO BERNARDI
EDUARDO DUARTE

INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO DO RIO GRANDE DO SUL

Séde: PORTO ALEGRE

Presidente: Desembargador Florencio C. de Abreu e Silva

1.º secretario: Dr. Francisco de Leonardo Truda

Thesoureiro: Dr. Amaro Baptista

Publica a sua Revista em fasciculos trimestraes ou semestraes, formando annualmente um volume de setecentas paginas, na média.

Condições de assignatura:

Por anno 15\$000 rs.

Por fasciculo trimestral 4\$000 rs.

Preço de collecção até 1926: 200\$000.

Para assumptos da Revista dirigir-se directamente ao Dr. Eduardo Duarte, á rua Duque de Caxias n.º 1231. Porto Alegre — Rio Grande do Sul — Brasil.

REVISTA
DO
INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO
DO
Rio Grande do Sul



PORTO ALEGRE - 1927

IV Trimestre

ANNO VII

COMISSÃO DE REDACÇÃO:
Adroaldo Mesquita da Costa
Mansueto Bernardi - Eduardo Duarte
E. F. de Souza Docca

PORTO ALEGRE
TYPOGRAPHIA DO CENTRO — RUA DR. FLORES 108

—
1927

Um pouco de abá-ñeên¹⁾

(Archivo do general João de Deus Martins)

I

Abá-ñeên, lingua de indio, litteralmente: *Abá*, indio, *ñeên*, segundo a orthographia do philologo, P.^e Ruiz de Montoya, ou, aportuguesado, *nheêm*, lingua ou idioma. *Cuaracyaba*, cabellos da côr da lús solar, cabellos loiros ou apollinos: *Cuaracy*, sol, *aba*, cabellos. Anda por ahi este nome indigena com a respectiva orthographia alterada — *Guaráciaba* —; ha um official do exercito, cujo nome proprio não recordamos agóra, que o pospõe ao proprio com esta orthographia. De-compondo aquelle nome em seus elementos integrantes, vem: *Cua*, lugar, sitio, buraco, etc., *ara*, dia, *cy*, mãe, donde — sitio ou lugar da mãe do dia. *Ñandúcuá*, *vacacué*, lugar, onde ha ou abundam avestruses e bovinos; *araponã*, dia bonito, *aravaí*, dia feio, etc; *checy*, minha mãe, *ndecy* vossa mãe: *che* e *nde* são adjectivos possessivos, determinando a cousa possuida: *Cherendé*, minha irmã, *cheragi*, meu filho, sendo o homem quem falla, *Chemembí*, sendo a mulher. *Cherúba amyû*: meu finado pae, a quem amava; uma *cũñátãí*, olhando-se em um espelho, pode esclamar: *Chereça ñarô*: tenho os olhos risonhos. O P.^e Antonio Ruiz de Montoya, philologo, escriptor, o proprio que mais enriqueceu a litteratura aborigena, legando á posteridade, entre outros trabalhos de merito, uma grammatica guarany, um Thesouro da lingua guarany

¹⁾ A coordenação destas notas e alguns accrescimos é que são nossos; o mais deduzimos ou vertemos de um guia, que conceituamos competente.

e um Vocabulario, nasceu na cidade de Lima, „reina de las ciudades americanas“, no dizer do seu biographo, P.^e Nicolas del Techo, como elle, da Companhia de Jesus. Se a essa cidade não corresponde esta dignidade pela sua edificação, que é vetusta, pela sua população e pelos seus progressos, certo que lh'a quadra pela sua ancianidade, pelo facto de ter sido a séde do primeiro *Virreinato* que a nobre Hespanha estabeleceu em possessões suas, no mundo que lhe deu Colombo. Mais ou menos defrontando-a na parte oriental dos Andes, está Cusco, cidade celebre, côrte que foi do rei inca, Huascar, que pereceu ás mãos do proprio irmão Atahualpa, que reinava em Quito.

O aventureiro Francisco Pizarro, aproveitando-se da desavença entre as duas magestades peruvianas ou incas, conquistou o Perú com uma centena de companheiros, aprisionando pela traição a Atahualpa, a quem estrangulou nos calabouços de Cajamarca. E, assim, desapareceu o ultimo representante da dynastia incasica, fundada pelo famoso Manco-Capac, a quem Aug. Comte dispensou um titulo de immortalidade, fazendo-o patrono do vigesimo dia do mez de Moysés, chefe da theocracia inicial.

Ruiz de Montoya assignalou a universalidade da lingua guarany, conforme se induz destas palavras do principio do seu „Tesoro de la lingua guarany“: Domina ambos os mares, alludindo á nação guarany, o sul por toda a costa do Brasil e interessando todo o Perú com os dois maiores rios conhecidos: o Prata, cuja bocca em Buenos Aires é de oitenta leguas, (exagerou, positivamente) *y el gran Marañon* (Amazonas), em nada inferior ao primeiro, que passa perto da cidade de Cusco“. O rio Amazonas é o terceiro do mundo, só tem dois superiores em curso: o Mississippi-Missouri e o Nilo; a sua bacia é a maior da America do Sul, está calculada em 6 milhões de kilometros quadrados — onze vezes o territorio da França! Agassir a elle se refere por este modo: „à pu dire que dans cet ocean fait de fleuves, au lieu de monter et de descendre chaque jour, la marée est annuelle, et, au lieu d'être réglée par la lune, elle est par le soleil“. Soberbo rio! a quem o Astro da Luz faz especial mercê! E. Reclus chama-o rio por excellencia, mar doce em continuo movimento, gloria do nosso planeta e á Cordilheira dos Andes, que lhe dá nascimento, „o maior caracteristico da America do Sul“. As palavras da lingua guarany são geralmente compostas de particulas de sons differentes e de sentidos ou accepções e alguns oppostos, a tal ponto que o P.^e Ruiz de

Montoya confessa a difficuldade que experimentou para encontrar uma harmonia entre elles. As particulas mudam de valor significativo na linguagem fallada, não só na pronuncia com tambem no tom ou na intenção da sua emissão; é por um tal motivo que indispensavel se torna, antes de tudo, conhecer os signaes inventados pelos missionarios para representar por escripto a prosodia grammatical: I. A pronunciação nasal breve, se representa pelo signal $\wedge$: Exemplos: *Mâmânô* — vou morrer, *Hôhô* — afortunado. II. Quando o som nasal é accentuado ou grave, o signal anterior é acompanhado de um accento agudo $'$: Exemplo: *Cá'* — seios. III. A pronuncia guttural extensa se expressa pelo symbolo ou signal $\sim$: Exemplo: *ĩ* — agua — se pronuncia retirando a lingua ao interior e apertando a garganta, e vós como que se dilata através da garganta assim fechada. *ĩtacu* — agua quente — *ĩrunçã* — agua fria. IV. Quando a pronunciação é ao mesmo tempo nasal e guttural este symbolo é reforçado pelo signal $\sim$: Exemplo: *Pysã* — dedo do pé: Py, pé, se pronuncia como a grega π — e *sã'* — dedo, como o adjectivo *sã*, mais ou menos. Esta lingua é pobre de nomes numericos; contavam os guaranys com os dedos das mãos e dos pés, como se vae vêr: *Peteĩ* — um — *Mocôĩ* — dois — *Bohapĩ* — tres — *Irândĩ* — quatro. Para indicar a reunião de cinco unidades, diziam: *Ace-pópeteĩ* — *pó* — mão — *peteĩ* — um — donde uma mão ou cinco; *Ace-pómocôĩ* — duas mãos ou dez; e para indicar vinte: *Acepó-acepiãbe* — mãos e pés.

II

Fomos aos poucos nos assenhoreando de nomes e phrases guaranys: mudando a acceção a uns, mutilando a outros e agglutinando aquelles. Alguns exemplos darão rasão ao nosso asserto. O indio, digamos isto preliminarmente, fôra realmente conceituoso — como havemos de evidenciar no decorrer destas notas — em pôr nomes ás cousas. *Piã* — coração — *Chepiã* — meu coração —; carinhosamente costumamos dizer: meu filhinho; o indio, a seu turno, chama *chepiã*, filho do coração, particula do coração tal é o sentido ou a expressão desta palavra, externada com transportes de carinho. Não é bella a metaphora? O nosso filho não é realmente parte do nosso co-

ração? A esta mesma palavra, sem o adjectivo possessivo *che*, mudamos de alguma forma o sentido para emprestar-lhe a significação de índio novel, pequeno, indiosinho. Quem é que ahí chegou? Foi o *piá* ou *piasinho* (até diminutivo já lh'a inventamos) ali da casa do visinho. Através, porém, da nossa postíça acceção, como que palpita a real, a primitiva, realmente, a palavra *piá* ou indiosinho, nos lembra logo a idéa de filho de índio. Que o meu querido amigo dr. Piá não se dê por alludido, porque o seu venerando pae e meu provecto compaheiro de Campanha, major Andrade, é ariano legitimo, isto é, sem mescla. Vive ali uma *chichi* — velha e lá um *chirú* — velho: no primeiro exemplo pensamos dizer „china velha“ e no segundo „índio velho“, mas, note-se, com alteração manifesta das phrases, lidimamente indigenas, que não só agglutinamos como alteramos-lhes o sentido. Normalisados, temos: *Che-Cy*, minha mãe, *Che-rúba*, meu pae — com a syllaba — *ba* — de menos. Resulta — que apuramos uma junção a nosso modo, temperando-a com o qualificativo — velho, e, assim, muitos outros nomes e phrases. De momento lembramo-nos mais destes: „Ibirocae“ e „Taroquêm“, que, des- embaraçados da *ganga* que lhes pusemos, vem: *Ibirá-caê*, páo queimado, *Soó-caê*, carne assada, *Mboi-caê*, cobra queimada ou assada; pronuncia-se esta ultima palavra — *bói* —; *itá-oquê*, porta de pedra. *Épeá-oquê*, abre a porta, *embátú-oquê*, fecha a porta. O possessivo — *che* — pronuncia-se — *chê* — *che-cuñá*, minha mulher, *che-ragi*, meu filho ou meus filhos, quando é o homem que fala, porque para a mulher ha outra vós, que se nos affigura mais doce: *che-mãmbi*.

O guarany, edita o nosso guia, é abundante em interjecções de admiração e de effeito. O mais bello e o mais significativo dos nomes empregados pelos guaranys, é o nome de Deus: é uma mescla eloquente de surpresa, de admiração e de misterio. *Tápá*, que significa Deus, se compõe da admiração *Tû* e a particula *pá*, do que resulta: „Ah! quem sois vós?“ E' uma vós — *Tû* — reservada exclusivamente ao homem, que dá testemunho de sua admiração por alguma cousa. As mulheres manifestam a sua admiração ou emoção pelas vozes: *Heá*, *Heái*, *Acaí*, mas jamais por *Tû*. Se a admiração é motivada por um objecto bello, empregam a palavra *Atái* e se por um objecto excessivamente pequeno, a *Hariti*. Entretanto ouvimos por diversas vezes no Paraguay, mulheres do povo, possuidas da emoção de pezar, dizerem: *Heá-chê-Dios*, mescla de guarany com espanhol, que traduzimos: „ai, meu Deus“;

interjecção de pezar que reforçavam, invariavelmente, com a acção: deixando pender a fronte sobre a mão direita (*Póacatua*) espalmada. Na nomenclatura dos seres viventes não é aonde mais domina a onomatopeya; para dar-lhes nomes serviram-se os guaranys de analogias em que o juizo prevalece mais que a simples percepção material dos ouvidos. Assim, á avestruz deram o nome de *Ñândú* ao mesmo tempo que á certa especie de aranha, por acharem sem duvida no comprimento exagerado das pernas e no modo desgracioso posto que rapido, dos seus movimentos, uma semelhança entre esses dois animaes tam differentes por sua especie, talhe e habitos. Ao trabalho, á teia da aranha, chamaram *ñânduty*, que, figuradamente, se traduz por accumulo, reunião do trabalho da aranha. O *ñânduty*, é uma téla tenuissima feita de fios de linha de extrema finura; uma tal téla lembra realmente a essas cellulasitas concentricas, que aranhasitas entretecem nos jardins. Em tudo isto o que é que se apura? Um guiso preciso da apreciação comparativa de seres e de cousas. Ainda não ha muito que testemunhamos o trabalho de uma india do toldo da Guarita, feito de fibras tenuissimas de bambú (*tacuará*), com uma dextresa e perfeição admiraveis; ella mesma, servindo-se dos dentes (*râi*), extraía as fibras do cortice do bambú, assim, como um adextrado trançador gaúcho, extrahiria um tento delgadissimo de lonca de potrilho! E, note-se, um pequeno filho ou *piásinho*, que aos seios amamentava, não lhe embaraçava por forma alguma. Admira-se a delicadesa de seu trabalho: fizemos-lhe aquisição, por preço vil, de algumas peneirasitas de phantasia e de alguns samburasitos. Ao maior mono das suas selvas deram os guaranys o nome de *Carayá*, palavra composta de *Cará*, habilidade, astucia, curiosidade, e de *yá*, ser dissimulado — pondo assim a esse quadrumano, um nome que representa as qualidades que lhe hão attribuido todos os observadores.

III

Não somente cada sexo tem as suas interjecções como tambem ha na lingua guarany fórmas particulares ou especiaes no modo de dizer para as mulheres. A burla, a zombaria desdenhosa pode sahir da bocca dos homens, porém, não expressa pelas vozes: *Eá*, *Eurari* (o r suave) e *Eügá*, que, á

causa da sua tonalidade suave e euphonica, estão reservadas pela galanteria selvagem ao uso exclusivo da mulher. A raça guarany²⁾ era observadora, mui diligente por natureza e muito imitadora como, de resto, foram todos os homens primitivos. No „El Tesoro de la lengua guarany“ do illustre ignaciano, P.^o Ruiz de Montoya, se encontram palavras para dar uma idéa dos costumes das abelhas, da qualidade e dos diferentes estados do seu mel — o que vem em apoio da faculdade observadora que possuíam em alto gráo os guaranys. Posto que a onomatopéya não fosse a predominante na nomenclatura, designadamente dos seres viventes, como já referimos, era contudo frequente na harmoniosa lingua guarany ou *abá-ñeên*. A onomatopéya é a palavra formada pela imitação dos sons naturaes: *Abati-póróró*, milho que estalla ao abrir-se em flôr (milho de pipoca), *Itóróró*, jorro de agua, *Ipupú*, agua fervendo, evaporando-se; *Guiguí*, murmurio da agua, ruido do arroio: *Apucapopó*, *Apucápucú*, risada que estalla, risada longa, comprida, são palavras de origem onomatopoyca. Os guaranys lograram crear palavras, cuja fórma vocal representa as impressões da alma, obrando sobre os sentidos como as notas combinadas com arte na musica. Realmente, ha formas graphicas tam expressivas, que como que pintam ao vivo o sentimento da alma: *Che-rân-hó*, eu suspiro, ou, litteralmente, vae-se a minha alma; *Che-ro-rí* (pronuncia-se suavemente o r), estou contente; *Che-ahu-sê-ndebe*, quero-vos, desejo-vos — litteralmente: eu te quero comer, expressão graphica, opina um autor, que pinta muito ao vivo a forma da expansão amatoria, propria dos tropicos. Montoya diz e com razão, que a lingua guarany dá por suas expressões, uma idéa exacta das cousas que as palavras representam, fazendo allusão á precisão com que os substantivos compostos desta lingua expressam-n'as. Os exemplos são innumerous: para fazer bem comprehender esta particularidade da lingua guarany, bastará citar alguns. Quando uma joven attinge á idade nubil e, por consequinte, está apta a preencher as funcções de mulher, os guaranys empregam para designal-a a expressão *Icá'*, que accorda immediatamente a idéa de mãe e de um desenvolvimento physico completo, porque esta palavra quer dizer: já tem seios. Quando

2) Segundo um etymologista que temos á vista, este vocabulo se decompõe assim: *guara*, homens ou seres da terra, *ni*, forma alterada de *ndi*, preposição ou particula negativa. *Guará-ni*, significa, pois, não somos *guaras*, não somos inimigos; se suppõe que foi esta a fórma de annunciar-se aos conquistadores amigos.

em guarany se quer designar uma mulher em estado de gravidez, se faz uso de uma metaphora digna de um povo civilisado, empregando-se a palavra *Pûruã*, cuja decomposição dá „ter um fructo“, pois que *pûrú*, ter e dar, tambem, e a particula *á*, entre as differentes significações, que possui, tem a de „fructo“. Uma creança que nasce, é, com effeito, um fructo que se desprende da planta em que amadureceu. Por uma metaphora semelhante é que tambem se diz *mâmbirá*, cuja traducção litteral, é „filho ou filha que cae“. A palavra *Cuñá*, se compõe de *Cûn*, lingua, e da particula *á*, despegada, solta, etc. Singular etymologia, observa um autor, que inclina a crer que as mulheres guaranys se serviam profusamente do dom da palavra! As palavras *tái*, *carai*, *tujá*, *quirá pirú*, etc. juntas á *Cuñá*, como suffixos, dão estados da mulher: jovem, matrona, velha, gorda e magra. Com as radicaes *ĩ*, agua, e *Ita*, pedra, ferro, etc., formam-se innumeradas palavras, em que ellas desempenham o rôl de substantivos e as dissinencias ou de adjectivos qualificativos. Alguns exemplos corroborarão o nosso assêrto. *ĩverá*, agua brilhante, *ĩhũ*, agua preta, *ĩpitã*, agua vermelha; *ĩcuapitã*, *ĩcuaporã*, *ĩcuapindó*, respectivamente fonte de agua vermelha, fonte bella, fonte do gerivá: *ĩ*, agua, *cuá*, buraco, *pitã*, *porã* e *pondó*, vermelho, bello e gerivá. *ĩcuapuêra*, ex-fonte, *Cáapuêra*, onde houve matto. Observações, talvez imperfeitas, nos suggerem que a particula „pe“ tem varias funcções na expressão guarany: ora é adverbio de lugar, ora variação pronominal, servindo de regimem directo ao verbo, a que é justaposta, ora, pôsposta ás palavras, é meramente euphonica. Alguns exemplos melhor elucidarão o nosso enunciado. Se perguntarmos a um guarany que tenha chegado da egreja — donde viestes? — ou: *Mamômô-ghui-parê-jú*? responderá: *Ajú-tupã-ó-pê*, venho da egreja ou, litteralmente, venho de dentro da casa de Deus. Para aonde ides? — ou: *Mamômô-parê-ó*? *Ajá*- (pronuncia-se o jóta gutturalmente, como em castilhano) *caa-gui-pe*: vou ali ao matto ou litteralmente, vou ali dentro do matto. *Báo-pé-picó*? Que ides fazer? *Eguerú-ĩpe*, trazer agua; a particula „pe“ aqui está na accepção euphonica, porque ao ouvido atilado do selvicola *ĩpe* pareceu de uma pronuncia mais elegante que *ĩ* simplesmente. Inquire, por exemplo, a dona da casa á sua creada pelo seu *ñânduty* ou *Poi*: *Mamômô-oimê che-ñânduty* ou *che-poi*? *Oimê-caramêguape*, isto é, dentro do bahu, responde-lhe a creada. *Ñânduty*, já o dissemos, é uma renda tenuissima, que bem lembra o trabalho da aranha; póde ser um lençosoito, umas hombreiras ou outro adorno de camisa de senhora; *Poi*

significa delicado, fino, delgado, etc. *Erú-chêve*, *chê-poi*, isto é, dai-me o meu delicado. *Bene trovato!* Ha um povoado no Paraguay, em cujas proximidades teve inicio a batalha de Campo Grande (*Ñú-Guazú*), chamado *Caacupê* — atraz ou além do matto —. *Erê-chupê* — diz-lhe ou diz a elle, em opposição a *Erê-mi* — diz-me. *Erê-mi-catú* — dissei-me, eu vol-o rogo. Vê-se se não estamos illudidos, que „mi“ e „pe“ representam as variações pronominaes — me e — lhe — em regimem directo e indirecto dos respectivos verbos. *Mava-pá*, *ndê Valle?* donde sois filho? *Chê-valle*, *paraguaïpe*: sou filho de dentro do rio Paraguay, entenda-se, porém, de Assumpção, que está edificada á beira desse rio. Se é filho de fóra, elle vos dirá: *chê-paraguay-guá*. Esta palavra „guá“ é expressiva de *habitat*, de lugar, de proprio da terra, etc.

IV

Na lingua guarany ha formas graphicas tam expressivas que como que pintam o pensamento; despertam vivamente o sentimento de que a alma está possuida. Nas vozes que os symbolos ou signaes graphicos representam, houve realmente engenho na sua combinação porque facilita notavelmente a comprehensão do pensamento que vestem, do que se quer dizer: sentimentos que nos vão n'alma ellas pintam ou traduzem expressivamente. Exemplifiquemol-as: *Che-rã-nhô*, eu suspiro ou, detalhadamente, vae-se-me a alma; *Che-rô-rĩ* (pronuncia-se brandamente o r), estou contente, sinto-me alegre; *Che-ahú-ndebe*, desejo-te ou, litteralmente, eu te quero comer, expressão graphica, edita um autor, que descreve ou pinta muito vivo a fôrma porque se desenvolvem as paixões tropicaes do genero amatorio. Entre muitos, escolhamos as vozes uni e disyllabas, *ĩ*, agua, rio, etc. e *Itá*, pedra, ferro, etc., com as quaes formaram os indigenas os innumerados nomes. Aquella voz elementar, assim com aquelle symbolosito encimado, pronuncia-se retirando a lingua e apertando bem a garganta: é ni-miamente guttural e tem um som que lembra o do *u* francez. Demos alguns exemplos em que estas palavras entram como radicaes: *ĩ-guazú*, rio caudaloso, rio grande, posto que, segundo o competente coronel du Graty, Paraná signifique tambem rio grande; *ĩ-pá*, lago, lagôa, *ĩpamôrôtĩ*, lago de aguas

claras, *ĩpacarahy*, lago do senhor; *ĩ-cuá*, fonte, cacimba, literalmente, buraco que tem agua, *ĩ-cuá-ponã*, fonte linda de agua bôa, *ĩ-cuá-ponã-etê*, fonte muito linda, de agua muito bôa; *ĩ-verá*, agua que luz, agua brilhante á luz do sol; *ĩ-hú*, agua preta, barrenta, rio de aguas turvas; *ĩ-cáti*, agua polluida, agua hedionda. O nome *Tebicuary*, que é o de um importante rio, tributario do Paraguay, tem uma formação bem singular! como se vae apreciar: *Tebi* é uma parte do corpo humano, que nada tem de nobre, dado o seu infimo funcionamento, *cuá* exprime buraco, e *ĩ*, agua, por conseguinte, agua que se deriva de um manancial, que se parece com aquella parte do corpo. *ĩ-ró*, agua amarga, agua do mar, *ĩ-êên*, agua doce. *Caá*, arvore, arbusto, matto folha, herba, é uma preposição que tambem entra num grande numero de palavras compostas: *Caa-ĩ-ró*, matte chimarrão, matte amargo; *Caa-ĩ-êên*, matte doce. O coronel du Graty diz que o uso da herba matte é de origem indigena, que foram os guaranys que suggeriram-n'o aos conquistadores hespanhoes. E' o caso que Hernando Arias de Saavedra, governador do Paraguay de 1592 a 1594, descobriu entre os indios, que o acompanhavam em uma excursão pelo interior do paiz, um sacco de Herba Matte, que elles chamavam *Caá*: data dessa época a exploração da herba matte pelos hespanhoes.

Cumpre editarmos para nos reportarmos á historia verdadeira da evolução do matte, que foi elle originariamente tomado frio, com herba grosseiramente cancheiada, disposta num poronguito (*caá-ĩ-guá*, cuia), com agua fria e tomada a infusão com um canudosito de capim (*capi-ĩ*) e como refresco como beberagem refrigerante, que realmente é, e mui apetevida no Paraguay, onde a estação estival sóe ser canicular. Por ocasião das operações de guerra da campanha do Paraguay, os alliados formaram uma numerosa legião de paraguayos, que espontaneamente se lhes apresentavam, pedindo com instancia armas para ao lado delles combaterem contra o despotico, o verdugo governo do seu paiz. Varias foram as ocasiões em que tivemos ensejo de observar que, em seguida de breve parada do exercito, em derrota para o seu objectivo, os legionarios paraguayos corriam ao proximo curso de agua a se dessedentar, a tomar o seu refrigerante *terêrê*, como chamavam o matte de agua fria, què os seus avós foram os primeiros a usar. Nós o experimentamos por varias vezes e achamol-o devêras refrigerante. E' tam fresca essa effusão que no inverno não é ella usada, nem mesmo apetevida. Com *Itá*, entre

outras muitas, formaram os guaranys as vozes compostas de *Itapirú*, pedra secca, *Itapúa*, pedra redonda, *Itapuã*, pedra alta, *Itapé*, pedra chata, *Itaúna*, pedra preta, *Itapuitã*, pedra vermelha, *Itamaraty*, não, mas *Itamórôti*, pedra branca, *Itaculumí*, também não, mas sim *Itacunumí*, creança ou menino de pedra, *Itatiaia*, ainda também não, mas *Itatiã*, reunião de dentes de pedra, que é o que simula a realidade objectiva: *tí* ou *ty*, agrupamento, reunião, etc., *ãi* dente. *Che-rã*, meus dentes, *nde-rãipotí*, tendes os dentes limpos ou alvos; *nde-rãiponã-etê*, tendes os dentes muito bonitos: este *n*, que precede *de*, pronome da 2.^a pessoa do plural ou do singular, é mudo, *ra* (o *r* brando), verbo, ser, ter, etc., *ãi* ou *tãi*, dente ou dentes, *iponã*, bello, bonito, lindo, etc., e *etê*, adverbio de quantidade, que eleva ao superlativo o adjectivo, no caso *iponã*. *Itacuatiá*, pedra escripta. No „Cerro das Palomas“ (eis aqui um nome nacionalisado, mixto de portuguez e de hespanhol) proximo do Livramento, vimos inscrições latinas em pedras revestidas de branda camada calcarea; fôra isso obra dos jesuitas e d'ahi resulta a pedra *itacuatiá* do gentio. Ha nas proximidades do nosso torrão natalício, segundo districto de Sant'Anna do Livramento, uma eminencia chamada „Cerro de *Itacuatiá*“. Essa eminencia, que de terra e não grande, senão fôra ahi o indigena ter encontrado pedras escriptas, com mais propriedade devêra se chamar „Ibitimi“: *Ibì*, terra, *tí*, accumulacão, e *mi* pequena, donde pequena accumulacão de terra.

Não é *Taroquem*, como no geral se escreve, mas *Itaoquê*, porta de pedra. Existio ahi uma porta de pedra, ruina de importante construcção dos jesuitas, que fôra estancia da reduccão de S. Miguel, senão estamos enganados. A proposito, S. Miguel foi a primeira reduccão que os jesuitas fundaram na região *del Tape*, como a denomina o historiador ignaciano, padre Nicolas del Techo, que servio por muitos annos nas reduccões deste lado do Uruguay. Descrevemol-a d'accordo com este jesuita, que nella andou a serviço da companhia. Recebe este nome da Cordilheira que a rodeia por espaço de quasi cem leguas, do oriente ao occidente; dista do Uruguay oito dias de jornada e deseseis do mar Atlantico: S. Thiago do Boqueirão, S. Martinho, S. Xavier, a parte montanhosa de Santa Maria da Bocca do Monte e o Jacuhy, então chamado *Igai*, segundo o conego Gay, pertenciam a ella, com os rios que se lhe derivam: Puitã, Tacuarí, Yguarimi, Yaguari-Guazú, Ybicuí-Guazú e Jacuhy. Falando dos seus naturaes, eis como o padre Nicolas se exprime: Os habitantes do Tape em quasi nada se differenciam dos guaranys; entretanto são de character mais doce e menos corrompidos pelo vicio; está provado que não ha na America meridional nação tam apta para comprehender e con-

servar o christianismo. Amantes da liberdade, odiavam o estrangeiro e não os teriam sujeitado facilmente os hespanhoes sem a propagação do Evangelho no Tape.

Como os guaranys, moravam em pequenas aldeias (tabati), situadas no alto dos cerros ou na espessura dos bosques: proximas de rios ou de fontes. A respeito de extranho animal, forçosamente fabuloso, indigena desta região, eis como o padre Nicolas se externa: Na parte lacustre proxima do mar (Atlantico) encontra-se um animal amphibio semelhante a ovelha, tendo, porém, garras e dentes de tigre; é tam feroz que até ao proprio leão (puma) chega atacar. E' dos indios o animal mais temido e a cujos campos sae em manadas, promovendo grandes estragos; se algum indigena consegue, a muito custo, matar um, cobre-se com a respectiva pelle, chamada *aó*, não me sendo dado explicar se a tal cobertura é que dá nome á féra ou se esta á vestimenta. O que, porém, é certo, é que taes animaes são ovelhas no exterior e lobos rapaces no interior. Singular animal! Macacos nos mordam se elle não é, com toda a sua singularidade indigena, o lobo marinho, abundante nos parceis do visinho mar das Torres, donde saem ás manadas á ourêla, *largartear*, da qual não dista muito a extensão lacustre, outr'ora parte integrante desse mesmo mar, que por ahi existe. O tape vio o ovelha-tigre atravez de fabulosa lente e, d'ahi, a lenda que a seu respeito architectou e ao padre jesuita referio. Em relação a um passaro da mesma região, assim tambem se externa o padre Nicolas del Techo. Ha tambem um passaro branco, de corpo diminuto e canto melodioso, *semejante al sonido de las campanas*, pelos naturaes denominado *Guirapó*, isto é, passaro que trina, segundo aquelle autor. Pelos signaes constatados vê-se que outro não póde ser que o nosso ferreiro ou araponga, cujo canto, longe de ser trinado, é plangente, de timbre metallico, donde a nossa onomatopéa.

V

Nesta apreciação que muito pela rama vamos fazendo da lingua guaraní, que é, mais ou menos, a propria tupí, talvez menos inflexivel, nos apadrinham varios autores, nomeadamente Alfred du Graty, belga e coronel de engenheiros, que escreveu uma mui sentenciosa historia do Paraguay, em tempo do governo relativamente patriotico, de Lopez I. Para levar a effeito essa meritoria obra, teve de soccorrer-se de varios tra-

balhos em lingua guaraní, precioso legado dos operosos ignacianos, que por terras americanas andaram mui afañosos na catechese do gentio. Entre esses trabalhos salienta-se o do erudito padre Antonio Ruiz de Montoya, de quem já nos temos occupados na sequencia destes alinhados. Somos, pois, assim levados a, de preferencia, nos reportarmos mais áquelle autor, não que elle seja extreme de erros e até mesmo de contradições, cousas que se respiga no decorer da sua obra, entretanto, elle nos parece a melhor companhia. Segundo este autor, secundado pelo padre Montoya, o guaraní resente-se de algumas letras do alphabeto, taes como f, j, k, l e o s, que é supprido pelo c cedilhado.

Deve-se, pois, escrever *Teçá*, olhos, *Che-re-çá*, meu ou meus olhos, *che-rê-çá-açú*, tenho os olhos enfermos; *nde-rê-çá-narô*, tendes os olhos risonhos, palavras amaveis da galanteria selvicola. O nosso eminente Gonçalves Dias, por incumbencia do Instituto Historico e Geographico, publicou um „Dicionario da lingua tupí“, chamada lingua geral dos indigenas do Brasil. Um simples exame desse Diccionario, edita du Graty, mostra á evidencia que o tupí não é outro que o guarany, um pouco alterado, é certo: quer na pronuncia, quer na orthographia. Entretanto encontra-se nelle grande numero de palavras, escriptas segundo a orthographia guarany, isto é, a adoptada pelos jesuitas das Missões. Offerecemos alguns exemplos: *Aba*, cabellos, *Caá*, herva, *Camby*, leite, *Guirá*, passaro, *Inambú*, perdiz, *Maracanã*, papagaio, *Pô*, mão, *Pĩ*, pé, *Tamanduá*, formigueiro, *Tacuará*, bambú, *Tapéra*, cabana abandonada, *Tatá*, fogo, *Mboi-Tatá*, cobra de fogo, *Teçá*, olhos, *Tobá*, cara, *Urubú*, corvo. Na orthographia do tupí se emprega o j e o k que no guarany são substituidos pelo Y e pelo qu. De modo que e segundo Gonçalves Dias, deve-se escrever em tupí: *Jací*, lua, *Jacaré*, *Jacú*, etc., em vez de *Yacy*, *Yacaré*, *Yacú*, etc., proprio do guarany. Alguns nomes apresentam uma orthographia differente, porém, pouco sensivel, como se poderá nestes exemplos:

Tupí	Guarany	Tradução
Mjrim	Michi	Pequeno
Morotinga	Môrôti	Branco
Tejú	Teyú	Lagarto
Tupan	Tupã	Deus
Porang	Porã	Lindo, bello, etc.
Tupan-oca	Tupã'-ó	Egreja
Imirã	Ybirã	Madeira, Arvore, etc.

Existem nomes de graphia sensivelmente differente.

Exemplos:

Tupí	Guarany	Traducção
Ibi	Mhobĩ	Azul
Moçapir	Mbohapiĩ	quatro
Meapé	Mbuyapé	pão

E muitos outros nomes, não se pôde, entretanto, pôr em duvida a origem identica dos povos que falam ou falaram estas duas linguas. Agentes de ordem cosmica ou regional, a visinhança e, talvez, o commercio com povos de linguas menos aglutinadas, e outras circumstancias de feição, é possível influissem para a alteração do tupí, que é a lingua primordial, constituindo-se uma especie de lingua derivada ou neo-tupí, a guarany, que foi falada por todos os povos que se agitaram entre os rios Uruguay e Paraguay: do primeiro e do Mambituba (aliás *Membi-tuba*, filho e pae) para o norte parece-nos permaneceu inalteravel o tupí. Affirma du Graty que um tamoiio das proximidades do Rio de Janeiro, far-se-ia comprehender por um querendi da margem occidental do Rio da Prata, que falava o quichúa ou uma derivação sua. A proposito da lingua quichúa, façamos breve digressão em torno da palavra „che“ que se tem escripto „xe“ e é pronome eu, meu, minha e adjectivo possessivo quando o objecto ou cousa possuido vem claro. Exemplos: *che-re-mbirecoi*, minha mulher, *che-ra-i*, meu ou meus filhos, quando é o pae que fala, porque a mãe diria *che-me-mbi*; *Che-ro-ga*, minha casa. *Che-á-caáguipe*, eu vou ao matto; *Che-á-Porto Alegre-ogegua-baé*, vou a Porto Alegre comprar algumas cousas; como se vê, nestes dois exemplos a voz „che“ funciona como pronome da 1.^a p. do singular. Quer nos parecer mesmo que o guarany resente-se da letra x; é possível que com ella se tenha escripto aquella palavra pela semelhança da pronuncia. Vejamos a breve historia de „che“: Querem alguns autores que ella seja palavra *araucana* e significa homem, outros, porém, opinam pela sua origem guarany; um autor chega a estimal-o e cremos que com boa razão, como originando o *che* do castilhano crú. *Che* (homem ou mulher) *venid un poco*, uso muito corrente entre os nossos visinhos camponios, do patrão, por exemplo, chamar o seu assalariado. Os *araucanos*, a syllaba predominante ou tónica é a antepenultima, ou *chilenos* eram povos altaneiros da banda occidental

dos Andes, falaram naturalmente o *quichúa* ou lingua semelhante. Constituíam elles uma poderosa nação guerreira, no dizer do ignaciano, padre Nicolas del Techo, que parece ter entre elles vivido na ardua missão de catechese. Bateram-se com sorte varia com os conquistadores hespanhoes: com Almagro, que foi o primeiro que calcou terras chilenas, em seguida com Valdivia, fundador de Santiago, hoje capital da nobre nação chilena, mixto bem equilibrado de aráucano e do Vasconço, de origem mongolica, aparentado com japonéz, a dar-se credito em Mr. de Quatrefages, e de Valdivia, a que deu o proprio nome, ambas respectivamente assentes sob os parallelos 34 e 40 de latitude sul. Dumersay em sua obra „Histoire physique, économique et politique du Paraguá“, engana-se positivamente quando avança que muitas partes do corpo em guarany começam pela voz „che“ e apresenta estes exemplos: *cheaba*, cabellos, *cheacã*, cabeça, *Cherôvã*, cara, rosto, *cherâniquá*, barba, *chejurú*, bocca, *cherãi*, dentes, *chepó*, mão ou mãos, *chegiví*, braço ou braços, *chepi*, pé ou pés. Contesta-lhe du Graty, affirmando que ha positivamente inexactidões no que escreveu a respeito, como próva com a orthographia de quantidade de nomes guaranys em que a palavra „che“ é com frequencia empregada: uma, sequer, das partes do corpo humano começa por tal voz! Mr. Dumersay confundio lamentavelmente o adjectivo com o substantivo ou, melhor dito, adherio aquelle a este. Effectivamente, „che“ é o adjectivo determinando a cousa possuida: assim *cheacã*, quer dizer minha cabeça e melhor estaria, se estivesse graphado *che-acã*. E assim nos demais exemplos, acima indicados. No que expendemos fica contada, se bem que irregularmente, a historia simples do vocabulosito „che“, que nos parece realmente de raiz guarany.

VI

O illustre brasileiro Couto de Magalhães em uma conferencia que realiso em S. Paulo, pouco antes de morrer, supponho que sobre a lingua tupi, avançou: que de preferencia o Brasil devêra chamar-se *Pindorama* (o *r* brando), isto é, paiz das palmeiras ou terra das palmeiras, „onde canta o sabiá“. Euclides da Cunha, o frio analysta, o paciente investigador, o laureado autor do „Os Sertões“, de algum modo reforça o dizer de Couto de Magalhães quando emprega a palavra *Tapuyretama*, região do Tapuia. Cremos que na orthographia tupi

se escreve assim e na do guarany, segundo diversos autores, *retã* ou *retan*, conforme se queira nasalar o a com til ou com n, pois que em a nossa nomenclatura geographica temos *Tupá-cy-retã*, sitio da mãe de Deus, e *Cavajú-retã*, onde ha cavallos, ou região dos cavallos. Entretanto ha um outro vocabulo em guarany, pensamos que de menor alcance ou expressão, que tambem significa região ou logar em que ha este ou aquelle animal. Exemplos: *Vacca-cuá*, nas proximidades do *guá* do autor destas regras, que quer dizer onde ha gado bovino; *Burevi-cuá*, onde ha antas; *Nandu-cuá*, onde ha avestruzes. Sobre este ultimo temos que observar que pode tambem significar ninho da avestruz, porque este pernalto costuma pôr os ovos, que chóca, em buraco praticado pelo touro; o indio deparando-as assim accomodadas, foi logo baptisando: *ñandú-cuá*. Na região do Tápe, donde é filho Cezimbra Jacques, *abá-etê*, ha um ponto denominado *Toro-cuá*, cova de touro. Cremos que é isto em caminho de S. Thiago do Bóqueirão, extremidade occidental da Serra do Mar, que a léste limita aquella região e ao sul divide-a com a dos Minuanos e Charrúas. O conego Gay, que sabia guarany, porque fôra muito lido em Montoya, inventor de varios symbolos para muitas vozes guaranys e um dos maiores cultores dessa lingua geral falada com pouca differença desde o Orenoco até o Rio da Prata, e além do que, tivera aquelle conego effectivamente junto de si quem lh'o illustrasse, escreve com a inicial u o nome de um dos maiores dos rios deste *ĩ-guazú-retã*, e não se diga que poderá isso resultar de incorrecção typographica, porque elle repete em sua obra o nome desse rio com a mesma orthographia *Ubicuy*, quando devêra graphal-o, segundo Montoya, *ĩbicui*, rio de areias ou arenoso: *ibi*, terra, *cui*, fina, pulverisada, areia, em summa. E é justamente com esta denominação que a realidade objectiva se compadece: o rio *ĩbicui* tem realmente as suas margens arenosas, adunadas de uma areia fina, que lembra ou assemelha-se á do mar e desde longe alveja. Affirma o mesmo conego que o *Yácuĩ*, como deve ser escripto, segundo Ruiz de Montoya, foi, a principio, chamado *Ybai*, rio feio ou de aguas feias; não duvidamos porque em guarany ha muito nome de composição analogo: *Yporã*, rio bonito, *Ypuitã*, rio vermelho, *Yhã*, rio preto, etc. *Abáĩ*, *Mbutuĩ*, *Yaguari*, *Comandai*, respectivamente rio do indio, das mutucas, do cachorro e do feijão: o primeiro no Paraguay, não é propriamente um rio, mas um arroio que se lança no rio Paraguay e corre proximo do plano em que se deu a batalha de 11 de Dezembro de 1868, e o inclyto Osorio foi ferido em pleno rosto, e os tres ultimos irrigam terras gaúchas, isto é, são do *ĩguazú-retã*, escrevemol-os e aquelles porque achamos singular a respectiva composição,

em que o substativo *ĩ*, agua, ora precede, ora succede. O padre ignaciano Nicolas del Techo, que foi cura em mais de uma redução de indigenas desta banda oriental do Uruguay, que andou pela provincia de Guayra e privou com o illustre Ruiz de Montoya, referindo-se em sua obra „Historia de la Provincia del Paraguay“, aos rios „Paraná-paneima ou nema“ e „Pirapó“, que ao norte das „Sete Quedas“ se lançam no Paraná pela respectiva margem esquerda, diz que o nome do primeiro significa escassez, pobreza de peixe, em opposição a do segundo, piscoso. Euclýdes da Cunha de algum modo louva a traducção do Padre Nicolas, quanto ao primeiro nome, quando diz que o tupí, para designar um lugar despovoado, esteril, tinha um termo suggestivo „Pora-pora-eyma“; quanto a do segundo o conego Gay põe embargo e cremos que com razão, dizendo que significa „Peixe que salta“: *Apõ*, verbo saltar, *Pirapó*, peixe que salta. E' este nome indigena o de uma corredeira do *ĩjuhy-guazú*, situada pouco antes da sua foz no Uruguay e que interessa-lhe ambas as margens; quando nas aguas minimas, fica-lhe ella á flor das mesmas. De modo que o peixe, tocado pela corrente, para transpol-a, tem de saltar, donde o nome consoante ao quadro ou á realidade pelo aborigena observado.

Apontamentos para a historia da revolução de 1835—1845

João da Silva Tavares¹⁾

João da Silva Tavares é natural da provincia do Rio Grande do Sul, tem de idade 46 annos, é casado e pae de 9 filhos, dos quaes 4 são varões, tem sua mãe comsigo e para com ella preenche os deveres de bom filho. Sua familia é das que se fizeram distinctas no serviço da patria, desde as primeiras campanhas do sul, e muitos de seus membros pereceram no campo da gloria em defensão dos direitos nacionaes.

Elle principiou sua carreira militar, sentando praça de soldado em um corpo da 2.^a linha, na campanha a que deu começo o general Carlos Frederico Lecor, depois Visconde da Laguna. Por sua coragem e merecimentos subiu ao posto de capitão, passando pelos de furriel, sargento, alferes e tenente, em todos os quaes cumpriu sempre os seus deveres, serviu sem mancha e bem antes com louvor de seus superiores e admiração de seus camaradas.

Foi commandante de companhia e de districto; foi eleito juiz de paz do districto do Herval, em cujo cargo prestou, durante os 4 annos de sua judicatura relevantes serviços, perseguindo os faccinoras e salteadores, que infestavam os arre-

¹⁾ Publicando este documento e os seguintes, diz o nosso confrade sr. Alfredo Ferreira Rodrigues, tenho apenas em vista rememorar os serviços prestados á integridade do imperio pelo coronel Silva Tavares, que considero um dos mais valentes officiaes da legalidade e dos poucos que, se oppondo á revolução de 20 de Setembro, conseguiram frustrar-lhe os planos.

Não importa isto solidariedade com os conceitos nelles emitidos, com alguns dos quaes estou em completo desaccordo.

dores daquelle logar, e mantendo o socego e harmonia entre os seus concidadãos, que, gratos á sua rectidão e justos avalia-dores de seus nobres feitos, o elevaram a eleitor, major e tenente-coronel da guarda-nacional; e tantos credits grangearam-lhe suas eminentes virtudes em toda a provincia que esta o escolheu para seu deputado provincial, e o Dr. Antonio Rodrigues Fernandes Braga, então presidente da provincia, o nomeou commandante da fronteira de Jaguarão, em logar do famoso Bento Gonçalves, que ali quotidianamente compromettia a dignidade brasileira.

Silva Tavares foi um dos bem poucos militares da provincia que, penetrando os mysterios da conspiração tramada pelo revolucionario Bento Gonçalves e consocios contra o throno constitucional e integridade do imperio, oppoz-se com tudo quanto pôde á realisação de tão nefandos planos. Não que a maioria dos officiaes militares rio-grandenses não nutrisse sentimentos iguaes aos de Silva, mas porque não estavam infelizmente ao facto dos horrores que preparavam nos clubes da perfidia os novos Catilinas.

Bastou a pronunciada opposição de Silva Tavares para que os conspiradores decretassem o seu assassinato; mas quiz a divina providencia que a valentia do braço de Silva, sua extrema viveza e intrepidez salvassem por vezes essa vida que tão necessaria era á sua patria, como testificam seus recentes serviços.

Ninguém ignora que Lavalleja esteve sempre de mãos dadas com os anarchistas do Rio Grande, cuja principal figura era Bento Gonçalves; dahi a protecção que sempre teve aquelle anarchista oriental e seus sectarios na fronteira de Jaguarão, quando commandada por Bento Gonçalves; dahi a origem do odio contra Silva Tavares, que trabalhou constantemente e conseguiu burlar muitos planos, concebidos pelos dois móres anarchistas, sob a presidencia de um clérigo já bem conhecido em 1824 no Rio de Janeiro pelo seu genio demagogico: esse clérigo é o padre Caldas.

Tão temido era Silva Tavares dos anarchistas que estes resolveram mandal-o assassinar na occasião de romper a sedição de Porto Alegre, para destarte descartarem-se de seu mais invicto inimigo. Com effeito, no dia 22 de Setembro de 1835, dois dias depois de rebentar a sedição em Porto Alegre, foi elle assaltado em sua casa no Herval por 37 individuos, reputados geralmente os maiores assassinos da provincia e capitaneados pelo oriental emigrado Raphael Verdum, tambem notavel por sua indole feroz e maldades.

Silva Tavares, porém, andando prevenido, travou uma renhida lucta com seus assassinos, que fugiram, deixando 14 mortos dos seus inclusivamente Verdum, que expiou seus crimes na ponta da espada de Silva Tavares. Da gente deste só dois pereceram, sendo um delles seu cunhado o capitão Jeronymo José Nunes.

Logo depois deste acontecimento, reuniu Silva Tavares cento e tantos homens e, com marchas forçadas e occultas, apresentou-se no Arroio Grande e ahi atacou uma força de 400 anarchistas, destroçou-os, pondo-os em precipitada fuga para os mattos visinhos, aonde ainda os perseguiu com seus valentes companheiros. Este ataque teve lugar em Outubro de 1835.

Entretanto foram engrossando as reuniões dos sediciosos pela campanha e chegou a noticia de haver emigrado para o Estado Oriental o marechal Barreto, commandante das armas. Ainda assim Silva Tavares permaneceu firme com sua força, disposto a sustentar a legalidade e só emigrou quando, apoderando-se os anarchistas dos principaes pontos, outro recurso não ficou aos leaes senão a dispersão e emigração. A demora de Silva Tavares no Estado Oriental foi de 6 mezes; mas, logo que percebeu existir na provincia disposição para debellar-se os anarchistas, entrou nella com cento e tantos homens e immediatamente foi perseguido por uma força rebelde de 1.400 homens; mas elle, com astucia e enganos, foi illudindo a força contraria e levando-a para longe até reunir-se ao tenente-coronel Medeiros e depois ao commandante das armas Bento Manoel. Com esta tactica salvou elle a causa da legalidade, salvando a cidade do Rio Grande, que essa força inimiga, commandada por Bento Gonçalves, ia invadir para fortificar a Barra e vedar a entrada de soccorros da côrte.

Effectuada esta junção, foi elle quem, no Passo do Rosario, com 170 homens na vanguarda de Bento Manoel destroçou completamente a Affonso Corte Real, que tinha 700 homens, e o fez prisioneiro, coadjuvado por 50 lanceiros ao mando do capitão Mazarredo, seu valente companheiro e parente, o qual cahiu sobre a retaguarda de Affonso, pondo este entre dois fogos. Esta victoria foi alcançada em 17 de Março de 1836.

Segunda vez salvou Silva Tavares a cidade do Rio Grande, quando voltou do Passo do Rosario; porque, tendo os rebeldes destroçado o coronel Albano e aprisionado uma companhia de caçadores e o major Manoel Marques em Pelotas, deixaram de passar nessa occasião para o lado do Rio Grande, que pretendiam de novo invadir, receiosos de ser a sua retaguarda

accommettida por Silva, que os observava, conservando-se nesta posição até conseguir passar para o outro lado e collocar-se na vanguarda do inimigo; e pôde-se affirmar que então foi a sua unica força de defeza para o Rio Grande por isso que o commandante das armas o coronel Bento Manoel e mais forças legaes estavam com a attenção empregada no importantissimo ponto de Porto Alegre. Aproveitou este ensejo Silva Tavares para pedir que o coronel Calderon o acompanhasse e foi organizada então uma brigada sob o commando deste habil official.

Quando os rebeldes atacaram as canhoneiras que, estavam postadas no S. Gonçalo e passaram para o lado do Rio Grande, os dois bravos officiaes os foram chamando para a fronteira de Chuy e fizeram uma habilissima retirada para o estado visinho, afim de dar tempo que o Rio Grande se entrincheirasse e fortificasse bem, para apresentar no retrocesso dos rebeldes uma respeitavel defeza, e tambem tiveram em vista surdirem no Jaguarão e fazer junção com alguma outra força da legalidade e poder ataca-los com mais probabilidade de debandal-os; e eis terceira vez salvo o Rio Grande, pela retirada dos rebeldes, falhando-lhes o plano com a noticia de ter Silva e Calderon entrado pelo Jaguarão com indizível presteza e vi-rem-se approximando de Pelotas, refeitos de gente e cavalladas.

No ataque de 10 de Setembro de 1836, patenteou Silva Tavares e a sua gente um denodo acima de todo elogio; a acção já estava decidida em favor da lealdade, quando, arrebatando-se as redeas do seu cavallo, este disparou pelo campo e fez que os seus suppuzessem que o combate estava perdido; o desanimo lhes sobreveio com a falta de seu valoroso chefe, e soffreu este o seu primeiro revez e falta de mais uma victoria.

Grandes tem sido os prejuizos e sacrificios de Silva Tavares e suas perdas montam em muitos contos de réis.

Na guerra com as Provincias Unidas do Rio da Prata, perdeu todo o gado, animaes, alguns escravos e mais interesses que tinha em uma estancia nesta provincia; tendo de novo povoado a dita fazenda, os anarchistas de 1835 e 1836 roubaram-lhe tudo quanto nella tinha.

Quando elle emigrou para o Estado Oriental, 50 homens de sua força o acompanharam, com os quaes despendeu, durante o tempo que ali esteve, avultadas quantias.

Seus parentes quasi todos o acompanham e as familias dos que tem perecido na presente crise ficaram a seu cargo, como são: a viuva do capitão Jeronymo José Nunes, com 7 filhos menores; a viuva do major David Francisco Pereira, com 5 filhos menores; a do tenente Pedro José Nunes, que de todas ficou menos pobre, por ter um só filho.

Os compânheiros de Silva Tavares são os mais leaes defensores do throno constitucional brasileiro e que, desde o tenebroso 20 de Setembro de 1835, mais se sacrificaram na sustentação das leis e da união brasileira.

E por certo que assim deve succeder, porque de seu chefe elles bebem o exemplo da lealdade no seu ultimo requinte e nelle reconhecem o corajoso e habil militar, bom cidadão, excellente patriota, optimo pae, filho pio e constante amigo; elles divisam nas acções de Silva Tavares o guerreiro que vantajosamente faz a guerra com gente e sem ella.

E' a este virtuoso cidadão que se deve a fortaleza dessa legião de Alcides, que tão denodamente hão apoquentado a anarchia e rebellião: uma boa parte della compõe-se de gente de sua familia, e entre esta os que mais se têm distinguido formam a lista que abaixo transcrevemos:

Lista dos parentes que tem acompanhado e se distinguido desde Setembro de 1835 até o mesmo mez de 1836, ao bravo e virtuoso

João da Silva Tavares

Filho — João Nunes da Silva, com 19 annos de idade, tem sempre acompanhado seu pae e ficou prisioneiro no ataque de 10 de Setembro de 1836.

Cunhados — O capitão Jeronymo José Nunes, casado e com 7 filhos, morreu no assalto do dia 22 de Setembro de 1835; o filho mais velho tem 12 annos de idade.

O tenente Pedro José Nunes, casado e com 1 filho, foi morto no ataque do dia 10 de Setembro de 1836.

O major David Francisco Pereira, casado, com 5 filhos, foi morto no ataque do dia 10 de Setembro de 1836; o filho mais velho tem 9 annos de idade.

O alferes Serafim Alves Vieira, casado, com 4 filhos, foi baleado em ataque dado em Junho de 1836.

José Caetano Alves Vieira.

Amalio José Nunes, ficou prisioneiro no dia 10 de Setembro de 1836.

Tenente ajudante José Vieira Nunes.

Primos — Tenente Alexandre Rodrigues Barcellos, casado, tem 9 filhos.

Tenente ajudante Manoel Pereira Vargas.

Pedro Muniz Fagundes, casado, tem 11 filhos. Este tem servido desde o principio da lucta sem soldo, armado e muniado á sua custa. Os seus serviços á patria datam desde que teve 12 annos. Alem disso, tem 4 filhos em serviço, que são os seguintes: — Sergio Muniz Fagundes, foi baleado no ataque do dia 10 de Setembro e ficou prisioneiro; Tristão Muniz Fagundes, ferido no ataque no Passo do Rosario em o dia 17 de Março de 1836; Rogerio Muniz Fagundes; Jeronymo Muniz Fagundes.

Leonel Dutra Fagundes, casado, tem 3 filhos.

Genuino Dutra Fagundes.

Peregrino Dutra Fagundes, baleado e prisioneiro no ataque do dia 10 de Setembro de 1836.

Joaquim Dutra Fagundes, ficou prisioneiro no mesmo dia.

Israel Dutra Fagundes.

Manoel Muniz Fagundes, casado e com 3 filhos, foi ferido no ataque do dia 10 de Setembro de 1836.

Capitão Pedro Fagundes de Oliveira, casado e com filhos.

Gaspar da Silva Fagundes.

Tenente Annibal Antunes Maciel.

João Mendes de Santa Barbara, ferido na acção do Arroio Grande, em Outubro de 1835.

Possidonio Antonio de Campos.

Zeferino José de Campos, ferido no ataque do Passo do Rosario, em 17 de Março de 1836.

José Antonio de Campos.

José Pereira das Neves, casado e com 3 filhos.

N. B. — O capitão Serafim Caetano Vieira tem sido ferido em dois ataques e do ultimo ferimento está invalido do braço direito; tambem é cunhado de Silva Tavares e tem 5 filhos menores.

(Do *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro, de 4 de Janeiro de 1837.)

Apontamentos de 1835

No dia 17 de Setembro de 1835, João da Silva Tavares teve aviso que no dia 20 rebentaria a revolução; mandou reunir alguma gente e começou a acautelar-se.

No dia 21 á noite sahiu de sua casa e foi pernoitar na margem esquerda do Arroio Grande, em um cercado, deixando em casa Serafim Caetano com tres homens; cahindo um forte temporal essa noite, Silva Tavares foi abrigar-se em casa de seu irmão Serafim Silva, a uma legua de distancia.

No dia 22 cedo, ouvindo tiros, mandou logo descobrir e verificou que era a sua casa, onde se achava Serafim, que estava sitiada. Silva Tavares marchou immediatamente em direcção á força sitiante; encontrando o arroio cheio, foi obrigado a subir uma legua para despontar; chegando á casa, já os sitiantes se tinham retirado; sabendo Silva Tavares o rumo que tinham tomado, poz-se logo em perseguição, encontrando-a defronte á fazenda de Camillo Campello, onde travou-se uma forte guerrilha. Alem da casa havia uma serrilhada de pedras, onde os revolucionarios se fizeram fortes.

Silva Tavares fez retirar a guerrilha e tratou de observar a força e sua posição. Aparecendo João Simplicio, foi logo conhecido por Jóca, de quem era muito amigo; este chamou-o e aquelle chegou á fala; foi uma verdadeira surpresa, quando João Simplicio disse que o commandante da força era o coronel oriental Gervasio Verdum, e que a força em sua totalidade eram castelhanos immigrados com o general João Manoel Lavalleja. Silva Tavares duvidava que fosse Verdum, porque este dependeu d'elle como immigrado, e fazia oito dias que lhe tinha pedido seis onças de ouro emprestadas. Jóca disse, indicando o do

cavallo bragado: — E' aquelle que leva o poncho atravessado na garupa; o de lança da esquerda é o coronel Chiverte; o major Rolim, capitão Patricio e o Paja Larga, que estão ao seu lado, são todos castelhanos immigrados.

Depois deste reconhecimento Silva Tavares, conhecendo que a gente que tinha pela frente era toda aguerrida, mandou o tenente Francisco Feijó dizer a Verdum que se retirasse para um dos altos que tinha em sua retaguarda e que se dispersassem, que elle não os perseguia.

Verdum respondeu a Feijó: — Vou ver os companheiros o que dizem.

Logo depois mandou dizer por João Simplicio que, visto já estarem tão perto, deviam brigar.

Silva Tavares receiava o combate pela desigualdade do pessoal, mas, com a contestação de Verdum, não se conteve e disse em voz forte: — Pois diga a esse castelhano que se prepare, que já vou lá.

Verdum, ouvindo estas palavras, fez uma retirada a tomar uma altura para a carga ser mais violenta.

Houve só uma descarga e travou-se um entrevero de lança e espada, horriavel! Depois de ter sido morto o coronel Chiverte e alguns officiaes e ferido o coronel Verdum, foi que se pronunciou a victoria. O numero da força de ambos regulava.

Tendo se encorporado no dia 28 o capitão Pedro Nunes com uma força, marchou Silva avares para a cidade de Jaguarão, onde se achava o capitão Crescencio, que commandava o 4.º regimento, que se entrincheirou no theatro. Houve ahi um parlamento, do qual resultou Crescencio emigrar para o Estado Oriental e o regimento marchar com Silva Tavares para a costa do Arroio Grande, onde teve ordem do presidente para seguir para Pelotas. Chegando a esta cidade, encorporou-se o major Manoel Marques de Souza, que tomou o commando do 4.º regimento.

Seguindo Silva Tavares para o Arroio Grande, encontrou-se com o coronel Antonio Bento Gonçalves e Florentino Manteiga; ao encontrarem-se houve parlamento e conferencia, onde acordaram em dispersarem-se, com o que não concordou Manteiga, porque a sua força era muito superior á de Silva Tavares, e aqual dispoz tão mal que foi derrotado completamente.

Silva Tavares contramarchou essa mesma noite por ter tido noticia que Neto o procurava.

Chegando ao passo do Retiro, encontrou-se com a vanguarda deste. Silva Tavares tomou o passo; apparecendo a força, calculou-a em 500 homens. Parlamentaram durante o dia, ficando de resolver-se o que deviam acordar no dia seguinte. Nessa noite, porém, Silva Tavares dispersou a força e passou o arroio de Pelotas e S. Gonçalo e foi repousar no dia seguinte nos Canudos, seguindo para a sua fazenda.

Dias depois, sabendo Silva Tavares que não havia forças nenhuma que se oppuzessem á revolução, tratou de emigrar para o Estado Oriental.

Tendo communicação que o general Bento Manoel se tinha pronunciado a favor do governo, tratou de reunir alguns brasileiros emigrados e invadiu (não recordo-me o dia e o mez.) Fazendo sua incorporação com forças que já havia mandado reunir, fez junção com o coronel Medeiros na barra do Jaguarão-Chico. Deste ponto mandou observar uma força que vinha do municipio de Pelotas para atacal-o; as descobertas deram parte que essa força era commandada por Bento Gonçalves da Silva e que excedia a mil homens.

Silva Tavares deixou escurecer e marchou e foi emboscar-se nas pontas do Jaguarão. A' tarde avistou a columna de Bento Gonçalves, descendo para Candiota. Silva Tavares marchou a noite ao rumo de Bagé; mudando de rumo na mesma noite foi transpor o Camaquãzinho nos Tres Passos, passando ahi todo o dia seguinte, onde recebeu ordem do general Bento Manoel para incorporar-se sem perda de tempo.

Fazendo marchas forçadas, foi incorporar-se a este general nas pontas do serra de Caverá.

No dia seguinte o general Bento Manoel deu a vanguarda a Silva Tavares e fez marchar sobre as forças de Côte Real, ferindo-se o combate sobre o passo do Rosario, sendo este chefe derrotado e preso.

Silva Tavares teve ordem de Bento Manoel de contra-marchar e incorporar-se á força do coronel Albano de Oliveira Bueno. Chegando ao municipio do Herval, teve noticia de ter sido o coronel Albano de Oliveira derrotado e preso. Tratou Silva Tavares de passar o S. Gonçalo para evitar encontro com as forças de Antonio Netto; este depois de ter incorporado sua força, passou tambem o rio S. Gonçalo defronte a Pelotas.

Silva Tavares, que se achava acampado nas pontas da Turutama, logo communicou á guarnição do Rio Grande a passagem de Antonio Netto e retirou-se para as Porteiras, onde esperou as forças de Netto.

Achando-se a cidade do Rio Grande sem trincheiras, Silva Tavares não quiz arriscar um combate e deixar tomar a cidade, que estava sem meios de resistencia. Logo que appareceu a columna de Juca Netto, Silva Tavares se poz em retirada e acampou alem da povoação de Tahim, onde esperou quatro dias sem que o inimigo apparecesse.

Silva Tavares contramarchou com 200 homens, deixando o resto da força e foi em procura da columna inimiga; encontrando-a, que tambem vinha em marcha, na costa da lagoa de Cayubá, poz-lhe guerrilhas e se poz em retirada. Netto tratou de perseguil-o com fortes guerrilhas até á capella de Tahim.

Encorporando-se Silva Tavares com a força que havia deixado, foi acampar no fundo do Curral Alto, onde pretendia esperar o inimigo, não para dar combate e sim levar-o á frente, enquanto se construiam trincheiras no Rio Grande.

Alguns dias depois, como o inimigo não apparecesse e as descobertas dessem parte que elle se achava acampado abaixo da capella, na costa de um banhado, Silva Tavares mandou o capitão Pedro Nunes com 50 homens tiroteal-o; neste tiroteio tomou-se ao inimigo uma cavallhada da artilharia e se fez um prisioneiro, que declarou que estavam á espera de cavallhada, que devia chegar muito prompto.

Silva Tavares retirou-se para a fazenda de Antonio Correia (conhecido por Cabeça-Quebrada).

Aos poucos dias chegou parte que o inimigo vinha em marcha; logo Silva Tavares providenciou a retirada, partindo á meia-noite. Ao romper do dia a vanguarda de Netto estava no acampamento que Silva Tavares havia deixado.

A perseguição foi tenaz, não havendo logar para dormir e carnear durante tres dias, tendo Silva Tavares de emigrar na fronteira do Chuy para o Estado Oriental e logo repassou em Jaguarão, pelo passo do Centurião.

Marchou Jaguarão acima, depois para Candiota, donde mandou saber das forças de Bento Manoel e receber ordens. Estando na barra do Seival, teve parte que, no passo do Lagado, no Jaguarão, havia uma força.

No dia 10 de Setembro marchou para fazer esse reconhecimento; foi quando appareceu das pontas do Seival a força de Netto. Silva Tavares fez um retirada a tomar posição e esperou; travou-se o combate; a sua esquerda foi rechassada e a direita rechassou a de Netto. No entrevero, não se soube

como, ficou o cavallo de Silva Tavares sem freio; o capitão Pedro Fagundes foi quem laçou o cavallo, tirando Silva Tavares do perigo.

Se não me engano, foi no dia 12 que se proclamou a república por influencia de Joaquim Pedro Sores e Manoel Lucas de Oliveira.

Segundo se dizia, tinha vindo ajudar esse combate do Seival o coronel Sanes (conhecido por Calengo) o que se verificou, porque, tendo sido o Jôca, filho de Silva Tavares, prisioneiro, elle Calengo mandou pedir a Netto que lhe mandasse este prisioneiro e que nada mais queria, pois estava a força de Netto no mesmo acampamento das de Calengo, tendo só o Jaguarão por meio. Esta força pertencia ao exercito de Manoel Oribe. Quando Jôca chegou á presença de Calengo, este lhe disse: — Fiz isto, porque devo a seu pae innumerous favores quando estive emigrado.

Silva Tavares, com a gente que se escapou do combate, foi a Caçapava; onde se encorporou ao general Bento Manoel; marcharam quatro dias em perseguição de Netto e David Canabarro.

Mandando Bento Manoel a Silva Tavares para o municipio de Jaguarão, já se achando sua familia em casa do seu sogro Bonifacio José Nunes, vindo do Estado Oriental, foi elle ali direito. No dia seguinte ao ter chegado, foi surprehendido muito cedo o acampamento e ao mesmo tempo atacada a casa de seu sogro, onde elle se achava. Havendo resistencia, entraram em proposta á tarde com David Canabarro, do que resultou entregar-se Silva Tavares com a condição de ficar o seu filho Jôca para garantia da familia e elle escolher o official para a sua guarda. Bonifacio Nunes convidou David a entrar, este aceitou e tranquilisou a familia.

Chegando Silva Tavares ao exercito de Netto, houve grande alarme para matal-o. David Canabarro se oppoz, fazendo nessa occasião imposições.

Tendo Netto de dividir as forças e David Canabarro de seguir para o Alegrete, tiveram uma conferencia a respeito de Silva Tavares, ficando este na força de Netto. Dias depois mandaram remachar-lhe um par de machos.

Tendo a força de Netto emigrado temporariamente, ficou Silva Tavares sob a guarda do Menino-Diabo, que o conduziu para a barra do Chuy, no Estado Oriental; já lhe tinham tirado os machos e botado umas algemas, assim como em seu cunhado Serafim Caetano.

Conseguindo Silva Tavares seduzir o commandante da guarda, este fez uma chave de pau (de coronilha) com que abriu as algemas (a que fechava ficava sempre em poder do Menino-Diabo e fugou, levando comsigo o commandante da guarda, passou o Jaguarão e foi para o Rio Grande, onde foi muito bem recebido pela população como salvador daquela cidade.

Recebeu ordem do presidente de assumir o commando das forças que se achavam na margem direita do S. Gonçalo; mais tarde passou o rio S. Gonçalo a occupar Pelotas.

Fez uma expedição sobre o capão do Leão, com fim de reconhecer uma força que constava que se approximava daquelle ponto. Encontrando-se com a força de Crescencio, retirou-se para a cidade de Pelotas debaixo de forte tiroteio.

Teve ordem de passar o S. Gonçalo, em vista das forças legaes terem desaparecido da campanha. Occupou o acampamento do Rincão dos Touros, onde se formou novo exercito e se fez base de operações.

Marchou com a divisão do general Calderon e junto á villa do Herval tiveram fortes guerrilhas com as forças de Bento Gonçalves e acamparam esse dia no Arroio das Pedras.

No dia seguinte o general teve parte da derrota do exercito no Rio Pardo; chamou os officiaes superiores a conselho e accordaram em contramarchar.

O general entregou a retirada a Silva Tavares, como homem mais pratico e conhecedor do terreno. Este ordenou para que fossem feitos fogos em todo o acampamento, logo que fechasse a noite e a força estivesse prompta a marchar. O inimigo achava-se a meia legua de distancia. A's 8 horas mais ou menos levantaram acampamento, ficando os fogos em toda a extensão do acampamento bem accesos. Caminhou-se 14 leguas; chegando-se a S. Gonçalo a 1 hora mais ou menos da tarde, tratou-se logo de transpol-o. A's cinco da tarde chegou a vanguarda de Bento Gonçalves.

Silva Tavares teve ordem de occupar o Rincão dos Touros; mais tarde transpoz o S. Gonçalo em busca do coronel Florentino Manteiga, que ali se achava, conseguindo derrotal-o.

Seguindo em perseguição do tenente-coronel Camillo Campello, até Candiota, não conseguindo batel-o, regressou ao S. Gonçalo.

Tendo ordem do general João Paulo Barreto de encorporar-se, passou o S. Gonçalo e encorporou-se no Cerro do

Bahú; foi-lhe dada uma brigada de infantaria, formando uma divisão.

O exercito acampou em S. Vicente, onde passou o inverno.

Vindo depois para o Vaccacahy, Silva Tavares adoeceu. Depois de melhorar pediu licença para ir ao Rio Grande, onde estava sua familia.

Restabelecido, voltou ao exercito e logo teve ordem de occupar a margem esquerda do S. Gonçalo, onde esperou até a chegada do Barão de Caxias, com quem marchou a encorporar-se ao exercito que se achava na margem direita do rio Jacuhy, junto a Cachoeira, marchando-se em seguida sobre o exercito revolucionario.

Chegando-se á costa do Santa Maria, Rincão do Barreto, o general disse que pretendia demorar-se alguns mezes, devido a má estação; em vista do que Silva Tavares pediu licença para ir ao Rio Grande, sobre assumptos de familia.

Quando voltou ao exercito, tratava-se da paz. Recolheu-se então Silva Tavares ao lar da familia, pauperrimo, pelo que lhe foi dada pelo governo uma pensão de um conto e duzentos mil réis por anno.

Foi mais tarde agraciado com o titulo de Barão do Cerro Alegre e commandante da fronteira de Bagé.

Na guerra do Paraguay, prestou Silva Tavares ainda relevantes serviços, reunindo cinco corpos de voluntarios que fez seguir para a campanha.

(De um manuscripto do archivo da familia Tavares.)

Feitos e serviços prestados na revolução da provincia do Rio Grande do Sul, pelo Visconde de Cerro Alegre

Em 1835 quando o coronel Bento Gonçalves da Silva planejou revolucionar a provincia, sendo intimo amigo e com-padre do tenente-coronel João da Silva Tavares, procurou-o e deu-lhe conhecimento de sua resolução, convidando-o a tomar parte no movimento politico.

Silva Tavares contestou as conveniencias que Bento Gonçalves previa, terminando por declarar-lhe que se opporia com todas as suas forças.

O capitão José Theodoro, notavel pelos seus grandes feitos de armas na anterior guerra de 1825, como commandante

de guerrilhas, que concordava com a opinião de Silva Tavares, combinou operar de accordo com este, contra tão fatal resolução do amigo commum Bento Gonçalves. Não encontrando o chefe da revolução outro obstaculo que não este, foi resolvido o exterminio dos dois adversarios da idéa.

Desde então numerosas emboscadas foram feitas contra elles, sendo, afinal, em Agosto de 1835, victima de um seu cunhado, que a traição o assassinou, o bravo capitão José Theodoro, conseguindo Silva Tavares escapar incolume de todas as emboscadas e traições ²⁾ que lhe prepararam, até que chegou o dia 20 de Setembro, fatal para a provincia.

No dia 22 desse mez amanheceu cercada a casa de sua residencia por uma força de 36 homens, commandada pelos coroneis Gervasio Verdum e Chiverte (orientaes immigrados com Lavalleja) e o major brasileiro Rolim, sendo grande parte desta força composta de officiaes brasileiros e orientaes.

Silva Tavares, tendo aviso de que ia ser atacado em casa, retirou-se com 20 homens que tinha reunido, a uma legua de distancia, deixando a casa guarneçada apenas por tres homens, tendo feito seteiras, e com armamento bastante para resistencia.

Choveu torrencialmente toda noite e ao amanhecer rompeu o fogo em casa. Veio Silva Tavares em soccorro, não conseguindo passar, porque o galho do Arroio Grande que o separava da casa sitiada, estava litteralmente cheio. Verdum, vendo descer aquella força ao passo, mandou reconhecê-la; Silva Tavares mandou dali pedir a Verdum que se não retirasse, que em breve estaria com elle, e que ia pouco mais acima despontar o arroio.

Verdum retirou-se, seguindo o rumo do Centurião, passo no rio Jaguarão, procurando encorporar-se com Camillo dos Santos Campello, que andava reunindo gente para a revolução.

²⁾ Foram notaveis estas emboscadas: uma pelo pardo João Thomaz, que se veio emboscar dentro do jardim, onde Silva Tavares costumava ir todas as tardes com a familia. O acaso permittiu que um dia não fosse e quando a familia presentiu o bandido, gritou e elle deitou a correr, ganhando as grandes lavouras, onde protegido pela noite pôde escapar para morrer depois no combate de 22 de Setembro.

Veio no dia 19 de Setembro o coronel oriental Santanna esperal-o em um capão de matto perto de casa, e dali mandou chamar Silva Tavares para uma conferencia. Este, já avisado por um espião que tinha junto a seus inimigos, que elle trazia dentro da manga da farda um punhal para, ao abraçar-o, apunhalal-o, não se fez esperar, e com dois companheiros o foi encontrar; querendo prendel-o, Santanna resistiu e foi morto, encontrando-se-lhe o punhal afiado na manga da farda. Muitas outras emboscadas lhe foram feitas, sempre mal succedidas.

Transposto o galho do Arroio Grande, encorporaram-se-lhe o capitão Jeronymo José Nunes e o tenente Serafim Ignacio dos Anjos, com 12 homens, que com os 3 que defenderam a casa, prefazião o total de 35 homens.

Verdum perdeu, no ataque á casa, o capitão oriental Pancho Ortiz, ficando portanto, também com 35 homens, na maioria officiaes.

Sendo perseguidos e alcançados na estancia de João dos Santos Campello, onde travaram combate, foram derrotadas as forças de Verdum, deixando mortos no campo 15 dos seus, inclusive Chiverte e Rolim. Dos legalistas morreram o capitão Jeronymo e uma praça, e sahiram feridos o alferes Serafim Caetano Alves Vieira e mais tres homens.

Perseguidos os fugitivos, que no dia seguinte já estavam reunidos no arroio do Bote, ali foram derrotados no dia 23, deixando mortos cinco, entre elles Verdum, que havia escapado ferido do combate.

Sabendo Silva Tavares que o capitão Domingos Crescencio de Carvalho, que comíandava o 4.º regimento, tinha proclamado, adherindo á revolução, chamou a encorporar-se-lhe o major David Francisco Pereira e o tenente Pedro José Nunes, com a gente que já tinham reunido, e crescendo dia a dia estas forças, marchou a 27 para a villa de Jaguarão á frente de 180 homens.

Na madrugada de 28 surprehendia a força ao mando de Crescencio, que se recolheu ao quartel, onde resistiu. Capitulando Crescencio, foi-lhe permittido retirar-se para o Estado Oriental com os officiaes que o quizessem acompanhar, compromettendo-se a não tomar armas contra o governo legal.

Passou a fronteira no mesmo dia, ficando Silva Tavares já ali com mais de 280 homens, augmentando as suas forças rapidamente como o povo que se lhe reunia.

Dali passou para o Herval, onde chegou com perto de 300 homens militarizados, no dia 30 do mesmo mez.

Marchou no dia 3 de Outubro com direcção a S. Lourenço, no municipio de Pelotas, onde se faziam fortes reuniões para os rebeldes.

Passou o Arroio Grande no passo do Retiro e ahi se lhe encorporou o major Manoel Marques de Souza (depois Conde de Porto Alegre) com 42 homens.

Tendo este acceitado a proposta de suspensão de armas por cinco dias que lhe fizera Florentino Antunes da Porciun-

cula, chefe rebelde e cunhado de Bento Gonçalves, forçoso foi esperar os tres dias que faltavam, não obstante a desapprovação que merecera a Silva Tavares tal condescendencia de seu amigo.

Findo o prazo estava já Florentino Antunes³⁾ com mais de 600 homens, porem indisciplinados e mal armados, e a força legal constava de pouco mais de 300 homens. Atacados, foram completamente derrotados os rebeldes, deixando mortos no campo 40; dos legalistas morreram dois e foram feridos cinco.

Tendo deixado Silva Tavares no Herval e municipio de Jaguarão o major David Francisco Pereira e o tenente Serafim Ignacio dos Anjos com 30 homens procedendo a fortes reuniões, contramarchou para encorporar-se a elles.

No mesmo passo do Retiro encontrou-se com Antonio Netto no dia 15 desse mez. Este com mais de 800 homens tinha feito marchas forçadas desde Bagé, em busca de Silva Tavares. Encontrados ali com forças tão desiguaes, travaram fortes guerrilhas todo o dia, sem que nem um nem outro podesse transpor o passo.

Ao anoitecer Netto dividiu a sua gente, e mandou parte della atravessar outro passo que havia um pouco acima, no Arroio Grande.

Descoberto esse movimento, que tinha por fim obrigar Silva Tavares a abandonar o passo, do que lhe resultaria inevitavel derrota no dia seguinte, este dispersou á noite a força, marcando ponto de reunião no Herval, onde se achariam o major David e o tenente Serafim Ignacio dos Anjos com a gente que tinham reunido, e transpoz o S. Gonçalo na barra.

Não pôde conseguir essa encorporação, porque, tendo os rebeldes feito emigrar o general Barreto, para o municipio de Jaguarão, convergiram todas as suas forças procurando desbaratar a unica força legal que existia na provincia. Assim é que viu-se obrigado a emigrar para o Estado Oriental, com os homens que tinha, recolhendo-se á sua estancia de Taquary, esperando occasião de voltar á provincia.

Vindo da Côrte o Dr. José de Arujo Ribeiro presidir a provincia, officiou a Silva Tavares, convidando-o para voltar a tomar parte na defeza da integridade do imperio. Não se fez elle esperar, voltando logo com a gente que comsigo conservava, sustentando-a á sua custa e montada em cavallhada

³⁾ Estava na mesma força o coronel Manoel Antunes da Porciuncula, irmão de Florentino; variam as noticias de qual delles comandava a força, sendo ambos coroneis.

sua, apresentou-se no municipio de Jaguarão, reunindo ali quanto pôde, e incorporando outras reuniões dos municipios de Pelotas e de Piratiny, marchou com perto de 300 homens a reunir-se á força de Bento Manoel, o que effectuou no passo de D. Pedrito, onde estavam já reunidos o coronel Medeiros e outros chefes, formando um pequeno nucleo de exercito.

Foi entregue o commando da vanguarda a Silva Tavares, e no passo do Rosario, em Santa Maria, encontrando-se com a força de Corte Real, de mais de 600 homens, atacou-o, pondo-o em completa derrota, sem que do exercito lhe fosse preciso o menor auxilio. No campo do combate ficaram mortos e prisioneiros 180 homens, entre estes Corte Real. Da força legal só foram feridas seis praças.

Poucos dias depois ordenou-lhe Bento Manoel que voltasse aos municipios de Jaguarão, Piratiny, Pelotas, e até ao Rio Grande, activando as reuniões e operando convenientemente.

Em Junho de 1836 atravessou o S. Gonçalo no passo dos Canudos, e já se achava com perto de 400 homens acampado no Povo Novo, quando Netto e João Manoel de Lima atravessaram tambem o S. Gonçalo no passo dos Negros, com o fim de atacar a cidade do Rio Grande, que ainda se achava desprevenida de defesa.

Silva Tavares retirou-se para Cayubá, vagarosamente, chamando-lhes a attenção.

Para ali se dirigiram os rebeldes, travaram forte guerrilha no dia 13 de Junho, batendo-se todo o dia em retirada com direcção a Tahim, onde terminou a guerrilha já de noite, sendo feridos os alferes Serafim Caetano Alves Vieira, e mais tres praças legaes.

No dia seguinte continuou a retirada em guerrilha mais fraca, em direcção á fronteira do Chuy, até onde a levou, assim distrahindo o inimigo de seu ponto objectivo, emigrando em seguida para o Estado Oriental.

Os rebeldes contramarcharam para o Rio Grande, que já encontraram fortificado, e perdendo assim o fim de sua empreza, limitaram-se a sitiá-lo por poucos dias aquella cidade.

Silva Tavares no Estado Oriental foi intimado pela guarnição da fronteira para entregar as armas; oppoz-se a isso, e marchou. Não obstante ser diminuta, a força oriental perseguiu-o e elle teve de forçar as marchas para não comprometter-se em combate contra os orientaes.

Em marchas precipitadas, sem tempo para comer nem descansar, atravessando Olimar e Sebolaty, com mil difficuldades, no fim de cinco dias chegou á sua estancia em Tacuary.

Tendo mandado da estancia do Ramirez aviso a seu capataz, já encontrou ali 30 rezes mortas e toda a cavallhada da fazenda reunida. Chegou ali ao pôr do sol, descansou a força, comeram e tomaram cavallos em bom estado para marchar ás 3 horas da madrugada do dia seguinte, vindo no outro dia atravessar o Jaguarão no passo do Centurião e achou-se de novo na provincia com 300 homens.

No municipio de Jaguarão activou as suas reuniões para compensar o extravio que tinha tido com a precipitação da marcha atravez do Estado Oriental.

Reunidos ali seus agentes, elevou a sua força a 350 homens. Luctando contra todas as difficulddes no rigor do inverno e com muito poucos recursos, accelerou as operações, dirigindo-se para o Candiota em busca de Antonio Netto, que já se achava no municipio de Bagé tambem reunindo. Mandou descobrir-lhe a força por um agente de confiança, que o informou que pouco mais de 400 homens teria. Resolveu ir ao seu encontro, porque contava com 380 homens. Netto tambem já o procurava, combinado com o coronel oriental Calengo Sanes, que o devia auxiliar.

Na noite de 9 de Setembro atravessou esse coronel o rio Jaguarão-Grande, no passo do Salso, com mais de 200 homens preparados, com cavallhada para a peleja, que se travou no dia 10 nos campos do Seival. Persuadido Silva Tavares que teria á sua frente Netto com 400 homens, encontrou-se com mais de 600. Disposta a força em linha de combate, Silva Tavares entregou o commando da ala esquerda ao major David Francisco Pereira, occupando posição vantajosa, e não obstante o muito que lhe merecia este official, que tinha vindo ás suas ordens commandando um esquadrão, o tenente Pedro José Nunes, tido e havido pela primeira lança daquella época, mostrou-lhe o perigo que corriam aquelles combatentes que transpuzessem a canhada que tinham na frente com uma regular sanga.

Dirigiu elle o combate, commandando a ala direita, que, tendo favoravel terreno carregou com vantagem sobre o inimigo e fel-o recuar, levando-o de vencida. Nessa occasião uma bala cortou a cabeçada do freio do cavallo de Silva Tavares, que desfilou numa carreira vertiginosa, levando a confusão á sua gente.

O major David Pereira, vendo a vantagem da ala direita, despreza o perigo previsto, transpõe a canhada e a sanga, soffrendo nessa occasião a carga do inimigo com força dobrada e favorecida pelo terreno. E' esmagada a ala esquerda legal, levando-a em batida e contornando a ala direita pela retaguarda,

ao mesmo tempo que a força de protecção, carregando de frente sobre os legalistas, os entrevelava.

O resultado está claro que seria completa derrota de toda a força perdendo a legalidade os seus melhores cabos de guerra, entre elles o mesmo major David Pereira e o tenente Pedro José Nunes, que pagaram com a vida o seu excessivo arrojo. A perda foi grande entre mortos e prisioneiros.⁴⁾ Entre estes cahiu seu filho João Nunes da Silva Tavares, depois Barão de Itaquy, que contava 18 annos de idade.

Calengo Sanes tinha estado emigrado nesta provincia; e hospedado por Silva Tavares durante muitos mezes, dedicava amizade ao joven prisioneiro. Pediu-o logo a Netto e lho foi entregue, pondo-o em liberdade, conservando-o ainda em sua companhia dois dias que esteve com Netto.

Retirando-se Calengo para o seu paiz, levou comsigo João Nunes da Silva Tavares e o mandou, acompanhado por dois homens de sua confiança, entregar á sua Ex.^{ma} mãe, que se achava em sua estancia de Tacuary.

Depois da derrota, Silva Tavares atravessou o rio Camaquam no passo dos Enforcados, tratando de reunir os estraviados e todos os homens que podiam pegar em armas. Com mais de 200 homens juntou-se a Bento Manoel, nas immedições de Lavras e contramarchou até o serro do Tabolleiro, donde teve ordem de seguir para o municipio de Jaguarão e proceder a

4) Na força rebelde achava-se Marcellino Nunes, parente e intimo amigo de Pedro Nunes, inseparaveis companheiros nas pelejas da guerra anterior de 1825. Pedro lastimava a falta de Marcellino, que sempre lhe disputou o valor, e este desejava encontrar-se com Pedro para reconhecer qual o mais valente.

Na derrota Pedro Nunes, blasphemando, se retirava ao trote do cavallo, cercado pelo inimigo, e só fustigava o cavallo quando alguém se approximava, para lancear. Assim, dizem os inimigos, derrubou cinco.

Aos gritos de — aqui vae Pedro Nunes — Marcellino Nunes, approximou-se, mandou abrir o cerco e carregou sobre o antigo amigo, para ser victima, cahindo varado pela lança deste. A lança de haste de ferro entortou perto da folha e vinha elle procurando endireital-a sobre a cabeça do lombilho, dominando o inimigo com o olhar, quando é atravessado por uma bala. E assim acabaram em poucos segundos os dois leões dos combates.

Esta lança, passados 40 annos, foi offerecida por João Antonio de Menezes, que a levantou do campo da lucta, ao sobrinho de Pedro Nunes, o tenente-coronel José Facundo da Silva Tavares, que a guarda como reliquia.

Pedro José Nunes era o typo do valor, da bondade e do cavalheirismo. Dizem seus companheiros de armas que, quando vencedor, nunca o viram ferir um inimigo na perseguição, divertindo-se fazendo-os com a haste da lança cahir dos cavallo e ria ás gargalhadas vendo-os correr espavoridos, pedindo misericordia; então chamava-os e tornava-os prisioneiros.

novas reuniões. Tres dias depois recebeu um officio do mesmo Bento Manoel, dizendo-lhe que, estando o inimigo concentrado no Alegrete, elle dividisse a sua força em partidas, mandando reunir tambem nos municipios de Piratiny e de Pelotas.

Quiz Silva Tavares aproveitar este intersticio para remover sua familia do Estado Oriental para a cidade do Rio Grande e mandou-a buscar.

Quando elle chegava com suas forças ao districto do Herval, chegava tambem sua familia. No mesmo dia em que dispunha o transporte da familia e depois de se recolherem as descobertas, informando nada terem encontrado, mandou cernear e descansar.

Nesta occasião recebe um outro officio de Bento Manoel, entregue pelo capitão Barreto, recommendando-lhe as reuniões e dizendo-lhe que, alem das forças rebeldes no Alegrete, tinha apparecido em S. Gabriel David Canabarro, que ia em sua perseguição já, pelo Inhatium, com direcção ao Pau Fincado.

Quando acabava de ler este officio, foi atacado em casa de seu sogro Bonifacio José Nunes, e o mesmo tempo a sua força que estava acampada na margem esquerda de um galho do Arroio Grande.

Da força surprehendida uns correram aos cavallo, que estavam á sóga, e fugiram e outros precipitaram-se no matto. A perseguição aos debandados foi pequena, porque, atacando-os os rebeldes pela margem direita, tiveram de transpor o arroio, que tinha apenas um só passo e muito estreito, só conseguindo matar dois homens e prender outros dois, os quaes disseram que o chefe, com grande parte dos officiaes, estava em casa.

Tocando a reunir, marcharam os rebeldes a toda a força a sitiar a casa, quintas e lavouras, que eram em grande extensão.

Os primeiros que atacaram a casa tiveram 3 homens fóra de combate (1 morto e 2 feridos gravemente). Sitiada a casa, Canabarro mandou intimar que se rendessem, senão atacaria a casa. A ameaça não impressionou os sitiados por conhecerem a resistencia que apresentava o edificio, alem de que estava guarneecido por 25 homens bem armados e dispostos.

Outro foi o seu receio. Dentro de casa havia mais de cem pessoas e os viveres só chegariam para um ou dois dias. Os depositos da estancia estavam em galpões da parte de fóra e por isso á disposição dos sitiantes.

Não havia esperança de soccorro, visto que a força que lhes ficava mais perto era a de Bento Manoel, que naquella dia estava no Pau Fincado, a 60 leguas de distancia.

Canabarro sabia disso e prefiriria, em vez de sacrificar a sua gente atacando a casa, sitial-a, esperando que a fome e

a sêde os obrigassem a render-se. Reunidos em conselho os officiaes sitiados e tendo em consideração a critica posição em que se achavã, resolveram render-se.

Sahiu o velho Bonifacio Nunes ao peso dos seus 90 annos a entender-se com Canabarro, que, não se fazendo esperar, conferenciou com Silva Tavares, a quem garantiu sob a palavra de honra a vida de todos e deixar o joven João Nunes da Silva Tavares acompanhando a familia.

Entregaram todos as armas, ficando prisioneiros, entre officiaes e soldados, 25 em casa e dois no acampamento, tendo já dois mortos no acampamento e um na quinta.

Foi no dia 17 de Dezembro de 1836 que soffreu a legalidade este desastre.⁵⁾

Regressando Canabarro ao exercito rebelde com os legalistas prisioneiros, houve ali grande agitação entre officiaes e soldados, que pediam a morte de Silva Tavares. Canabarro, porém, oppoz-se formalmente ao assassinato, sustentando a sua palavra de honra; confiou a guarda de Silva Tavares e de sua officialidade a officiaes de sua confiança e conseguiu, á força de energia, defender-lhes as vidas. Sahindo Canabarro em operações com sua brigada, ficaram os prisioneiros entregues ao exercito rebelde.

Poucos dias depois foram postos em liberdade muitos, ficando o tenente-coronel Silva Tavares, o capitão Serafim Caetano Alves Vieira e o tenente Genuino Dutra Fagundes, aos quaes estavam reservados muitos martyrios.

A Silva Tavares lançaram pesados grilhões,⁶⁾ e elle e os seus companheiros eram algemados todas as noites. Nesta triste situação se conservaram até fins de Fevereiro, em que foram entregues ao capitão rebelde Menino Diabo (tão malvado que mais tarde tiveram os chefes rebeldes de mandar fuzilal-o) no passo do Salso, no rio Jaguarão, onde foram tirados os grilhões a Silva Tavares e remettidos algemados para o Estado Oriental, para ali serem fuzilados.

No dia 10 de março de 1837 o commandante da guarda, sargento Segismundo, preveniu os prisioneiros que no dia seguinte findariam seus dias. Silva Tavares aproveitou essa occasião para peitar o sargento, que, depois de muitas reluctan-

⁵⁾ Depois de preso, Silva Tavares disse a Canabarro: Estou preso e fui surprehendido, porque estava lendo o 2.º officio quando V. Ex. avançou, e em que se me dizia que V. Ex. havia 3 dias, ia perseguido para o Pau Fincado. A resposta foi esta:

„Que quer, amigo; ama-se a traição e aborrece-se o traidor.“

⁶⁾ Estes grilhões, que pesam 27½ libras, foram, passados 41 annos, offercidos ao tenente-coronel José Facundo da Silva Tavares pelo seu particular amigo Manoel de Souza Netto, irmão de Antonio Netto, um dos mais prestigiosos caudilhos da revolução.

cias, apesar de receioso das consequencias, deante da promessa de 2:000\$000 e transporte para a Bahia, resolveu fugir com os prisioneiros.

A' tarde, quando os recolheu e algemou, deixou as algemas abertas e alta noite na occasião em que todos dormiam e sómente elle e a sentinella estavam em seus postos, Segismundo mandou pela sentinella buscar agua para beber, ao arroio, que distava algumas braças da barraca.

Aproveitando este interim, saem Silva Tavares e seus companheiros, levando sómente os freios dos cavallo. Ao regressar a sentinella, Segismundo collocou-a no seu posto de honra, guardando a barraca e as algemas, que ali ficaram e foi reunir-se aos seus novos amigos. Montaram nos melhores cavallo que estavam á sóga e a todo galope se dirigiram para a fronteira. A's tres horas da madrugada estavam na Serra do Rio, fazenda de Bonifacio Nunes, da qual era administrador um cunhado de Silva Tavares, que forneceu arreios para todos e deu-lhes as poucas armas que tinha.

Ao amanhecer do dia 11, atravessaram a fronteira, no passo do Centurião e a tres leguas de distancia occultaram-se em um capão de matto, onde descansaram durante o dia. Ao anoitecer encetaram a marcha para os Canudos, chegando ali no dia seguinte ás oito horas da manhã, sendo recebidos pelos seus companheiros de armas com todas as demonstrações de apreço.

Dois dias depois seguiram para a cidade do Rio Grande, sendo esperados fora das trincheiras por seus habitantes que deram a Silva Tavares as mais solemnes provas de consideração e enthusiasmo, testemunhando-lhe por esta fórma a sua gratidão, por tel-os livrado das garras do inimigo, que, poucos mezes antes, os tinha ameaçado.

O commercio cotisou-se para remunerar o sargento Segismundo e, em vez de 2:000\$000 que lhe haviam sido promettidos por Silva Tavares, deu-lhe 10:000\$000 e passagem gratis para a Bahia sua provincia natal.

Feita a apresentação de Silva Tavares ao commando das armas e presidente da provincia, teve ordem de assumir o commando da força de cavallaria que se encontrava na margem direita do rio S. Gonçalo e foi nomeado commandante superior da guarda nacional da provincia.

Dahi em deante correram as operações por ordem dos generaes que o commandavam, devendo constar, dos documentos officiaes existentes nas respectivas secretarias, os serviços que prestou á patria.

(De um manuscrito do archivo da familia Tavares.)

Fuga de Silva Tavares

5 de Fevereiro de 1837.

Grandes e penosos trabalhos soffreu em todo o periodo de seu captiveiro o commandante superior da guarda nacional desta provincia João da Silva Tavares. Logo que elle se rendeu a seus inimigos, deitaram-lhe ferros aos pés que pesavam 3 arrobas e com os quaes andou 18 dias. Este homem, apezar de todos os maus tratos e insultos que soffreu dos rebeldes, não perdia um momento que não fosse empregado em tratar da sua fuga. Cercado de immensos perigos, no meio de tantos furiosos, elle sempre sustentou uma coragem superior á fraqueza de seus barbaros inimigos: 9 tentativas fez para se evadir e todas foram mallogradas. Mas o bravo Silva Tavares, longe de esmorecer com tanto infortunio, crescia cada vez mais em seu coração o nobre desejo de espedaçar os grilhões com que a traição e rebeldia o tinham escravizado. A divina providencia, que vela sobre os nossos destinos, o salvou na decima tentativa e restituiu á legalidade o seu primeiro defensor.

Antes, porem, que elle chegasse aos seus fins, que de males e afflicções não padece! Os seus barbaros inimigos jamais deixaram de encher de angustias o seu magoado coração e tudo quanto podia aggravar seus tormentos foi por esta canalha posto em pratica. Não nos admira, porem, que os rebeldes o tratassem assim deste lado da provincia; o que mais nos admira é saber que, quando os farroupilhas emigraram para o Estado Oriental, foi elle ainda mais maltratado, não só dos rebeldes, como tambem pelo famoso Servando Gomez, commandante do departamento de Cerro Largo, que, longe de desarmar os rebeldes, que tinham emigrado, prestou todos os recursos e protegeu-os o mais que pode (violando desta arte os protestos que o presidente daquella republica tem feito de *manter a mais rigorosa neutralidade nos negocios desta provincia*) afim de se esconder naquelle territorio não só a artilharia dos rebeldes como os prisioneiros.

Uma fabrica de polvora dirigida pelo *probo e virtuoso* Domingos de Almeida, trabalha constantemente debaixo da protecção do mesmo Servando; e este chefe oriental, não contente com estes obsequios que aos rebeldes tem prestado, fingiu ignorar que Silva Tavares e seus camaradas estavam presos e algemados naquelle territorio e, de accordo com o vice-presidente da republica dos pilhas, consentiu que Silva Tavares e dois companheiros fossem para a casa de Manoel Gonçalves,

anarchista feroz que tem assassinado muitos brasileiros, para ali serem assassinados! Era o commndante da guarda de Silva o Menino Diabo e, na falta deste, um sargento, o qual tratou com Silva, de, na tarde de 5 do corrente, fugirem todos. Assim aconteceu.

A's 11 horas da noite, o sargento preparou-se para a empreza, e aproveitando-se da ausencia de Menino Diabo, tomou a arma de uma sentinella e a mandou buscar agua a um arroio. Nessa occasião conseguiu desalgemar os prisioneiros; mas, como viesse logo o soldado com a agua, não a quiz beber, dizendo que não prestava e que fosse buscar outra melhor. Foi o soldado outra vez buscar agua e neste intervallo sahiram os presos e foram para o logar destinado pelo sargento, esperar por elle.

Dentro da barraca ficaram os ponchos cobrindo os arreios, para fingir que ali estavam dormindo os prisioneiros. Logo que chegou o soldado farroupilha com a agua, o sargento deu-lhe a arma, recommendando-lhe toda a cautella com os prisioneiros. Seguiu ao logar onde estavam escondidos e os guiou para onde tinha os cavallos, com os quaes se ausentaram de tão infame canalha.

— Dizem que o Menino Diabo, por 4:000\$000, muito contribuiu para se escaparem das algemas os prisioneiros confiados á sua guarda.

(Do *Mercantil*, do Rio Grande, de 18 de Fevereiro de 1837.)

O Jacuhy e suas nascentes

Um problema geographico

Conferencia feita na Sociedade de
Geographia, pelo major Souza Docca

A vida do homem está, como accentuou Emmanuel Martonne, eminente professor de geographia em Sorbonne em uma dependencia tão estreita da vida dos rios, que se comprehende facilmente o interesse com que se tem sempre seguido seus movimentos.

Ao penetrar neste templo, onde se congregam e pontificam sabedores da sciencia geographica, entendi que o devia fazer dizendo alguma cousa sobre um dos rios que mais tem contribuido para o desenvolvimento e expansão de nossas riquezas.

Não é uma monographia sobre o Jacuhy, nem mesmo um estudo, são simples notas o que vou lêr sobre esse majestoso rio do sul do Brasil, fazendo ao mesmo tempo algumas suggestões.

HISTORICO DO JACUHY

O desmoronamento que produziu o leito das bahias de Santos e Paranaguá, e nellas permittio a invasão das aguas do Atlantico, fazendo-se sentir mais para o sul, alterou profundamente uma grande-parte da estrutura physica do Jacuhy.

Este rio, ha muitas dezenas de milhares de annos, quando o nivel das terras de sua bacia hydrographica era mais alto, devia deslizar, depois de sua pronunciada inflexão para o sul, a NO. de Porto Alegre, por um valle que lhe permittia se lançasse directamente no Oceano.

O abatimento das terras, porém, alargou extraordinariamente o leito primitivo até o Atlantico, que-então, em fórmula de golfo, se estendeu aos actuaes dominios do Guahyba.

E' isto attestado pelo facto de se ter ahi encontrado uma vertebra de baleia (*Balaenoptera*) e diversas ostras fosseis, de character maritimo, na Barra do Ribeiro.

Esta ultima descoberta foi feita pelo Marechal José Raphael Alves de Azambuja, actual commandante do Collegio Militar de Porto Alegre.

Entre o antigo leito do Jacuhy e o Oceano devia ter ficado uma peninsula que desapareceu pouco a pouco, sob a acção da dynamica terrestre externa.

Na base rochea da peninsula extincta, porém, as ondas e as correntes passaram a depositar grande quantidade de material de construcção e formaram a actual peninsula de alluviões apparentes, que sépara as aguas das lagôas Mirim e dos Patos das do Oceano, deixando apenas o canal do Rio Grande para suas communicações.

Não era ahi, sem duvida, a antiga foz do Jacuhy. Devia ser mais para o sul, depois de receber as aguas do Camaquam e do Jaguarão, como suppunha o scientista Dr. Herbert Smith.

A existencia de troncos de arvores silificadas (coniferas e fetos arborescentes), entre as camadas do carvão da bacia carbonifera na bacia hydrographica do Jacuhy, indicam, como observa o sabio Dr. Branner, que no tempo da deposição daquellas camadas as condições predominantes eram de terra firme e de lagôas d'agua doce.

O Guahyba é um prolongamento do Jacuhy. O indigena, dando essa denominação á majestosa bahia formada pelas aguas de quatro grandes rios, quiz, sem duvida, apenas, com aquella propriedade que lhe é peculiar na designação das cousas, assignalar o maravilhoso accidente geographico e o denominou *Guahybe* = a bahia, o seio, a reunião de todas as aguas.

A lagôa dos Patos, cuja area é de 9.000 klm², quasi a metade do estado Espirito Santo, é mais propriamente um lago e pertence á especie denominada — *atravessados por curso de agua*, como o são o do Constança, pelo Rheno; o de Genebra, pelo Rhodano; o da Guarda, pelo Mincio; o Superior, o de Michigan, o Eriê, pelo S. Lourenço; o de Baikal, pelo Angara, o Como, pelo Adda.

Alguns geographos ou exploradores antigos consideraram a barra do Rio Grande, como sendo a foz do Jacuhy.

O veneravel Padre Roque Gonzalez de Santa Cruz, em interessante relatorio que com data de 15 de Novembro de 1627 dirigiu ao Padre Nicoláo Duran, menciona que naquelle tempo „os portuguezes, deixando o navio fóra da barra, subiam pelo *Iay* para commerciareem entre os guaranys em roupas e chapeos.“

Por *Iay* o veneravel martyr designava, sem duvida, o actual Jacuhy, que para elle se lançava no Atlantico.

Na resposta que deu o sargento mór da praça de Santos, Manoel Gonçalves de Aguiar, em 26 de Agosto de 1721, ás perguntas que lhe fez o governador e capitão geral da cidade do Rio de Janeiro e Capitánias do Sul, Antonio de Brito e Menezes, sobre a costa e povoações do mesmo nome, disse „Declaro que o Rio Grande de S. Pedro terá de distancia da barra ás suas cabeceiras 50 leguas pouco mais ou menos, segundo dizem as pessoas que por elle andaram, e em partes é tão largo, que se não vê terra de uma para outra parte, e parece tudo um mar.“

Martinho de Mello e Castro, em officio dirigido ao Vice-Rei Luiz de Vasconcellos, em 27 de Janeiro de 1779, sobre a demarcação de limites, informou:

„O Rio Grande e Jacui, he hum só Rio com diversos nomes. Entra no Mar do Brasil, a pouco mais de trinta e dous grãos ao sul da linha, e tomando o nome de Rio Grande de São Pedro, se dirige ao Norte, formando a lagôa dos Patos que continua nessa direcção até Porto Alegre, e aqui volta para o continente, tomando o rumo de Oeste e o nome de „Goyaba“ até o Rio Pardo, delle seguindo o mesmo rumo e já com o nome de Jacui continua até a embocadura do Vaccacai Guaçú. Neste sitio volta outra vez para o Norte e recebendo da parte do continente as aguas dos pequenos rios Vaccacai-miri, Araricá e outros tão insignificantes como elles, se dirige para Leste a buscar as suas cabeceiras nos campos da Vaccaria.“

Um golpe de vista no *Mappa da Amerika Meridional*, de Juan de la Cruz Cano y Olmedilla, nos revela que as informações acima transcriptas foram ahi colhidas.

O nome Jacuhy, que é c. de *jacu-y*, o rio dos jacus (*y-a-cú*, o que come, o que traga grãos, fructos. Ave gallinacea do genero penelope) principiou a figurar em a nomenclatura geographica sul riograndense a partir de 1775.

Um rapido exame nos antigos mappas do territorio que hoje constitue o bello Estado sulino, nos informa das curiosas mutações, por que tem passado o nome do Jacuhy.

No „Primeiro Mappa do Paraguay“, construido pelos jesuitas dessa Provincia e offerecido ao R. P. Vicente Garaffa (1645—49), figura com duas denominações: *Rio Grande* até a foz do Tebiquary e tendo como tributarios na margem esquerda, além do ultimo citado os rios Curuyarei e Caii; a outra denominação é *Yguai*, desde o ponto acima referido até suas nascentes ao S. de Santa Theresa, tendo tambem como affluente na margem esquerda o rio Jequi.

No „Segundo Mappa do Paraguay“ (1722), construido pelos referidos jesuitas e offerecido ao R. P. Michelangelo Tam-

burini, conserva ainda o nome de *Rio Grande* até a barra do Tebiquary e dahi para cima o de *Ygay*.

Houve, como se vê, syncope do *u* do mappa primitivo. O Jequi, actual Rio Pardo, tambem desapareceu dentre os seus affluentes. E' de notar que o Rio Grande é ahi figurado como desaguando no Oceano Atlantico, tendo ao N. de sua foz a lagôa dos Patos.

No „Terceiro Mappa do Paraguay“, construido em 1732 pelos referidos jesuitas e offerecido ao R. P. Franciscus Retz, continua a figurar o *Rio Grande*, como nos mappas já citados e reaparece o *Iguay*, com as letras inicial e ultima transpostas, tendo como tributario o Jequi.

No „Mappa dos Plenipotenciarios de Portugal e Hespanha“, datado de 1749 e vulgarmente conhecido por *Mappa das Côrtes*, o Jacuhy actual figura com o nome de *Iguacû* e desaguando na lagôa dos Patos, que pela primeira vez apparece devidamente localizada, porém o nome de *Rio Grande de S. Pedro*.

No „Mappa de los Confines de las dos Coronas de España y Portugal en la America Meridional“, retocado em 1760, se lê, pela primeira vez, o nome *Guahyba* para o Jacuhy, desde a sua foz na lagôa dos Patos, que ainda continua a figurar com a denominação de *Rio Grande*, até a barra do rio Guacacay, o actual Vaccacahy, que com aquelle nome principia a figurar em a nomenclatura geographica do Rio Grande do Sul. Dalli para o N. o Jacuhy é denominado *Rio Iaguy*. Tambem pela primeira vez é registrado o Botacarahy. O Rio Pardo principia a apparecer com este nome, em vez de Jequi. Desaguam ambos no Guayba.

No „Plano de la Capitanía General de las tres Provincias del Rio de la Plata, Paraguay, Tucumán“, feito em 1760, por Francisco Millau y Maraval, o nome *Rio Grande* é dado ao actual Jacuhy, desde sua embocadura na lagôa dos Patos, que ali figura com a denominação de *Laguna del Rio Grande*, até ás nascentes do hodierno Vaccacahy. E' a primeira e unica vez que encontramos este caudal assim registrado.

O nome *Iaguy* desapareceu deste mappa para dar lugar ao *Igay*, que pela terceira vez se lê na cartographia sul rio-grandense.

No „Mappa Geographico da America Meridional“, construido e gravado de ordem do Rei de Hespanha por Juan de la Cruz Cano y Olmedilla, em 1775, o Guahyba reaparece como no mappa de 1760 acima referido, isto é: com esse nome desde a foz do Vaccacahy actual, que ali é registrado com o nome de *Guacaruzgay*, até se lançar na lagôa dos Patos, que pela primeira vez figura com essa denominação. Ao curso do

actual Jacuhy, da barra do Vaccacahy Mirim — então Araricá — para o N. são dados dous nomes *Yacuy* ou *Jacuy*, como grapharia o autor se fosse portuguez e *Jucay*.

A denominação geral *Igay*, foi deixada sómente para o actual Jacuhyzinho.

O Jacuhy depois da confluencia dos dous galhos que descem dos municípios de Palmeira e Passo Fundo, faz uma inflexão pronunciada para S. direcção essa que conserva até o meandro em que se lança o Soturno, ahi se inclina para SSE até confluir com o Vaccacahy, formando um angulo agudo, e assim avolumado corre na direcção geral de L., descrevendo grandes curvas, até NNO da capital do Estado, isto é, até receber o nome de Guahyba, com o qual, extraordinariamente augmentado pela affluencia de tres grandes rios, corre para S. até confundir suas aguas com as da lagôa dos Patos, da qual emerge com o nome de Rio Grande, para se lançar no Atlantico. Herodoto, scintillante sempre em seus conceitos, considerava o Egypto como um presente do Nilo, em vista dos elementos de vida que o caudaloso rio espalha sobre aquella região.

Se do Rio Grande do Sul não se póde dizer o mesmo com relação ao Jacuhy, porque o Uruguay, com seus affluentes, auxilia na rega e fertilização do grandioso solo gaúcho, se tem, entretanto, o dever de reconhecer que esse rio é um dos principaes factores do progresso daquelle Estado.

O Jacuhy representou ali o mesmo e importante papel que no começo do seculo XVII desempenharam em Pernambuco, o Parnahyba o Goyana; que teve o Tiêê, como caminho da civilização brasileira; que coube ao S. Francisco, como via de penetração, de vida, de progresso, em Minas, Bahia, Pernambuco, Sergipe, Alagoas.

Ao longo do curso do Jacuhy e de seus affluentes os abnegados loyolanos no grandioso afan, nunca assaz louvado, de civilização estabeleceram no terceiro decennio do seculo XVII seis reduções.

Contemplaram, no mesmo seculo, as aguas majestosas do Jacuhy, os destemidos bandeirantes chefiados por Fernão Dias Paes Leme, Fernão Dias de Camargo, o Tigre, Francisco Bueno, Francisco Dias e no alvorecer do seculo XVIII Francisco de Brito Peixoto e João de Magalhães.

Subiram as aguas do Jacuhy, ainda no seculo XVIII, para demarcações de limites dos dominios dos reis de Hespanha e de Portugal, os exercitos de Gomes Freire de Andrade, que unidos aos de Val de Lirios exterminaram os indigenas, que pretenderam embargar-lhes os passos.

Nos fluxos e refluxos de nossas fronteiras pelos nossos embates com os filhos de Castella, estes jámais conseguiram

transpôr as barreiras do Jacuhy, em cujas margens se alteava, como um desafio, a Tamanqueira de Rio Pardo, — reducto invencível das armas brasileiras.

Pelas aguas do Jacuhy e de seus afluentes subiram em 1924 e se localizaram ao longo de suas margens os laboriosos filhos do paiz do Rheno, que como colonos ali aportavam.

Por essas mesmas aguas desceram, em seguida, em retorno para a Côrte, os infelizes filhos do continente africano, que desde 1783 trabalhavam na Real Feitoria do Linho Canhamo.

Desse modo foi inaugurado o trabalho livre no Rio Grande do Sul, dando-se um passo brilhante e memoravel para a civilização e para o progresso, porque sahimos, ali, do trabalho servil, que fôra praticado na antiguidade e que chegou até nossos dias como uma expressão de barbarismo, para o trabalho livre, que é uma das mais bellas conquistas da época moderna.

Graças á sua privilegiada rede hydrographica, tem o Jacuhy afluentes caudalosos por ambas as margens, desde seu curso superior até o inferior. Não precisa por isso da intervenção do homem para a irrigação de sua bacia, como succede com a do famoso rio africano, acima referido, que só tem afluentes em sua zona de erosão.

Ao longo das margens ubertosas do Jacuhy e de seus afluentes e confluentes se estabeleceram nucleos de agricultores, dando origem assim a muitas das nossas cidades e villas.

Nas cercanias dessas margens, orladas sempre por lindissimas fachadas de vegetação exuberante, é onde attinge no mais alto grau a densidade da população gaúcha.

Um laborioso formigueiro humano por ali se agita, revolvendo a terra dadivosa, espalhando a opima semente e colhendo o fructo compensador de seus trabalhos.

Ali ninguém tem fome, jámais existio a miseria e quem tiver a ventura de observar aquellas populações terá a impressão de que a alegria se estabeleceu em suas almas.

Nessas terras prodigiosas frutificam os productos de todos os climas, especialmente no formoso valle do rio das Antas, onde a natureza se esmerou em encantadores e variegados painéis, que lembram aos colonos helvetos as regiões encantadoras de sua patria.

Para se ter uma idéa da influencia do Jacuhy na vida do Rio Grande do Sul, basta dizer que a area de sua bacia hydrographica, é quasi a metade da área do Estado; que nessa bacia se concentravam na época do primeiro centenario de nossa independencia 1.236.960 almas ou sejam 324.860 a mais que a população sul riograndense, que era de 2.149.060. Setenta e dois eram os municipios gaúchos e na bacia do Jacuhy estavam localizados 36, precisamente a metade.

A densidade da população do Estado era em media de 7,59 por kilometro² e a da bacia do Jacuhy era de 8,93.

Foi de 42.470 o numero de nascimentos annuaes nos municipios do Jacuhy ou sejam 14.478 mais que nos outros municipios, visto que o total do Estado foi de 70.132.

Para 22.426 obitos occorridos no Estado durante um anno, foram registrados 12.148 nos municipios do Jacuhy ou seja 2.770 a mais.

Estabelecendo-se, porém, uma proporção entre a população da bacia do Jacuhy com a do resto do Estado, se verifica que o numero de mortos nesse resto em vez de 9.378 como foi, devia ser de 8.877 ou em vez de 12.148 subiria a 12.718 ou mais 570 além dos que effectivamente occorreram naquella região, cuja salubridade estes dados põem em evidencia.

Organizamos tambem um quadro de alguns generos da producção agricola e por elle se verifica que na safra de 1922—1923 foram colhidos:

Estado: Milho 1.702.780. Feijão 136.320. Arroz 184.850.

Bacia do Jacuhy: Milho 1.201.060. Quasi $\frac{3}{4}$ da producção geral. Feijão 91.830. Quasi $\frac{3}{4}$ da producção geral. Arroz 153.980. $\frac{5}{6}$ da producção geral.

Os algrismos da producção representam toneladas.

Quanto á pecuaria fizemos sómente um estudo comparativo dos bovinos e suínos e verificámos que dos 9.935.260 bovinos existentes no Estado 3.453.760 pertenciam á bacia hydrographica do Jacuhy ou seja $\frac{1}{3}$ da população geral. Esta inferioridade decorre da circumstancia de não estarem ahi localizados os maiores centros de criação riograndense, e que contrabalança a distribuição da riqueza do Estado.

O numero de suínos existentes na referida bacia era de 4.622.600 ou seja de $\frac{2}{3}$ da população geral de 6.083.050.

A navegação do Jacuhy, nas aguas maximas, é franca até o passo de seu nome; nas aguas medias até o porto do Rio Pardo, por vapores e ao de Cachoeira, por lanchões, que nas aguas minimas aportam facilmente ao primeiro local referido.

Entre as bellezas que se deparam no curso do Jacuhy, a par de suas pinturescas margens e além das ilhas que o salpicam e que embalsamam o seu ambiente, se salientam suas rumorosas cachoeiras, especialmente as do seu curso médio, que são: Caveiras, Sete Ilhas, D. Marcos, Velloso, Comprida, Almas, Negra, Fandango, Nossa Senhora, Inferno e Carioca.

Suas principaes ilhas além do minuscuro e encantador archipelago ao N. de Porto Alegre, são: Pau Vermelho, Grande, Paciencia, Fanfa, notavel esta, pelo combate ahi travado, em 4 de Setembro de 1836, entre as forças da legalidade commandadas por Bento Manoel Ribeiro e as farroupilhas dirigidas

pelo chefe da revolução Bento Gonçalves da Silva, que capitulou após heroica resistencia e que foi depois recolhido a uma fortaleza, por ter violado uma das principaes clausulas da capitulação.

A bacia hydrographica do Jacuhy é calculada em 139.490 klms² e o seu curso em cerca de 500 klms. Para este calculo o Jacuhy é considerado como nascente na Cochilha das Quinas e tendo a fôz no Guahyba a NE. de Porto Alegre.

O rio em apreço banha directamente as cidades de Cachoeira, Rio Pardo e as villas de Santo Amaro, S. Jeronymo e Triumpho e serve de divisa entre os municipios de Palmeira e Cruz Alta, pelo primeiro galho occidental e entre o ultimo municipio citado e o da Soledade, desde a embocadura do Jacuhyzinho até a confluencia e deste ponto para o S. separa Soledade de Julio de Castilhos e de Cachoeira e limita os municipios de S. Jeronymo e Porto Alegre com os de Santo Amaro e Triumpho.

Em longa investigação identificamos 86 affluentes para o Jacuhy, sendo 30 pela margem direita e 56 pela esquerda. Entre esses affluentes figuram rios de longo curso e navegaveis.

O Jacuhy em seu curso superior é encachoeirado, suas margens ahi são ornadas de mataria verde-negra, onde vicejam bellos exemplares de nossa flora. Na zona de compensação sua corrente é mais placida, seu leito mais largo e com maior profundidade e encerra ainda muitas quedas d'agua, sem interromperem de todo a navegação. De Rio Pardo para baixo, onde começa pronunciadamente a zona de deposito, o rio se faz preguiçoso, seu leito é menos profundo e principiam a apparecer as ilhotas, os baixios ou bancos de areia, formados com o material trazido da zona de erosão.

NASCENTES DO JACUHY

E' um ponto controvertido este, por não termos um criterio seguro, scientifico ou official para determinação da nascente principal dos rios.

Em quasi todos os livros didacticos, dictionarios e mappas geographicos, se menciona com sendo a nascente principal do Jacuhy, o galho que tem origem na encosta L. da cochilha das Quinas, nos campos da Estancia das Tesouras, no municipio da Palmeira, ao N. da cidade de Cruz Alta e que corre com o nome de Varejão até sua confluencia com o Pinheiro Marcado.

Para muitos estudiosos e conhecedores da geographia sul riograndese, especialmente os passo-fundenses, a principal nascente do Jacuhy é o galho que brota na cochilha do Povinho

da Entrada, proximo ao Matto Castelhana, no municipio de Passo Fundo, e que é geralmente conhecido por Jacuhyzinho.

Muitos o denominam Jacuhy Oriental e ao outro galho chamam Jacuhy Occidental.

Ha ainda quem despose a opinião de que o Jacuhy é a continuação ininterrupta do Vaccacahy Grande, sendo este, pois, a sua nascente principal.

Os que dão ao galho que desce da cochilha das Quinas as honras de nascente principal do maior rio do Estado sulino allegam o criterio anthropogeographico; os que reservam aquelle direito ao ramo que tem origem no municipio de Passo Fundo, se apoiam na circumstancia de ser esse galho mais volumoso e de maior extensão; os que opinam, finalmente, pelo Vaccacahy, se fundam no facto de ser este, dos tres galhos principaes, o unico que tem a direcção do tronco inferior do caudaloso rio.

Examinando esses tres criterios, verificamos:

1.º — Difficilimo, quasi impossivel, se não impossivel, é hoje despojar o galho que desce do municipio de Palmeira dos fôros de nascente principal do maior tributario da bacia oriental do Estado do Rio Grande do Sul.

A isso não se oppõem sómente denominações seculares, com profundas raizes em nossa tradição, mas tambem limites de municipios, de districtos e as demarcações constantes de antigas concessões de sesmarias.

Tudo isso, como sabemos, é uma das condições de grande peso para se eleger a nascente principal de um rio.

E' a condição anthropogeographica de que trata Geikie, em sua „Physical Geography“, dando-lhe grande importancia, ao ponto de entender que se deve considerar como nascente principal de um rio aquella que como tal é tida desde épocas remotas pelos habitantes da localidade.

E' um criterio arbitrario, que a verdade physica repelle, segundo a expressão de Vivien de Saint Martin, mas que em determinados casos se impõe e tem que ser aceito. E' o que acontece, como recorda o eminente geographo francez, com o Danubio e com o Mississipi.

Peschel, além do caso occorrido com o Danubio, do qual não é tido o Inn como nascente principal, lembra o do Rheno, cujo galho mais poderoso é o Arr. Isso decorre do facto de terem as tribus povoadoras das regiões banhadas pelos dous grandes rios, subido os galhos que hoje são tidos como nascentes principaes e aos quaes essas deram o nome do tronco inferior de cada um daquelles caudaes.

Carlo Porro em seu *Guida allo studio della geographia*

militar, diz que sendo difficil a determinação da nascente principal de um rio, no ponto em que diversos galhos se reúnem para tomarem a direcção do tronco inferior, a escolha deve ser convencional e attribuível ao uso local ou ás razões anthropogeographicas.

Estas razões ou o uso local, entretanto, nem sempre são applicaveis. Poderá se tratar de um rio inexplorado, desconhecido, ou sem denominação, como entre nós mesmo aconteceu, com o rio da Duvida, em Matto Grosso, a cuja historia estão hoje ligados os nomes de Roosevelt e de Rondon.

A condição anthropogeographica póde gerar graves inconvenientes como os occorridos quando se procurava determinar a nascente principal do Iquiry, no Acre.

Tal condição, como se vê, além de ser arbitraria, não tem applicação em todos os casos.

E' mister, entretanto, que se adopte uma regra fundada em principios sempre applicaveis.

2.º — O criterio dos que defendem o direito do Jacuhy-sinho, é de grande peso, sendo ao mesmo tempo o mais logico, se attendermos á funcção do rio como collecter de agua, visto que preenche duas condições principaes: é mais longo e mais volumoso que seu emulo.

Geikie quando opina pelo elemento historico, diz que este deve ser preferido ainda que de agua, menor que outros de sua vizinhança, o rio tenha sua origem em um simples olho porém que tenha sido considerado em épocas remotas pelos habitantes da localidade como a verdadeira nascente do rio.

O eminente autor salientando a circumstancia de que deve predominar a condição historica, posto que se trate do menor dos galhos elegiveis, deixa ver que a condição de maior peso é a que se prende á funcção principal do rio, sempre que a anthropogeographica não deva decidir.

Attendendo á funcção essencial de um rio, é muito importante a condição de maior collecter d'agua. Defende-a com brillantismo o erudito geographo Padre Geraldo Pauwels, que apresenta a seguinte fórmula: $V \times E$, e assim justifica: „Esta fórmula (extensão vezes volume) possui a grande vantagem de tomar em consideração de facto não só o volume e extensão, mas tambem (em V) a sua largura e profundidade, e até o seu declive, o qual entra sob a sua funcção, a velocidade, no calculo do volume.“

A Carlo Porro não passou desapercibida a funcção essencial do rio e tanto assim é que nos falla em „ramo principal ou galho collecter d'agua.“

3.º — Os que opinam pelo Vaccacahy como sendo a

nascente principal do Jacuhy, são os que estão com melhor fundamento sob o ponto de vista scientifico.

Geogeneticamente o Jacuhy e o Vaccacahy são um só rio. Deslisam ambos em terreno de periodo archeano. Dos tres galhos referidos é o unico que tem a direcção do tronco inferior do Jacuhy, visto correr na direcção geral de O para E, ora ao N. ora ao S. do paralelo de 30°. Apresenta apenas duas pequenas variantes: uma em o inicio de seu curso, correndo de S. para N. até a grande volta onde passa sob o leito da via ferrea de Bagé a Cacequy, a cerca de 35 kilometros a SO. da cidade de S. Gabriel; é a outra a começar ahi com sua inflexão para NNE, até receber as aguas do Salso. Desse ponto em deante, descrevendo grandes curvas, segue a direcção geral de O para E.

Um simples golpe de vista sobre a carta geographica, patenteia que as aguas do Jacuhy reunidas ás do Vaccacahy marcam a separação dos dous systemas orographicos do Rio Grande do Sul: Ao N. fica o Planalto brasileiro, que depois de percorrer os Estados de Mato Grosso, Goyaz e Minas, se estende para o S. indo morrer abruptamente, junto á cidade de Santa Maria; ao S. se alteia, aqui e alli, o prolongamento ramificado da Serra do Mar, com varias denominações locaes.

O character physico do Vaccacahy é o mesmo do Jacuhy; ambos são rios de baixada. O galho que desce do N., entretanto, é um rio de planalto e tem origem em terreno constituido de rochas eruptivas.

Considera-se como affluente de um rio o curso d'agua que não altera a direcção de seu recipiente, isto é, que não influê na direcção do curso inferior do rio em que se lança, perdendo a sua completamente. Sob este ponto de vista, o galho que desce do N. é um affluente perfeito.

Geographos de grande nomeada mundial, consideram o Marañon como a nascente principal do Amazonas, porque é dos galhos formadores deste o que mais se approxima da direcção de seu curso inferior.

Entretanto autoridades do valor de Vivien de Saint Martin e do saber de E. Reclus, consideram como nascente principal do Rio Mar o Ucayale „porque o volume deste é, com effeito superior ao do Marañon e suas cabeceiras são mais afastadas.“

A condição do mesmo rumo do tronco, não póde ser applicada em bacias hydrographicas irregulares, por não conservar seu eixo a mesma direcção, como pondera o padre Geraldo Pauwels, que lembra a existencia de bacias cujos eixos soffrem desviações de 45°—90° e até mais, como nos casos do São Francisco, do Orenoco, do Danubio, do Lena, do Amur, do Brahmaputra e muitos outros.

Dahi conclue o erudito geographo, que „conservar um galho o rumo do tronco, não parecer ser o sufficiente para proclamar-o principal“.

O General Rondon para opinar entre o antigo Castanha e o Aripuanã, aceitou integralmente o parecer do Almirante Ferreira da Silva, que entende que preenche a condição essencial para ser elegido como nascente principal o galho „que conservar a direcção igual do rio ou que della mais se approximar“.

Outras condições ainda existem para a determinação da nascente principal de um rio:

Altitude das nascentes — Entre dous ramos elegiveis deve ser escolhido o de maior cota em sua origem, segundo a opinião do Almirante Ferreira da Silva, que entende tambem se não deve recorrer a essa condição quando se tratar de rios de planicie.

E' de notar que a altitude da nascente não influe sempre na direcção nem no volume da agua e muito menos na extensão do galho.

Será, pois, quando muito, uma condição que só deverá prevalecer no caso de uma coincidência de todas as outras.

Maior extensão — Sabemos todos que nem sempre o galho de maior extensão é o que tem o maior volume de agua. Essa condição, portanto não póde ser empregada como absoluta.

Occorre ainda que entre os seus adeptos existem divergencias: uns são de parecer que a direcção deve ser a do curso do rio com todas as suas sinuosidades e outros que seja a dada por uma linha recta da nascente á fóz.

Maior volume d'agua — Ha inconveniente em ser essa condição tomada como elemento unico, visto que, como lembra o Almirante Ferreira da Silva, póde acontecer que a cabeceira de dous ramos elegiveis estejam muito afastadas entre si e que precisamente só o ramo secundario tenha recebido aguas pluvias na época em que se compare o seu volume com o do outro galho.

A condição do maior volume d'agua foi desprezada pelo general Rondon, para considerar o rio Roosevelt como tributario directo do Madeira, na hypothese de que „o Aripuanã estava engrossado com aguas de chuvas mais copiosas ou mais demoradas do que as cahidas no vale do antigo Castanha“, quando foi medido o volume desses dous cursos d'agua.

Do exposto se verifica que para a determinação da nascente principal de um rio, não se póde adoptar isoladamente, como imperativo, um dos criterios correntes.

A escolha do galho que tem a direcção do tronco inferior ou que mais se approxima dessa direcção, e que é uma das mais importantes, só deverá prevalecer em bacias regulares.

Se quizermos, entretanto, encarar como elemento primordial a função do rio como collecter d'agua, aquella condição só decidirá quando o producto do V. Ex. E seja o mesmo em os galhos elegiveis.

Necessario é que a investigação do maior volume d'agua seja feita mais de uma vez e em épocas differentes. A media dessas investigações é que deve prevalecer no julgamento.

O factor geologico é tambem um elemento importante a ser considerado.

*

*

*

E' assumpto de alta relevancia a determinação da nascente principal de um rio.

Sabemos todos, os erros, as apprehensões, os incommodos, que causou a determinação da nascente principal do Javary, o que era ponto capital para a demarcação de nossos limites com a Bolivia.

Presentemente o limite de dous dos nossos Estados — Rio Grande do Sul e Santa Catharina — estão pendentes do entendimento á cerca da nascente principal do Mampituba.

Muitos dos nossos rios estão esperando as nossas visitas de exploração e de estudos.

Meditando sobre tudo isso occorreu-me, Sr. Presidente, apresentar a esta sociedade a seguinte proposta:

Considerando que não existe em nosso paiz criterio seguro, para a determinação da nascente principal de um rio;

Considerando que em consequencia disso ora se estabelece como nascente principal o galho que tem a mesma ou approximadamente a direcção do tronco inferior do rio, embora outros existam com maior volume e de cursos mais longos, como acontece com o Ibicuhy; ora predominando a condição historica como nos casos do Uruguay e do Jacuhy; ora o maior volume d'agua de que é ainda um exemplo o Jacuhy — isto para citar sómente tres dos principaes cursos d'agua de um dos nossos Estados mais estudados geographicamente; ora o completo desprezo de qualquer das condições já tantas vezes citados, como se verifica com o Parnahyba, cuja nascente é indicada em um *Compendio de Corographia do Brasil*, officialmente adoptado em todos os estabelecimentos de ensino secundario, como tendo origem em „dois olhos d'agua no lugar denominado Pau Cheiroso,“ quando é sabido que o rio em referencia se origina de diversos regatos que fluem da Serra da

Tabatinga, salientando-se entre elles o Agua Quente, o Surubim e o Boi Pintado e sendo o primeiro citado o mais importante, foi por isso considerado, pela Commissão de Limites dos Estados do Norte, como a nascente principal daquelle rio;

Considerando que tal estado de cousas é profundamente prejudicial ao ensino da geographia, já tão mal tratada nos compendios geographicos, sob outros pontos de vista;

Considerando que será de grande utilidade a adopção de um criterio official, por uma instituição scientifica e de renome, como a Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro;

Proponho que esta sociedade, pelo meio que sua directoria julgar mais conveniente, adopte uma doutrina para a determinação da nascente principal dos rios.

Como nota, visando provaveis objecções, devemos dizer que a adopção de uma doutrina não revolucionará nossa geographia, visto que não importa em alterar o que já está consagrado.

Servirá, entretanto, para solução de casos futuros e talvez para casos que urge sejam solucionados.

Eram estas, Sr. Presidente e meus confrades, as sugestões de que falei no inicio destas notas.

Não pretendo com este procedimento, justificar a inclusão de meu humilde e desvalioso nome entre os vossos, laureados, respeitados e respeitaveis.

Meu ingresso nesta sociedade é filho de vossa benevolencia.

Quiz, apenas, estimulado por esse vosso acto generoso, mostrar o meu desejo, o meu empenho, o meu esforço, em collaborar comvosco, para o bom nome e para melhor conhecimento das cousas de nossa patria, que pelo muito que lhe devemos, bem merece que tenhamos para ella sempre voltados e ao seu serviço, os olhos, a intelligencia, os braços, o coração.

As commemorações relativas á batalha do Passo do Rosario e o discurso do general Uriburu

O general Uriburu, com a facilidade que apenas se depara aos espiritos altamente cultos e flexiveis, cæe num erro que quando praticado de bôa fé demonstra insufficiencia das fontes de informação, quando resulta da idéa preconcebida de demonstrar uma these que nos é grata, constitue o sophisma que a logica de Port Royal denomina — do interesse

F. de PAULA CIDADE

(Capitão do Exercito, do curso de Estado-Maior.)

ALGUNS TRECHOS DO DISCURSO DO GENERAL

O general Uriburu, do Exercito argentino, é talvez o mais conhecido dos generaes do visinho paiz. As posições que pelos seus innegaveis meritos tem occupado em sua patria, fizeram com que para elle se voltassem as vistas de todos os circulos militares do continente.

Quando foram reunidos em excellente livro didactico as conferencias que sobre as guerras de Napoleão foram feitas na Escola Superior de Guerra, de Buenos Aires, por Fritz, barão von der Goltz e Kinkelin, coube ao general Uriburu, escrever o elegante prefacio, cheio de conceitos judiciosos, que acompanhou aquelle trabalho.

Quando se fizeram na Republica Argentina as commemorações do centenario da batalha do Passo do Rosario, o exercito desse paiz fez-se representar pelo seu brilhante chefe, que proferiu junto á estatua de Alvear um longo discurso, que merece ser commentado, para restabelecimento da verdade historica e correspondente divulgação de estudos estrategicos.

Com estes commentarios, não pretendemos ensinar ao velho mestre de Buenos Aires o que certamente elle conhece de sobra: desejamos apenas proporcionar aos estudiosos de nosso paiz alguns motivos de boa meditação militar e evitar que passem em julgado certos conceitos, emitidos sómente para armar effeito junto ás massas populares.

Para que a conclusão seja verdadeira em qualquer syllogismo, é indispensavel que as premissas sejam verdadeiras, mas quem parte, por qualquer motivo, de uma premissa falsa, não póde deixar de chegar a uma conclusão errada, embóra o raciocinio esteja certo. O resto é sophisma.

O general Uriburu, com a facilidade que apenas se depara aos espiritos altamente cultos e flexiveis, cáe num erro que quando praticado de boa fé demonstra insufficiencia das fontes de informação, quando resulta da idéa preconcebida de demonstrar uma these que nos é grata, constitue o sophisma que a logica de Port Royal denomina — do interesse.

Vejamos alguns trechos do discurso do illustre chefe do exercito amigo, na impossibilidade de transcrevel-o todo.

„Hacen hoy cien años que los clarines del Ejército Republicano anunciaron victoria, y las sonoridades del éco, no obstante su lejanía, aun hacen vibrar el corazon de todos aquellos que se sienten soldados.“

Parece que os toques de clarim de 20 de fevereiro de 1827, não deviam ter sido ouvidos nem por muito tempo, nem muito alto, posto que uma tropa que não leve forças para partir no encalço de um atacante repellido não devia ter muito gosto de tocar corneta. . .

Affirma logo adiante o general Uriburu que Alvear recebeu, em setembro de 1826, um exercito que logo depois devia fazer face a um inimigo superior em numero e em outros elementos. Os historiadores mais imparciaes da Republica Argentina tem descoberto documentos que provam claramente que o exercicio platino orçava por 8.000 homens, ou mais. Em 20 de fevereiro, os nossos adversarios, segundo Baldrich, em sua obra tão parcial sob outros pontos de vista — *Historia de la guerra del Brasil*, assim discrimina o exercito de Alvear:

Infanteria argentina . . .	4.901	homens
Cavallaria	3.790	„
Tropas orientaes, mais de .	2.000	„
Parque, etc., mais de . . .	100	„
Somma	8.294	„

Estes dados foram colhidos pelo autor no Archivo Nacional, da Argentina.

O QUE DIZ CLEMENTE FREGEIRO

Clemente Fregeiro, um dos mais imparciaes dos historiadores argentinos, embóra commetta no seu trabalho — *La batalla de Ituzaingó*, muitos erros de apreciação relativamente ás nossas coisas, registra documentadamente mais de 8.000 homens, para as tropas de Alvear. Souza Docca, em suas anotações aos „Annaes“, de Lima e Silva, dá-lhe cerca de 9.000 homens, servindo-se, conforme declara, de „dados fornecidos pelos historiadores argentinos e uruguayos“, e do officio dirigido por Alvear ao ministro da Guerra de seu paiz, em 8 de abril de 1827.

De nossa parte, já se acham publicados os velhos mappas e outros documentos officiaes da época. O mappa do ajudante-general, pouco antes da batalha, consignava um effectivo disponível de 6.304 homens, dos quaes mais de 500 não eram combatentes propriamente ditos. Abatidos estes, restam uns 5.500 homens para entrar em combate.

Existiam entre nós as chamadas revistas de mostras, para pagamento de soldos, com o fim de evitar que os prets, e consequentemente os mappas, fossem falsificados, mas isso não impedia que muitas vezes os effectivos consignados em taes documentos fossem fraudados. Tanto isso é certo, que quando o marquez de Barbacena assumiu o commando do exercito do sul, não houve quem se responsabilizasse pela exactidão dos mappas. Os mappas dos milicianos deviam se parecer muito com os dos patriotas das nossas guerras civis

De qualquer modo, o exercito platino numerava pelo menos mais 2.000 homens do que o nosso, em 20 de fevereiro de 1827, embora Alvear, por necessidade da politica interna, dissesse que eramos 10.000 homens, para assim augmentar o brilho de seu commando.

A premissa da nossa superioridade numerica sendo falsa, a conclusão não póde deixar de ser erronea, embóra o raciocinio seja correcto.

O illustre general passa logo em revista, um tanto a seu modo, a localização dos dois grupos belligerantes e a idéa de manobra do chefe platino, em 1827. Ahi deixa entrever a existencia de uma discussão academica, com sympathias pela solução theorica de um ataque de nossa direita, marchando directamente sobre Sant'Anna. Sabemos que assim não procedeu Alvear. Este general, tendo reunido muito a tempo todas

suas forças, manobrou pela linha interior, avançando pelo valle do rio Negro, para sair em Bagé e conservar separadas as duas forças do nosso exercito, das quaes uma estava em Sant'Anna e outra em Pelotas-Jaguarão.

A MARCHA DOS DOIS EXERCITOS

Ainda hoje não comprehendemos como se possa ter sympathias sinceras pela solução de marchar directamente sobre a nossa direita. A investida de Rivera contra Bento Manoel, no anno anterior, era um exemplo para ter á vista. No mesmo dia em que o atacante vadeava o rio Arapehy, Bento Manoel era avisado e collocava a tempo o grosso de suas tropas atraz do Quarahy, guardava os passos e intensificava o serviço de descoberta, para não ser desbordado por qualquer de seus flancos.

Certamente, o quartel general de Sant'Anna nunca se descuidou da direcção em que o inimigo poderia surgir mais facilmente, como os proprios acontecimentos o demonstraram. Nestas condições, como produzir-se a desejada surpresa? Não se dando a surpresa, como impedir que o inimigo illudisse ao combate e recuasse, retardando a marcha dos invasores em cada rio encontrado e chamando ao seu encontro as tropas de léste?

A marcha pelo vale do rio Negro é o melhor traço deixado pela argucia do general inimigo, pelo inesperado de sua progressão por trechos deserticos e agrestes. Só por ahi realmente era possivel que a surpresa se realizasse; só por ahi poderia ser alcançada a vantagem de ter sob as mãos, embora não o apanhasse quando d'elle esteve tão perto, o pequeno exercito imperial de Sant'Anna.

Obrigado a um ataque de ála, parece que seria preferivel cair sobre a nossa esquerda, pelos objectivos politicos e economicos promettidos por essa operação a um exercito que poderia mudar suas bases de Durasno para Mello e fartar-se, mais do que nunca, com a propriedade privada, consoante a mentalidade da época.

Neste caso, ainda que não fosse possivel retardar a marcha das tropas de Sant'Anna para leste, só uns quinze dias mais tarde poderiam os platinos contar com a intervenção dellas. Neste lapso de tempo, dado o armamento da época, a nossa

esquerda ou seria esmagada, ou jogada para longe, podendo Alvear agir em segurança, em função do espaço.

Segue-se a parte do discurso em que o orador afirma que o marquez de Barbacena só 17 dias depois de iniciado o movimento offensivo dos platinos é que veio a ter conhecimento delle. E' um trecho que se presta a uma dubia interpretação.

Quando Barbacena assumiu o commando do exercito, ou melhor, quando chegou a Sant'Anna, certamente não era conhecido o movimento dos platinos, começado em 26 de dezembro de 1826. Nove dias mais tarde, isto é, a 11 de janeiro de 1827, o marquez já sabia do movimento de Alvear, embora imperfeitamente.

A 13 iniciou por sua vez o exercito brasileiro as suas marchas, na execução das contra-medidas, com que o general Barbacena devia, em cerca de 24 dias, ganhar o primeiro lance strategico, salvando o exercito da „posição falsa“ em que no seu dizer se achava.

MAL DISFARÇADAS REPUGNANCIAS TECHNICAS

Sem desmerecer como concepção a obra do general argentino, que veio de certo modo surprehender os nossos, é preciso dizer que o general brasileiro não demorou mais que a metade dos dias de que fala o general Uriburu, para saber que o inimigo havia tomado a offensiva; bastaram-lhe alguns dias de commando para impedir que o adversario colhesse os melhores fructos de sua obra.

Affloram aqui e acolá, no discurso do mestre de Buenos Aires, mal disfarçadas repugnancias technicas. E' assim que empenha o seu testemunho em favor das „adecuadas medidas de exploración y de seguridad“ adoptadas pelo general brasileiro, até á reunião de todas as nossas forças, pela incorporação do destacamento do marechal Brown, á margem Este do arrojo das Palmas. „Una ojeada sobre la carta evidencia que el grupo principal del Ejército Imperial desfiló durante su marcha delante y a dos jornadas de los republicanos, presentandoles el flanco, y que de haber sido atacados por estos, no habria escapado a una derrota segura y completa; pero 1ª providencia, en forma de una terrible tempestad, al dejar impracticables los caminos, los arroyos y los rios, evitó a las armas imperiales su total aniquilamiento.“

Aqui, sentindo-se o tecnico em novas difficuldades, appella para o sobrenatural, como se vivessemos ainda sob os céos de Troya ou do Egypto. Foram os deuses e não Alvear, que puzeram a perder essa oportunidade. Não succedera aos exercitos de Pharaó alguma coisa de parecido, quando os hebreus, guiados por Moysés, deixavam o Egypto?

Num dos periodos seguintes, ao constatar a reunião das forças brasileiras, sem que Alvear pudesse evital-o, não concorda com a falibilidade das coisas humanas para explicar o fracasso de uma manobra bem concebida.

De nossa parte, em vez da boa estrella de Barbacena, de que fala o brilhante orador, lembramo-nos de um trecho de Dragomirow, citado pelo general Foch: „Les principes del'art de la guerre sont á la portée de l'intelligence la plus ordinaire, ce qui ne veut pas dire qu'elle soit en état de les appliquer (*Les principes de la guerre*).

UM REPARO DE BARBACENA

Em carta dirigida ao brigadeiro Cunha Mattos, datada de 2 de março e do Passo de S. Lourenço, escreveu Barbacena: „Ainda hoje estou por comprehender o porque aquelle general, á testa de 10.000 homens, deixou de me atacar, podendo mesmo fazel-o antes de eu passar o rio, ou no momento da passagem, se tivesse adiantado a sua marcha de algumas horas.“

A perda desse primeiro lance, de natureza strategica, não podia ter uma influencia decisiva sobre a campanha, dado o facto da superioridade numerica dos platinos não ter desapparecido com a junção das tropas imperiaes. E' sob a influencia de um factor desta ordem que vamos apreciar o general Alvear no terreno tactico. Não se póde negar as suas qualidades de soldado, sobre o campo de batalha: bravura, energia, resolução prompta, etc. Mas, não se deve todavia ir com muita sede ao póte. Se as criticas feitas pelo orador ao nosso desdobramento, a falta de reservas, ao eschematismo do emprego das grandes unidades, etc., merecem os nossos applausos, o hymno ao chefe inimigo que se mette num becco sem sahida, aceitando a luta com um rio intransponivel ás costas, não merece os nossos louvores, porque ou foi um erro grave, que podia ter as mais desastradas consequencias, ou não foi Alvear quem escolheu o campo de batalha.

„La caballeria limitando-se al ataque de las fracciones Republicanas quando sus cargas se quebraban ante los cuadros, mostró incomprensión de su empleo technico, etc.“ Aqui convém notar que mais de metade da cavallaria era miliciana e que de accordo com os figurinos da época se repartia em varios commandos e se empenhava a cavallo sobre o campo de batalha. Aliás, os nossos adversarios, fóra do terreno tactico, só podem apresentar o emprego da cavallaria de Mansilla contra Bento Manoel, no Umbu. Ahi a nossa raposa velha foi lograda, pois quando pensava em sair na frente do inimigo, deixando-o no „fundo do Loreto“, faltava ao „rendez-vous“ do Passo do Rosario.

Chegando á retirada dos brasileiros, o general Uriburu procurava justificar a falta de perseguição por parte dos vencedores: cançaco por parte dos homens e cavallos. Essa fadiga não impediu que as hostes platinas, após um curto descanso marchassem em sentido mais ou menos opposto ao que foi seguido pelo nosso exercito: por que preferiu Alvear seguir para S. Gabriel, e dahi para o Sul, em vez de se lançar nos dias subseqüentes no rastro de Barbacena?

OUTRO ENGANO

Accrescenta o orador: „...la victoria Republicana dió margen, como lo habia previsto el general Alvear en su plan con objectivo limitado, a las negociaciones de paz que puzieron fin a la guerra, etc.“

E' puro engano. A convenção de paz de 24—5—1827, firmada tres mezes mais tarde, consagrava a mais completa victoria do Brasil e foi recusada pela propria Republica Argentina; o tratado de paz de 1828, que erigiu a provincia cisplatina em Estado soberano, nada tem a vêr com o general Alvear, que havia deixado o commando e soffria graves accusações de seus compatriotas.

Depois de outros trechos, ainda sujeitos a reparos, continua o culto chefe do exercito vizinho: „Asi se explica que López, illustre e talentoso historiador, aunque neófito en el arte militar, dijera que Alvear copió y realizó en otro terreno el plan de Napoleón de 1815, y que el coronel Baldrich, en su obra „La Guerra del Brasil“, le encuentre sabor napoleónico. Uno y otro, sin embargo, incurren en error, a mi entender, desde que los planes de campaña no son susceptibles de ser copiados

por que las circunstancias que los originan y diferencian no lo permiten". Aqui, as responsabilidades do tecnico de alto valor se sobrepõem ás exigencias do orador popular, obriga a fazer estrategia e apologetica ao mesmo tempo.

Eis as reflexões que nos foram suggeridas pelas palavras do general Uriburu, junto á estatua de Alvear, — mais feliz do que o seu rival 1827, que em vez de receber um monumento de pedra ou bronze, ha um seculo soffre a ingratidão dos homens de sua terra.

Não vale a pena repetir que mais felizes fomos em 20 de fevereiro por não havermos vencido, do que se vencessemos. Esmagado o exercito invasor e afogado nas aguas do Santa Maria, outros rumos politicos seguiríamos.

Mas, as novas gerações brasileiras, dentro dos moldes da civilização absolutamente pacifica que aqui se desenvolve, que é uma experiencia nova para a historia de todos os tempos e de todos os povos, não comprehenderia hoje a escravização do povo uruguayo.

Digamos, porém, antes de encerrar estas considerações, que o general Uriburu sempre nos mereceu o maior acatamento. E' que embora seja elle um historiador apaixonado, não deixa de ser uma alta expressão de saber militar e de cultura geral.

Discurso

do sr. Mansueto Bernardi proferido ao ser recebido no Instituto, em sessão extraordinaria de 13 de Maio de 1927

Sr. Presidente e demais socios do Instituto Historico e Geographico.

Acostumado a viver na penumbra, é com certo constrangimento, e ofuscamento dos olhos, que ora transponho as portas do Instituto Historico e Geographico do Rio Grande do Sul, em cujo seio a vossa generosidade me admittiu.

Não premiastes, com a vossa eleição, nenhum merecimento. Não recompensastes, com a vossa escolha, nenhum serviço de utilidade collectiva. Não coroastes, com a honra de vossa companhia, nenhum labor intelectual proficuo.

Si assim não fôra, outro, que não eu, devêra ser hoje recebido aqui.

Eu, para outra cousa aqui não estou, sinão para aprender. Eu, para outro fim aqui não me tendes, sinão para estudar, sob os vossos conselhos e os vossos exemplos. Aqui eu me encontro no simples desempenho de um dever civico, visto que de outra maneira não interpreto o vosso chamado, nem se explicaria a minha filiação no vosso gremio.

Trabalha-se aqui dentro por amor da Patria grande e particularmente da nossa querencia. Investigam-se os successos da vida preterita e catalogam-se os da contemporanea. Rememoram-se e comemoram-se factos e homens illustres. Cultivam-se virtudes e tradições. Combate-se, numa palavra, um combate bom, qual seja afan de iluminar com lume de verdade

e de vestir com veste de justiça, respectivamente, os factos e factores da nossa evolução social.

Sómente para tal fim, presumo eu, me convocastes e sómente por essa razão não hesito, soldado raso, entrar em fôrma e dizer-vos: presente!

Mas vós, que tendes galões e sois veteranos; vós, entre quem avisto, para citar apenas estes dois, o sabio e venerando Carlos Teschauer e o meu querido primeiro mestre dr. Eduardo Duarte; vós é que instruireis o recruta bisonho, que mal balbucia o a-b-c da sciencia que cultivaes.

„Sciencia nova“ lhe chamou Vico, ha uns tresentos annos. A mim, porém, me parece que „sempre nova“ é que se lhe devêra chamar, tamanho é o seu poder de metamorfose e de renovação.

Aquelles que, por qualquer motivo, logram sorver um cálice, uma gota que seja, do seu elixir maravilhoso, armados e imunizados estão contra os ultrajes e as corrosões do tempo.

Contemporaneos de todos, gozam da perpetua juventude. Ao sol das praças publicas ou no claro-escuro das bibliothécas, „vivem“ em espirito, no interesse continuo das gerações.

Ella, diz Cicero, é a testemunha dos tempos, a luz da verdade, a vida da memoria, a mestra da vida, a nuncia da vetustez. „Historia est testis temporum, lux veritatis, vita memoriae, magistra vitae, nuntia vetustatis“.

Ella é que repara as injustiças. Ella é que premeia os sacrificios. Ella é que confere os verdadeiros louros. Ella é que derruba os idolos de pés de barro. Ella é que desmascara os impostores. Ella é que decifra os enigmas, e indica os rumos certos, e resuscita os mortos.

Felizes os povos que não têm historia — diz a levandade por ahi.

Mas felizes porque? Só si é porque, desse modo, as crianças das escolas não precisam estudal-a.

Mas não é nas escolas que se estuda historia. Esses nomes, essas datas, essas cousas enfadonhas que se aprendem nas escolas, são apenas exercicios do intellecto, passaportes nos exames, verniz do cérebro, poeira dos olhos.

Por via de regra, não temperam o character. Não decidem de uma vida. Não orientam os espiritos. Não renovam. Não transformam. Não alimentam.

Sómente depois de habilitados em historia, é que todos

nós começamos devéras a estudar e aprender historia. E a sentir a beleza e a grandeza da historia. E a compreender a utilidade e a necessidade da historia.

Conductores de homens costumam denominar-se por ahí os guerreiros e os politicos. De certo modo, não é improprio o apelativo, porquanto são, de facto, os generaes e os chefes do partido que conduzem os soldados para os entrechoques da guerra e os votantes para as tranquibérnias das eleições.

Mas os verdadeiros itinerarios e roteiros dos homens, para a finalidade dos seus destinos, são os historiadores que os traçam. Sómente elles conhecem a fundo e pôdem com segurança informar os pontos de partida e de chegada, que mais convém.

E ai dos povos que os desprezam, porque andarão ás apalpadelas, bordejando, como no escuro, ou tristes, cambaleantes, desatinados como bêbados!

Não é sem fundamento que a Sagrada Escriptura adverte, das profundezas do „Livro de Job“:

„Pergunta ás gerações passadas, e examina com cuidado as memorias de nossos paes. E elles te instruirão, te falarão e dos seus corações tirarão palavras.“

Porque a vida dos homens e particularmente a vida dos homens illustres, que são os verdadeiros artifices da historia, não termina com a sua inhumação na morada final.

Como a filha de Jairo, a maior parte deles não está morta; dorme apenas, á espera do oportuno despertar. E quem, nesse letargo, souber acordal-os e interrogal-os, com affecto, verá como logo, em resposta, elles „dos seus corações tirarão palavras.“

Por isto e para isto é que tantos milhares de individuos se debruçam continuamente sobre os livros e os tumulos, no intuito de descobrir a verdade e assimilar a sabedoria dos avoengos.

Por isto e para isto vos congregastes vós em instituto, já tendo exhumado da poeira dos archivos e reintegrado na luz da publicidade e da discussão proveitosa dezenas de documentos essenciaes á historiographia do Rio Grande do Sul, ao julgamento dos seus pró-homens, e á norma de nossa conducta civica, por conseguinte.

Porque o fim da historia não é a narrativa arida, a exposição fastidiosa dos factos. Vai muito mais longe. Desce muito mais fundo. O escôpo da historia é explicar as causas e os

efeitos dos eventos humanos, e extrahir dos mesmos um código de moral colectiva, um estímulo ás nobres acções, um impulso para o melhor.

A historia deve ser um aparelho propulsor da actividade de cada um, para o aperfeiçoamento e o bem-estar de todos.

Não se estuda historia para saber historia, sinão para se conhecer quando e como fizeram os nossos antepassados, afim de nos orientarmos nós mesmos na confusão do presente e nas veredas do porvir.

Ella é, por conseguinte, não um desporto de ociosos, um passa-tempo de colecionadores, uma loja de bric-a-brac, mas uma balança de pesar justiça, uma bussola de viagem, um contador dos esforços comuns, um instrumento de selecção moral.

Não é um velorio de corpo ausente, nem uma lápide fúnebre e fria, nem um arquivo coberto de pó, mas um secreto e fecundo laboratorio de energia nervosa, uma força que penetra, vitaliza e transfigura os animos. Sob este aspecto, ella é parenta proxima da poesia.

E o seu dominio, é mais da educação, que da instrucção.

O fim essencial da historia — ensina Savicki — deve ser procurado na recta manifestação da vida espiritual, sob o influxo da verdade, da bondade e da beleza.

Constituir o reino da cultura, da razão e do espirito, isto é, o reino da verdadeira liberdade e da dignidade humana, eis, continua o eminente filosofo, o fim historico do homem.

E ajunta: „A recta expansão das energias humanas, em que consiste o escopo da historia, produz como natural consequencia no homem a gradual realização da „perfeição ideal“ e visto acompanhá-la uma satisfação intima e um crescente dominio sobre o mundo dos bens externos, ella conduz ao mesmo tempo á „verdadeira felicidade“.

Tirae á historia essa finalidade imanente e transcendente, esse espirito que vivifica e apenas restará a letra, que sufoca e mata.

No tocante ao Rio Grande do Sul, qual será a função dos cultores da historia?

Preliminarmente, presumo competir-lhes o encargo de reunir e sistematizar os materiaes indispensaveis á elaboração de nossa carta historica, ainda por fazer, mau grado as diversas e louvaveis tentativas até agora effectuadas nesse sentido.

Com effeito, só á deficiencia de documentos póde ser attribuida a falta de um quadro historico geral, de um panorama retrospectivo de conjunto da existencia continentina.

E elle se faz dia a dia mais necessario, á medida que ascende o nivel da cultura e se multiplicam habitantes e problemas.

Urge que cada qual saiba de onde vem e para aonde vae, a que vem e para o que vae. Cumpre que cada qual aprenda o que lhe incumbe fazer ou deixar de fazer, na sociedade em que vive. Importa que todos os rio-grandenses possam, na hora decisiva, escolher entre o bem e o mal, distinguir a moeda falsa da moeda verdadeira, julgar com plena consciencia quando devem dizer sim e quando devem dizer não.

E essa faculdade de escolher caminhos, de aferir valores e de julgar homens e eventos, só a historia a confere. Só medindo, pesando, comparando, é possível averiguar, e portanto eleger o que é melhor, o que mais convem, o que mais requer a felicidade commum. E nós, andamos nós no bom caminho ou perdidos num labirinto? De onde vem o mal-estar presente? Para que banda orientar os espiritos? Em que horizontes mergulhar os olhos? Para que metas propellar as almas?

Qual é a nossa missão? -Somos pastores ou somos rebanho?

Devemos conduzir ou ser conduzidos? Corremos em leito natural ou somos um rio desviado do seu proprio curso?

As respostas a todas essas perguntas, a solução de todos estes graves problemas do nosso destino social, só poderão ser dadas com o auxilio directo da historia.

Eu, de mim para mim, creio sinceramente, convictamente que, no concerto da federação brasileira, nos está reservada a pratica de grandes cousas.

Creio que trazemos em nós mesmos os germens de extraordinarios cometimentos, seja de ordem physica, seja de natureza moral.

Creio que a velha theoria das tres raças tristes não tem applicação alguma no Rio Grande do Sul, onde não ha lugar para desânimos e nostalgias.

Vivaz é a cadencia dos cantos que se ouvem aqui.

Creio que nestas serras ventiladas, ubertosas; nestes valles abrigados, acolhedores; nestes campos abertos, batidos de sol, a tristeza é uma nuvem errante, uma sombra estrangeira, pois que tudo, o meio, o clima, as influencias ancestraes, a alimentação, os generos de vida, tudo nos predispõe e inclina para o trabalho, a saude, a confiança, o optimismo, a alegria.

Creio que do Rio Grande do Sul, um dos Estados mais saudáveis do Brasil — do que são prova as nossas acções e reacções cívicas, individuaes e colectivas — como já partiu o impulso inicial, deve também partir a campanha decisiva do saneamento moral e político da Nação.

O Minuano precisa soprar sobre todo o paiz.

Creio, com Raul Pompêa que, „quando brevemente se effectuar na patria a fatal evolução republicana, ao Rio Grande do Sul, sobre todas as provincias do Brasil, caberá a superioridade que lhe garantem os nove annos de lutas e provações, inscritos na sua historia como uma longa serie de sacrificios á Liberdade, »porquanto« ha de valer-lhe sempre a gloriosa experiencia do heroismo.“

Isto escrevia o pensador e sociologo de „Ateneu“ em 1883, mas jámais as suas palavras soaram mais a proposito do que na hora ainda sombria que estamos vivendo, com a diferença apenas de que, nesse interregno, se multiplicaram as lutas e provações e acrescida foi a experiencia do heroismo.

Creio no prodigio de uma primavera proxima, em que as letras rio-grandenses, as artes rio-grandenses, as sciencias rio-grandenses, florirão para gaudio e relustre de toda a patria regenerada.

Creio que, dentre os conductores de rebanhos nas coxilhas, sairão, na hora propicia, os conductores triumphantes das multidões nacionaes.

Creio que, dentre todos os povos da brasilidade, nenhum foi forjado com mais força do que o rio-grandense para as altas e nobres empresas, os postos de perigo e de commando, a hegemonia, a expansão e a construcção.

Creio, ainda, que os elementos básicos para essa obra de integração do Rio Grande do Sul na orbita do seu destino, devem ser fornecidos pela historia. E ella os tem. Basta requisital-os e utilizal-os. E o que por ventura faltar á historia, supram-no a tēla, a estatua, a musica, o romance, a poesia.

Despontem, por ora, os sonhos. Enunciem-se os pensamentos. Desenhem-se as volições.

As idéas motoras, os factos concretos virão em seguida.

Discurso

do dr. Adroaldo Mesquita da Costa saudando o novo
consocio, sr. Mansueto Bernardi

Ex.^{mo} sr. dr. presidente do Instituto. Dignissimos consocios. Ex.^{mas} senhoras. Meus senhores.

Momentos ha, na contingencia de nossa vida terrestre, em que a creatura, mais que nunca, sente a sua pequenez e apalpa a sua imperfeição. Experimenta, então, o homem, todas as consequencias do barro em que foi plasmado e debalde procura alcandorar-se ás ethereas regiões.

Não erro, não simulo e não engano, nobre recipiendario, em affirmando que me encontro, na hora presente, precisamente, em um desses instantes em que a creatura soffre a impotencia de sua expressão verbal, por não encontrar no vocabulario do affecto, na linguagem dos sentimentos o termo que traduza com fidelidade e justeza tudo o que lhe empolga o espirito, quanto lhe enche de alegria o coração.

Devo, entretanto, fallar, para saudar-te em nome do Instituto e, comtudo, preferivel seria agora o meu silencio ás descoloridas palavras que enfileiro em teu louvor, porque elle responderia em tom mais eloquente e em estylo mais terso e empolgante, á formosa oração com que nos surprehendeste, ao transpôres os humbraes deste templo, erguido ao culto da Verdade.

Mas, se o silencio é de ouro, porque se me obriga a rompello? é o que, admirado, me pergunto a mim mesmo, repetindo com o principe da poesia do Lacio

„Quid me alta silentia cogis rumpere?“

Ah!, não fôra esse imperativo categoria, não o da Razão Pura de Manoel Kant, senão o dos nossos Estatutos, que me ordenam a dizer duas palavras nesta solennidade e eu me deixaria ficar assentado, a bater palmas á tua gloria, certo de que a tua saudação, estava feita, convicto de que as boas vindas já te haviam sido dadas, porque

Já finalmente todos assentados
Na grande sala, nobre e divinal

tiveram a ventura de te escutar e de ouvir a tua bella lieção, doutrinaria e convincente.

Ingressas, hoje, de direito, no Instituto Historico e Geographico do Rio Grande do Sul que, de braços abertos, te recebe, como um de seus mais distinctos consocios e, nesta admissão, não sei quem mais se dignifica nem se mais honras recebes do que dás, porque se grande já é o renome desta benemerita instituição, cujos relevantes serviços á causa publica são de todos proclamados, não menor é o teu mérito, conquistado pelo teu esforço proprio, porque o que és a ti o deves, por uma vida de quarenta annos de trabalhos indefessos, de dedicação constante de actividade proficua exercida na vida publica e privada, nos teus mistéres de cidadão e nos teus cuidados de esposo e filho amantissimo, de labor honesto no mundo das letras e das bellas artes, no estudo sincero e apaixonado da verdade na historia.

Ingressas de direito, disse eu, porque ha muito já pertencias de facto a esta casa, desde quando proferiste a tua magistral conferencia „Bandeira Nacional e Bandeiras Estaduaes“, a qual, pela criteriosa orientação que lhe imprimiste, pela segurança dos conceitos emittidos, pela belleza da fórmula em que a vasaste, pelo acervo de verdades ali proclamadas, destemerosamente, houve por bem o Instituto perpetua-la nas paginas de sua Revista.

Antes della, os teus pendores pelo estudo da historia que é sciencia, não nos haviam sido ainda revelados, mas o teu nome já era citado e encomiado nos centros de bellas artes, nos circulos dos poetas, mas dos bons poetas que cultuam a poesia como virtude e para os quaes são as rimas apenas meio e jámais fim.

Fazias versos, eras poeta, mas a tua poesia era a historia da tua propria alma; era a tua auto-psychologia que nos contavas em verso; era o teu caracter que nella estereotypavas, era o teu retrato que ali espelhavas, despercebido, quicá, de

que assim agindo, permittias que te reconhecessemos integralmente, acompanhando as alternativas de tua vida.

Escreveste, então, esse philosophico poema cyclico, que é *Terra Convalescente*.

Partindo da negação absoluta, chegaste á affirmacção absoluta, se assim me é permittido expressar-me. Do negro pessimismo foste, aos poucos, attingindo o sadio optimismo de uma vida encantadora, cujo céu se cobre eternamente de um azul sereno e limpido; num perenne anseio de verdade, emigraste da tréva para a luz; sahiste da dôr para a alegria; rumaste do mal para o bem. A tua formosa intelligencia havia, emfim, attingido a verdade, que é o motivo unico da vida. E' que a tua poesia havia esquecido o mundo de illusões e phantasias que se desfazem e se evaporam como sonhos de mil e uma noites. E desviaste a róta de tuas preoccupações para os dominios da Historia. Não foi, porém, sensível essa mudança de tranjectoria. E porque? Já o disseste e bellamente o demonstraste. Porque a poesia é parenta proxima da historia. Subscribo o conceito. A poesia foi a primitiva linguagem dos primeiros historiadores do genero humano; foi em versos que a creatura extasiada ante a natureza, narrou-lhe as excellencias e louvou o Creador. Em versos estão escriptos todos os monumentos impereciveis que a historia da antiguidade nos legou, porque a poesia reinou durante os seculos. „Ella se casa bem com a infancia dos povos; a reflexão vem com a idade: a analyse acompanha a experiencia da vida. O facto historico está, pois, bem de harmonia com a marcha do espirito humano.“ E assim como tem succedido na vida dos povos, assim tambem occorreu na tua. E a tua primeira historia, a historia das successivas mutações por que passou o teu eu, tu a narraste em versos, recordando, quem sabe, a assertiva de Plinio, o Moço, de que „historia quoquo modo scripta delectat“.

Depois, penduraste a lyra; calou-se o bardo e surgiram os teus estudos de historia.

Nascida debaixo do invejavel céu italiano, naquella poetica Veneza, com o temperamento ardente de latino, caldeado ao sól do Rio Grande, que adoptaste como patria, a tua alma de argonauta do ideal, sentiu-se attrahida pela epopéa de Sepé Tiarajú, chronologicamente o primeiro caudilho riograndense, a quem a superstição popular canonizou; foi seduzida pelas façanhas cavalheirescas, pelos lances épicos da gente farroupilha que fazendo de sua espada penna e de seu sangue tinta escreveu pelas coxilhas do Rio Grande o mais bello poema de bravura e de civismo que encerram os Fastos Riograndenses. E puzéste-te a estudar-lhes os heroicos feitos. Varejaste archi-

vos; interpretaste documentos; cotejaste opiniões; reproduziste com fidelidade quanto ouviste e apprendeste; separaste o mytho, da realidade; descreveste os factos com a exactidão da mathematica e, ao cabo de porfiadas lucubrações, publicaste ponderado estudo sobre „Os Italianos e a Republica de Piratiny“, grata homenagem aos teus irmãos de berço e na qual salientaste a contribuição valiosissima que tiveram elles neste desabrochar da idéa republicana em nosso Estado.

Com juizo imparcial, como uma sentença de Bruto, através de uma critica sevéra, buscando em tudo e por tudo só a verdade, pois que ella é a primeira e a unica lei da historia, reintegraste Livio Zambeccari, a cabeça pensante, o real director mental da Revolução de 35, como o denominou com justiça Assis Brasil, no verdadeiro logar que lhe compete nesse movimento incipiente da idéa republicana em terras rio-grandenses. Salientaste os feitos de Rossetti, Anzani e Garibaldi e tudo o fizéste, buscando, no passado ensinamentos para o presente, afim de que nos sirvam de bussola do futuro que é o X da equação da vida, porque „a historia é sobretudo, como o escreveu Oliveira Martins, uma lição moral; nos vicios e nas virtudes, nos erros e nos acertos, na perversidade e na nobreza dos individuos que foram ha um exemplo excellente; e, na sabedoria ou na loucura dos actos politicos e administrativos passados, ha um meio de prevêr e encaminhar a direcção dos actos futuros: porque a historia é verdadeiramente „uma experiencia anticipada“, como a denominou com toda a exactidão o grande Berrier.

Póde-se divergir de algumas de tuas conclusões; póde-se mesmo contestar alguns de teus conceitos, mas sempre se ha de reconhecer a sinceridade de tuas affirmativas.

Na historia do Brasil, não ha temeridade nem exaggero na proposição; está tudo ainda por fazer-se. Quatro seculos após o descobrimento, ainda se disputa se elle foi casual ou intencional; não havendo mesmo accôrdo sobre a data em que occorreu. A propria graphia do nome Brasil é perenne pomo de discordia, entre philologos abalisados e competentes. Cem annos após a independencia, põe-se em duvida a preponderancia de José Bonifacio, nesse lance decisivo de nossa emancipação politica, quando essa verdade era aceita como dogma indiscutivel e até a Tiradentes, baseado em documentos, já existe quem lhe negue a pureza de intenções no seu holocausto pela redempção da patria.

Estamos ainda na phase incipiente da chronica; na da collecta dos factos e na do joeiramento dos pormenores. Sem a perfeita exactidão das premissas, impossivel obter-se uma

conclusão exacta. E' cedo ainda para cuidarmos da philosophia da nossa historia.

A hora presente é de benedictinas pesquisas nos archivos e de rectificações e ratificações sinceras e necessarias.

„Muitas figuras que o panegyrico balôfo içara para elevados pedestaes de glorias ficticias são apeadas dos improvisados Capitolios pela mão inexoravel da critica; como tambem muita reputação denegrida pela calumnia procaz, e indiscutivelmente aceita pela docilidade inepta dos que pensam por cerebro alheio, vae sendo arrancada á gehena tenebrosa em que penára innocente, para ser restituída á luz e ás auras a que tinha jús.“

Esboçamos, ás carreiras, na angustia das fugitivas horas que passam a tarefa não pequena que os posteros hão de terminar, ou melhor, hão de executar.

Esse ha de ser ainda e por longo tempo o papel de nosso Instituto.

Pelo novo obreiro que hoje se alista em nossas fileiras, a nossa alegria, as nossas congratulações.

Presado consocio, sê benvindo.

Disse.

Os traços eternos do Rio Grande

Conferencia do dr. Fernando Osorio,
realizada em sessão do Instituto Hi-
storico e Geographico no salão nobre
da Bibliotheca Publica de Porto Alegre,
em 29 de maio findo.

Levo para todos os meus dias a recordação das scintilantes palavras com que me acaba de saudar em nome dos intellectuaes rio-grandenses, illustrando a minha vida, nobilitando o meu trabalho e o meu desejo de ser bom e util, Alcides Maya, o glorioso cantor do Rio Grande, interprete do genio de amor da nossa raça.

Para agradecer-vos a alta confiança e a fraternidade honrosa com que me abristes as portas deste Instituto, quiz, lealmente, tendo, neste aconchego o respeito e a afeição por todos vós, homens de cultura educadora e de pensamento util, cujas paginas largas, fortes e generosas, como a terra santa do Rio Grande, eu admiro no culto das tradições, no lendario nativo, na gaucheria literaria, na historia e na legenda, a alma como „un brandon ardent“, da imagem de Taine, que para brilhar, „a besoin d'avoir autour d'elle d'autres tissons inflammés“, quiz, com o meu enlevo e o meu desvanecimento aos que pela presença insigne enchem e explicam esta reunião, trazer um novo contingente de esforço modesto a pról dos estudos rio-grandenses, em considerações de conjuncto, em contornos concretos, e coordenadores de factos sociaes e de verdades uteis.

Em ambiente de trabalho e de affecto, cujo lustre as minhas palavras não poderão augmentar, solicito a benevolente attenção dos corações generosos que me recebem, nesta visita a Porto Alegre, congregando-se, para meu estimulo, com o carinho dos homens intelligentes e bons que sentem o Rio Grande, na fruição de um nobre orgulho, querendo factos, lavrando a alma do Brasil, nas inducções da vida coeva, religadas

á força conservadora do passado garantindo o passo para o futuro, com o espirito e o coração abertos á verdade, pelo estudo e pela honestidade mental.

Traços eternos do Rio Grande

A justiça do seu povo precisa, srs., numa glorificação magestosa, pela suggestão conjuncta, reunir, em tributo cívico, o que deve aos operarios anonymos, formidaveis, da sua historia, que, com a fieira nos seus constructores e genios, crearam o nome colectivo; realizando, a homenagem de um monumento perenne, na accepção exacta e ampla do termo; um monumento, na sua concepção e tentamen, na mais plastica das esthesias que é a escultura, que se condense na unidade de effeito ethno-sociologico: uma consagração, uma narrativa escultural que pede o Rio Grande do Sul, capaz de fazer sentir o que livros inteiros não conseguiriam nas energias populares, como a inspiração social maior, a commemoração que lhe assignale os — traços eternos — nas scenas, nos aspectos e factores essenciaes do seu processo historico.

Por maneira que de um golpe irradiando, explicita e saliente, na perpetuidade do bronze, possam todos tactear, numa arte de harmonia, a rachis da nossa estrutura politico-social, adivinhando o sentido intimo do character, o traço original do espirito, rio-grandense, a consciencia dos ideaes communs, a que espontaneamente obedecemos, com o legitimo orgulho, no Brasil, dum grande destino de alma!

Não hesito abordar o assumpto complexo, nas suas faces principaes, firmado no reconhecimento dos perigos a que, por toda a parte e hoje mais do que nunca, se expõem os povos não senhoreados da idéa da continuidade, do nexu gradual, progressivo de sua evolução; conforme estas palavras de ouro em face dos erros dos homens quasi sempre provindo da incorrecção dos seus estudos historicos, naquillo que Bernhardt, haurindo a verdade de que o pensamento humano encadeia-se logicamente elaborando a cultura, chamou — falta de historia, — palavras formuladas pela Liga do Ensino belga:

„Para a creança, como para o homem inculto, todo o facto historico é insulado. Uma tal disposição de espirito não permite apanhar a chave da historia; homens feitos, instruidos, até muita vez percorrerão a historia, sem deparar jamais aquillo que os refreie de se fazerem aventureiros revolucionarios“.

Como é bem de ver, existe, ao serviço da causa do desenvolvimento social, uma das mais elevadas manifestações das relações ou formas da actividade, que, pela contemplação humana, corrige os hábitos da analyse fragmentaria e sem nos illudir, faz-nos sentir toda a verdade da apparencia como o effeito complexo e constante da realidade: é a Arte, na sua magnitude, devidamente applicada á educação de um povo. Philosophicamente, na esthesia que pretende realisar, ella consiste em uma representação ideal do que é, destinada a cultivar o nosso instincto da perfeição focalizando as consciencias, reforçando e engrandecendo o culto civico, em suggestões fortes, encantando, sem dispersões e estreitezas, com as energias de um intuito constructivo a vida humana, na condensação de uma synthese, pela satisfação dada aos nossos instinctos altruistas; isto é, de um modo, digno extasiando as intelligencias numa flamma irradiante e arrebatando e vinculando os corações, symbolicamente, sob a forma intensa, pois que o bello só pode ser o esplendor da verdade, na perpetuidade das bellezas humanas para o seu culto, si coadunar-se com a definição positiva da „gloria“ como consistente na „aptidão a produzir eternamente o bem“.

I

Creio que a effigie central de um monumento civico ao Rio Grande do Sul ha de, em recorte supremo, tombar sobre a nossa alma, do cimo de um altar ao heróe eterno, anonymo, impessoal, o nobre, o experimentado povo rio-grandense — de trabalhadores e patriotas que, soffrendo a lei da sua posição, se submetteu, historicamente á guerra, bem seleccionando as suas qualidades em combate e acampamento. Mas esse povo, valente, soffredor e cavalheiroso que deu á Patria os seus melhores filhos, impulsionados, por contra-golpe, pelas multidões, que elles conduziram, synthetisando e adquirindo a consciencia dos seus desejos profundos, esse Povo Gaucha, esse Povo Paladino — formou-se no aconchego aspero e doce dos lares do Rio Grande, lares modestos e sadios, que tiveram a Mulher rio-grandense, mãe, esposa e filha, como providencia moral. Ella que representa a imagem da Republica, num cimo de luz, protegerá o heróe futuro, a creança gaucha, com o sacrificio do seu amor aos sonhos que rolam no coração dos heróes, nesta terra de redempção e de benção!

Incomparavel symbolo esse que, celebrando a influencia redemptora dos antecedentes christãos, annuncia o predominio affectivo, na evolução brasileira, o bom genio de amor da nossa raça!

Pois si é verdade que no futuro será o nome da terra patria mudado pelo de terra „matria“, por isso que o amor por ella é o prolongamento do amor natural, não hesitará o artista eminente, emblemar as qualidades modestas e sadias, formadas, como digo, no aconchego dos lares rio-grandenses, pela effigie da mulher, com o melhor da nossa affectividade originaria e do nosso idealismo nativo. E' á conta dessas principaes características brasileiras, que podemos lançar cada movimento em nossa historia. „Spiritus flat ubi vult“. Seja qual for a patria a que pertença o historiador, seja qual for a epocha estudada por elle, o ponto de referencia do verdadeiro espirito historico é naturalmente universal, é o da fraternisação republicana, amando o homem acima das éras que se succedem e das doutrinas que passam com o senso do moralista, com a visão do poeta, com o criterio do sociologo, na função de educar a alma collectiva. E' pois, ao heroe-eterno, o Povo, formado nos lares do Rio Grande e historicamente seleccionado, de face voltada ao proprio espirito da nacionalidade, no élo que a prende ao espirito geral das sociedades americanas, é a essa effigie que a Mulher resume, que devemos sublimar, com veneração filial, domestica e civica, no verdadeiro patriotismo, o patriotismo-humano, porque esse culto cavalheiresco, para com a Mulher é o maior titulo de orgulho da nossa raça. Pois bem. Foi um ideal de raça, que o gaúcho brasileiro, defendeu nesta admiravel fronteira do extremo-sul, raça que, num „slancio“ sublime, deu ao mundo a arte grega, (raça mãe da esculptura), o imperio romano, a moral christã, a Renascença, as cruzadas, desvendando ao mundo o continente que habitamos, no impeto da Cavallaria do Mar; porque a formação do Ro Grande é um dos termos sociogenicos essenciaes, — de defesa, de repulsa, de expansão, de luta e de equilibrio, — na America do Sul, cujas sociedades experimentam, definitivamente, os seus regimens politicos reflectindo a preponderancia da civilisação do occidente.

Isto posto, creio que para condecorar um monumento á historia inconfundivel do Rio Grande, opulenta de actos e de vultos representativos, de scenas tocantes, de lances formidaveis, de lições generosas, poderão desafiar a inspiração do artista, de animo sereno, em largos paineis da grande alma brasileira dos rio-grandenses a alma collectiva que se affirma em nossa adolescencia de povo-paladino:

II

A allegoria ao animo forte do bandeirante que, sendo o agente economico e o traço de união racial que creou o Brasil, no testemunho do historiador allemão Handelmann, permittiu, como é justo reconhecer ao alijar do Paraná o hespanhol, que o gaúcho se formasse a si proprio e que formasse o Rio Grande, consciente de si e do seu meio.

Obra puramente dos filhos do povo, o bandeirismo, arrojo que alcançou a chancellia internacional, garantido na letra de um tratado pela acção do avô dos diplomatas brasileiros, Alexandre de Gusmão, salvando, depois do bandeirante e do gaúcho, do dominio estrangeiro o Rio Grande (desajudado de Portugal) e Santa Catharina, na definição territorial do Brasil.

Ao delinear este trabalho, se me deparou, na imprensa do Rio de Janeiro, um artigo em que o publicista Oliveira Vianna, annuncia o sentido de um livro que quer publicar sobre as populações meridionaes do Brasil, emprestando aos bandeirantes, com interpretação materialista da historia, o movel, tão sómente, de se atirarem ao Deus dará, rumo ao sul, para arrebanhar gados e cavalhadas e prear indios até o Uruguay. Pergunto si foi isso apenas o impeto das bandeiras do qual nasceu o Brasil. Pergunto por aquellas palavras desses mesmos bandeirantes que alijando o hespanhol do Paraná, permittiram que o gaúcho brasileiro formasse o Rio Grande, ao declararem, dirigidos, em 1630, por Antonio Raposo Tavares, cahindo sobre a provincia de Guayra: — „Vimos expulsar-vos deste paiz, pois nos pertence, e não ao rei de Hespanha“.

Era o sentimento brasileiro que lhes brotára na alma de velhos paulistas, essa raça de gigantes, no testemunho de Saint-Hilaire, que repetiu no devassamento do coração do paiz e pelas campinas do sul, as façanhas ao Deus dará da cavallaria do mar dos avós portuguezes, immortalisados pelo cantor do poema ideal de Patria. Contemplemos, no tablado da historia, outros amplos horizontes moraes.

III

A allegoria a esse despontar do genio continentino, a esse primeiro soldado rio-grandense que, respirando a livre atmosphera de pampa e cochilha neste povo seleccionado em combate e acampamento, defendeu a obra, mantida do bandeirante; soldado de occasião, campeador no trabalho das estancias representado pela fina flor dos indomaveis Dragões do Rio Pardo,

em cuja estirpe sobranceiam Raphael Pinto Bandeira e o martyr commandante desse regimento ou esse marechal José de Abreu, o rival victorioso dos maiores caudilhos hespanhoes do Prata, entre os principaes salvadores da nossa fronteira meridional na America Portugueza.

Campeador que preparou a historia rio-grandense, sosinho, vigilante de aspecto, na suggestão do proscenio comparado ao exemplo grego de Hercules a esmagar, sem amparo de ninguem, no berço, a serpente ameaçadora da integridade territorial, atalaiando as lindes nacionaes, como força defensiva, o olhar voltado para o horizonte distante e o espaço castelhano, num cunho magestoso da acção integradora, decisiva, que a attitude invicta do gaucho, collectivamente, imprimiu com revivescencias historicas, no branco marmore da coragem...

IV

A allegoria, em taes linhas esculpturaes do dragão de fardeta, de calções até os joelhos, botas de polimento, espadim ao lado e um capacete com pennacho, do qual saia o cabello comprido, amarrado por uma fita, sempre prompto „a combater como os cavalleiros medievaes e a morrer pelo seu Deus e a sua „Dama“, allegoria á multiplicação de heróes, com José Borges do Canto que, no apostolado de Patricio José da Camara, realizaram na expansão geographica do Rio Grande, a ultima obra dos dragões: a conquista missioneira, lá onde repontou esse genio continentino, alongando as linhas nacionaes, em milhares de kilometros quadrados.

V

A allegoria, portanto, ao sonho de poesia selvagem em scenario imponente, sonho de liberdade, que se mudou em seguida num ideal de patria, por intimo sentimento, necessario, que chamarei instincto de nacionalidade, phenomeno sociologico de enorme alcance politico, na fidelidade do Rio Grande á Patria, em formação, separado, como elle estava, do resto do paiz, pelo deserto até São Paulo e pelo espantallo da barra, mas defendendo, desde as jornadas coloniaes, mais do que o territorio, — a lingua, as tradições, os usos, os costumes communs, o ideal de raça!

VI

A allegoria ao alvedrio de eminente artista, sinão ao sonho jesuitico de um imperio theocratico, abortado, nos dias virgens do drama rio-grandense, quando, no oeste, na extensiva Banda das missões do rio Uruguay, se fundiu o ferro pela primeira vez no Brasil e appareceram os livros guaranys, sob a direcção paternal dos semeadores christãos; ao menos aos primeiros povoadores do territorio gaucha — que foram os indios, encarnados, na figura sympathica de Sepé, o chefe dos guaranys, que o nosso povo canonizou, na singeleza da sua vida, na pobreza dos recursos materiaes com que resistiu, defendendo o territorio, com devotamento transmittido ás gerações que o substituiram; dedicação á terra nativa, tecida naquelle symbolo de fidelidade no amor, pelo plectro de Bazilio da Gama, povoando os lares gauchos com a estirpe de Lyndoya, „morta embellecendo a morte“, num remoto interior de bosque.

VII

A allegoria, não só á incorporação espontanea do indio, como em nenhum outro territorio americano, á sua função social no Rio Grande, ao cabo de decennios, nas milicias e, como adequado mestre, no scenario das estancias; mas áquelles dois vates immortaes que cantaram primeiro a natureza da America, a selva, o rio, a montanha e a pampa rio-grandense: o autor do poema „Uruguay“, que mesclando o rito christão aos ritos barbaros, foi considerado o mais pacifista dos poetas brasileiros, antepondo, declaradamente, os labores e as artes da paz, ás bellicas fadigas, detestadas das mães e das esposas: e o magno vulto riograndense do cantor de „Colombo“, o annuncador de Gonçalves Dias, o antecipador da poesia historica (luta do homem, na America, com a natureza travada para fins de civilisação) revelando, no dizer de crystalino espirito, o primeiro passo do nosso advento internacional.

Tambem o coração rio-grandense faria um ministro de Bento Gonçalves tornar patente que a luta farroupilha não era só uma empreza particularista, dizendo elle, em 1840, „a Causa Santa em que estamos empenhados, é a da liberdade universal do continente americano.“

Esse sentimento que accendera, antes, a coragem daquelle simples gaucha rio-grandense, Pedro Vieira, o popular „Perico el bailarín“, filho de Viamão, o gaucha que foi o braço direito da columna do norte de Artigas armando-a, equipando-a, para

exclamar, sem deixar de ser rio-grandense, faço isto „por puro amor á la libertad“, como ao lado de Artigas participou um regimento de trezentos rio-grandenses, de trezentos continen-
tinos; e como esse velho sentimento da terra americana iria despontar, irradiando por todos os lados da America, no coração de dois rio-grandenses que, no Estado Maior do general San Martin, realizaram, com elle, a celebre proeza que os fez atravessar a cordilheira dos Andes!

VIII

A allegoria ao escravo negro que descobrio o ouro no Rio Grande do Sul, a essa raça trabalhadora, heroica de Marcilio Dias, terna e dedicada, que fez crear, como um symbolo a lenda mais genuinamente rio-grandense do abnegado martyr do pastoreio que é a propria imagem do passado gaúcho, que se perpetua na lembrança de que a inspiração da lei de 13 de maio, tal como foi formulada da coragem e prestigio de um ministro rio-grandense, de espirito hellenico, Ferreira Vianna.

A' grande regra, no dominio da arte ha de obedecer o estatuario, — a sinceridade, — de que falava o genio de Rodin, notando, ao collocar-se entre as duas tendencias da concepção esculptural hellenica de Phidias e a da austera grandeza de Miguel Angelo, como pelo movimento e pelo modelado faz, sem artificio, o artista, viver as figuras evocadas, reunindo as diferentes phases de uma acção, pelo milagre de condensal-as numa grande imagem, nas varias scenas que se succedem num mesmo grupo esculptural, a exemplo da rajada da „Marseilha“, no Arco de Triumpho, que Rude talhou, esculpiu, com a verdade do conjuncto contemplando o espectador na disposição das personagens, primeiro as que começaram a acção, depois aquellas que a continuam e, por ultimo, as que completam o valor scenico da arte.

IX

Pede um monumento ao Rio Grande a allegoria não só á indole dos nossos capitães generosos prophetas da terra pacificada, não só á musa creadora dos poetas, mas ao genio dos estadistas que condicionaram, na Republica, uma força de acção e de irradiação mental. Ao arrepio do que, por ahí se escreve, inconsideradamente, — direi que o Rio Grande nunca foi um presidio, em sua genese social, no cadinho americano, desde a remota phase em que a perfeita intuição de um espirito forte

de organisador, soldado e patriota, como foi o brigadeiro José da Silva Paes, se mostrou em carta a Gomes Freire de Andrade, affirmando que a occupação do Rio Grande era muito mais util ao Brasil que a de Montevideo e provendo a necessidade de todos andarem a cavallo. Sim, a allegoria nesta terra, que nunca teve donatario, á tendencia do povo para disciplina, militar e depois social, comprovada na attitude respeitosa, ordeira, desse povo, em sua primeira insurreição politica, a 26 de abril de 1821, mesmo ao revoltar-se contra a autoridade; e enobrecida no criterio humano e cavalheiresco da luta farrupilha. Tendencia para os governos fortes sob a inspiração dos compatriotas-sociaes (usando a expressão de Taine), como já ao tempo da capitania elles eram duraveis, em torno de dois homens capazes, que administraram, em trinta e dois annos, da estatura de um José Marcellino e um Veiga Cabral, ao passo que em Santa Catharina, „vinham e iam coroneis governadores“ no triste papel de simples mandatarios do vice-rei; para compensar o facto de haver o Rio Grande, enquanto provincia da monarchia, tido 102 presidentes e vice-presidentes em exercicio, tocando, em média, seis mezes para cada governo, sem unidade de vistas, sem traço apreciavel, com raras excepções, cerceados na applicação dos meios de exploração das nossas riquezas latentes. Basta dizer que o regimen do „deficit“ attingiu no Rio Grande provincial a perto de setenta e seis mil contos, de 1840 a 1889.

X

A allegoria, num symbolo ao trabalho, ás grandes linhas economicas, determinadas pelas culturas, pelas xarqueadas, pelas industrias, que traçaram a prosperidade rio-grandense, favorecida pelas excellencias tonificantes do meio, familiaridade com o trabalho, visinhança de viris populações, contadas as dessemelhanças entre o „gaucho-malo“ platense, em luta com a autoridade e a sociedade e a generosidade do caudilho rio-grandense que não foi ambicioso nem cruel. Alma que se veio elaborado... Não era mais o bandeirante, não era o lagunense, não era o açoriano, o indio, o hespanhol... E era tudo isso... era o genio continentino forjando-se a figura bronzada do gauchinho, no cadinho americano, como um phenomeno novo, a partir do insigne momento em que repontaram as suas qualidades de impeto e cavalheirismo, com a alma já certa de si e certa do conhecimento do seu meio... Bento Manoel era paulista, e na atmospheria de pampa e cochilha, levou o quixotismo immortal do gauchinho ao ponto de mandar na ba-

talha de Sarandy desencilhar os cavallos em frente do inimigo, dispondo-se a luta...

Vida feliz do Rio Grande, a que, no remodêlo dos affluentes da boa massa emigratoria, se arraigaram nucleos laboriosos, tranquillos e adeantados.

Somos o grande Estado que, na phrase do douto João Ribeiro, „se impõe por equilibrio de forças constructivas da civilisação nacional“.

XI

E o Rio Grande deu ao Brasil, ao seu progresso material, o maior genio constructivo, o seu filho conspicio, Visconde de Mauá, o incrementador principal do espirito de associação no paiz; virtuoso na fortuna e heroico na adversidade, aquelle que, em 1854, assentou no Brasil a primeira estrada de ferro e a cujo patriotismo de acção deve o Amazonas sulcar-lhe as aguas um vapor, pela primeira vez, generalisando-se até ao Prata esse genio operoso e de altissima visão politica, nas relações com os povos visinhos, genio filiado á escola sociologica de Saint-Simon e philosophos humanitarios, como accentua o seu biographo.

Nem faltarão materiaes bastantes, sobre o chão da Pampa, para erigirmos um monumento ao Rio Grande do Sul, que no dizer do geographo Reclus, possui um resumo das riquezas da terra: ouro, prata, cobre, marmore, estanho, chumbo, ferro, no complexo de suas, vantagens naturaes que já Nathaniel Plant descrevera, fazendo prosperar os attributos nativos dos mais brilhantes batalhadores da historia nacional.

E si material bastante nos faltasse, diríamos como o poeta, sem mendigar fulgores ás estrellas:

... Temos na terra o que não ha no céu,
Recolhe os ossos dos titães soldados,
Apanha as armas que a seus pés cahiram,
E ajunta as balas que os canhões cuspiram,
E, então, de sabres e canhões e balas,
Lanças partidas, pavilhões rasgados,
Levanta o alto pedestal da estatua
Que irá nas brumas se perder no espaço...
E assim aos astros erguerás seu craneo,
E ao mundo inteiro, estenderás seu braço!

XII

E para a expressão concreta e perpetua da nossa gratidão brasileira, alteia-se nesta terra forte o cavalleiro andante que confundiu a sua sorte á nossa, aquelle que illustrou a sua vida no Rio Grande, muito antes da campanha da unificação da Italia, — Garibaldi, o heróe dos dois mundos, que teve o coração assás grande para amar as patrias todas, amando ainda mais a sua, depois de apurar o seu heroismo, depois de emplumar o seu enthusiasmo ao lado dos criadores da nossa liberdade politica, os farrapos „cenobitas da religião civica“; Garibaldi, o guerreiro de profissão, que odiava o morticínio e amava ardentemente a paz, dizendo elle mesmo, em Caprera, „ao olhar a sua panoplia, que só se servia daquellas armas para aniquilar outras armas peiores, propagadoras da iniquidade e escravas da ambição, lamentando não ter podido fazer com palavras de amor e beijos, o que fizera com cutiladas e sangue“.

XIII

E essa mesma allegoria á velha alma dos generosos soldados, dos chefes de industria, dos estancieiros, de que descendem os rio-grandenses, dos xarqueadores que ergueram desde Pinto Martins, vastas officinas de sello proprio, no Brasil meridional, encerra, virtualmente, a alma dos campeiros, dos tropeiros, dos vaqueanos, dos batedores de estrada, dos vigias de acampamento, cuja labuta se transformou na realidade dos magnificos painéis que ostenta o Rio Grande dando-me a impressão de um „gigante que cresce“. Vae acabar o gauchão de hoje? recuando para a grandeza estatica do passado, evanescido, como actor em decadencia, vencido, pelo meio modificado? Mas nesse orgulho de dominador expulso a se sentir estrangeiro dentro do proprio pago, o „protagonista amado das turbas e da gloria“, trocando a carabina pelas novas armas do trabalho, lembrará, sempre, o paradoxo spenceriano da maior belleza, quiçá, de um castello em ruinas e de um prato fixado ás paredes, mais bello do que um prato á mesa... „ficando em derredor da pyra“, como disse Luiz Murat, silenciosa e espectral, „um frémito de jubas“.

Foi isto assim: Elle nasceu, o gauchão, romanesco e glorioso, como nasceu o Rio Grande: da tradição viva e moça das estancias e do pó das batalhas, um pulsar de coração pelo rythmo do coração da Patria, um instinctivo amor, enamorado da terra e enamorado de si mesmo... Em baixo-relevo da estatua de Alencar, no Rio de Janeiro, o esculptor figurou o

duello do gaúcho Manoel Canho, personagem que não exprime o filho singular da Pampa, nos azedumes do romancista que nunca viajou pelo sul do Brasil.

XIV

Essa é a allegoria á contribuição dos actos, dos sentimentos e das idéas no Rio Grande, a prol da sua gloria e da sua prosperidade, em demanda do futuro, na belleza de attitúdes e de linhas esculpturaes que salientam o altivo porte civico dos liberaes rio-grandenses, como Xavier Ferreira, delatados nas tramas republicanas pela Independencia do Brasil, a alma bem temperada do nosso major de milicias, Alexandre Luiz de Queiroz, que em 1820, sahiu ás ruas de Cachoeira dando vivas á Republica e á liberdade; essa Republica de que lá na provincia da Bahia, foi propagandista, desde 1836, um filho de Pelotas, Domingos Guedes Cabral, dedicando-se á imprensa e escrevendo, um livro: alma bem temperada, em duros prelios, dos nossos camponios, dos elementos dirigentes, dos intellectuaes, dos scientistas, como Araujo Ribeiro, Visconde do Rio Grande, dos seus poetas, como o vate mavioso das „Auras do Sul“ ao qual, no momento condoreiro, „nenhum outro no Brasil supéra, excepto Castro Alves“; allegoria ao espirito dos escriptores, oradores, professores e jornalistas, espirito que se reflecte no binario que presentiu Euclides da Cunha, constituido, de um lado, pela phantasia poderosa dos nortistas e de outro, pela intelligencia do sul, mais bem aparelhada de um conceito organico da realidade.

XV

São representantes individuaes da raça que resumidos nos seus valores maximos, devem figurar em véra effigie, sobre que a morte estendeu o seu manto. São os grandes soldados de um povo livre, ensinando-nos a lutar sem odio, como Bento Gonçalves, resumindo com prohiboso escrupulo, e prophetico descortino, o plano objectivado em dez annos de heroicidades que propugnaram pelo governo federativo do paiz, na elaboração de um codigo politico, appellidado de berço historico do direito republicano no Brasil.

São os legionarios do heroismo que em investidas homericas, na allucinação das cavalgatas gauchas, encarna — Andrade Neves —, bradando, nos ultimos estertores da agonia, „camaradas, mais uma carga!“ São, na vanguarda dos bravos, as espadás que burilavam, ao sol da gloria os poemas do triumpho, com a serenidade daquelle gesto de Porto Alegre quando, avisado pelo ajudante de ordens de que estava o seu ginete en-

eilhado, respondia, em primeiro uniforme, que „ainda não tinha abotoado as luvas“, zombando da bombarda que retumbava a seus pés.

São os sábios, desinteressados e puros, como Joaquim Caetano da Silva que, apesar de quasi cego, nunca deixou os seus estudos historicos, escrevendo, num francez de Racine, a obra immoredoura que preparou a victoria de Rio Branco, como em outro passo, o fariam os nossos patricios do nordéste, ao mando de um gaúcho — Placido de Castro.

XVI

E' nessa energia rio-grandense, a largos traços evocada, energia, que nos encanta, para o nosso bem e para o bem da fraternidade americana, é nesses motivos moraes que o artista de genio descobrirá um grande risco de belleza, no mais alto gráo, para, numa arte de harmonia, pôr em communhão todas as legendas vivas do Rio Grande! para que, descortinando esse seminario de heroes, este viveiro de patriotas, essa escola de sábios e de estadistas, marche a creança o heroe-futuro sob a protecção da mulher, cujo amor se sacrifica, estoicamente aos sonhos que rolam no coração rio-grandense, enaltecidos no estandarte da Patria, como um acêno de irmãos, por um grande pensamento humanitario, tres vezes nosso, pelas cores azul e branca do primeiro pendão colonial, pelo symbolo da terra primavera! no segundo pendão de José Bonifacio e pela lembrança da luz do sol e da posteridade no labaro fulgente de Benjamin Constant o que mais soberbo e admiravel fluctua sobre a face do globo, numa representação ideal.

XVII

As bandeiras são „as azas da Patria“, arremettidas sobre o horizonte physico e moral, anciosamente espalmadas na attitude „ovante e cohesiva das syntheses“. E o genio prophetic do artista eternisará na escultura de um monumento ao Rio Grande, o gesto dos seus heroes, freneticamente, a apertar, de encontro ao coração, a bandeira dos farrapos, a flammula tri-color que é a graça eucharistica da terra natal, porque o movimento de 35 teve a sabedoria, o amor bastante para proclamar, ainda mesmo depois do brado ephemero da independência que antes de sermos rio-grandenses, somos brasileiros... sentindo os tempos que se abraçam... contendo o espirito do presente na projecção ideal de um symbolo de estrellas, na propria logica das cousas, o verde, a terra joven ou a terra em flor; o amarello, a terra fructo; o azul, a terra ether; as estrellas, a terra luz; o sonho e a realidade; a esperança e a victoria, como

foi dito, a ordem cyclica dos phenomenos geraes orientados pelo progresso; a exhortação da universalidade, o exemplo e o aceno ao desejo de obedecer, da fraternisação humana, ao rythmo da consciencia universal, pela indulgencia eterna e luminosa do Cruzeiro do Sul!

XVIII

Já o Rio Grande, em marcha para a representação publica da lição da sua historia, lança, generosamente, de par com outros monumentos erguidos, a pedra fundamental de uma estatua a Osorio, emprestando-lhe, assim, a symbolisação dos seus fortes ideaes, resumidos na conhecida phrase que poderá ser esculpida no bronze, a phrase que elle proferiu, como amigo dos proletarios fardados, predilecto dos humildes na paz e na guerra: „O meu maior desgosto é ver a minha Patria em luta, e achar-me num campo de batalha, e a data mais feliz da minha vida seria aquella em que me dessem a noticia que os povos — os civilisados pelo menos — festejavam a sua confraternisação, queimando os arsenaes“.

Já numa época profundamente guerreira, Aristóphanes, principe do theatro grego, venerava a Paz como a „deusa superior a todas as outras, chamando-a a veneravel deusa que preside aos canticos e aos noivados“.

Hoje nós temos no coração o futuro da humanidade, como bem disse Semmi Meyer, perante o quadro da evolução do pensamento da cidadania universal!

Poderia multiplicar as imagens do Rio Grande como os pintores das cathedraes antigas que, no dizer de Barrés, tantas vezes, juxtapuzeram, com o mesmo processo de symetria, as figuras da velha lei em frente á nova, entre o tumulto e Jesus, o presepio e Maria, Moysés e a sarça ardente, identificadas com os fins de Deus ou os fins da humanidade, que, na tarde de Roncevaux, fizeram murmurar Orlando: „Doce paiz, minha terra natal!“

Aquelle que consagrou a saudade ao serviço da esperanza santificando o homem na historia, elle proprio alimentando augurios dos mais risinhos no „duplo elemento iberico, no meio

resultante da expansão americana“, quando á capacidade reservada á civilização da America do Sul, de destruir e apagar preconceito quicá resultante da mistura de raças, da fusão de ideaes, costumes, justiça e crença dos differentes povos colonisadores. Comte advertia que só a Arte, tão propria a desenvolver os instinctos sympathicos, póde suscitar o egoismo nos que resumem a sua felicidade, estreitamente, em gozar os sons ou as formas, despreoccupados do intuito social.

XIX

Essa narrativa escultural da labuta que se transformou na magnifica realidade dos paineis ostentados pelo Rio Grande, ousou acreditar que só pode ser, numa elaboração reflectida, comprehensiva, ethnica e socialmente, nos seus assignalados motivos episodiados por um monumento cyclico, impesoal, que não seja uma mentira de bronze. O que nesse thema compete ao artista, na representação plastica da forma concreta, soccorrendo-se ao mesmo tempo, da visão e do tacto, afim de combinar o desenho dos perfis com o modelado dos relevos é conceber o assumpto nos seus aspectos principaes, na sua novidade e complexidade, mediante allegorias apropriadas a caracterisar a acção e o gráo de importancia de cada uma das phases em apreço. Mais ainda: o que nessa composição compete ao estudo e á moralidade de um artista eminente, é alongar a visão interior pelo tempo, mas não idealisar, não sonhar a realidade ao acaso da phantasia, antes „revelar, crear o sonho de que é feito o tecido das legendas“, aformoseal-o embellezar, espiritualisar a realidade com uma utopia nova, no dizer de lucido espirito, utopia que poderá ser a ante-manhã de uma outra realidade mais formosa.

XX

Sabem o que é ser rio-grandense, pela intelligencia, pelo estudo, pela honestidade mental, os que dão ao seu patriotismo o cunho de fiel analyse de nós mesmos, amando consciencientemente o Brasil e justificando com os factos e perante a razão, o nobre orgulho de ser rio-grandense, e o traço original do espirito dos povos está no que nelles ha „de flor, de flagrancia e de esplendor de vida“, a lourejar no corpo, na alma e no meio social em fundas marcas que ficam. Até mesmo, no zelo pelo sorte de nossa terra, é inconcussa a observação, de Eu-

clydes da Cunha: o que seria um mal, como forma definitiva do character, é um bem na transição que ultima o Brasil; a glorificação tornada maior da realidade nacional, que nasceu de um sonho, como desta guiza se embalaram as nações estaveis, com uma missão definida no destino geral da humanidade.

Para tudo dizer numa palavra com clareza, precisão e consistencia: O Rio Grande, na tradição, na chronica, na historia, nas instituições, no lendario nativo, como um dos termos sociogenicos, essenciaes, na America do Sul, de defesa, de repulsa, de expansão, de lucta e de equilibrio, outra cousa não fez sinão despertar, seleccionando em combate e acampamento, lutar e pensar como um povo-paladino, a equilibrar-se, definitivamente, no seu fado. Sim. Que tem feito o Rio Grande na sua vocação de sangue e de alma, na sua contribuição espiritual ao Brasil, desde as jornadas coloniaes, sinão defender, sinão manter a obra brasileira do bandeirante, desde o Amazonas e nesta admiravel fronteira do extremo sul, assignalada, em impressões de patria, por esse mesmo ideal de raça, a exprimir-se, energicamente em usos e costumes, em institutos, em genio local, em unidade de lingua, ideal espelhado em formas superiores de cultura, num regimen de boa humanidade?

Sobre as cabeças culminantes dos nossos specimens-typos de humanidade americana, sobre as nossas scenas anonymas, na massa pululante das renunciias collectivas, que valem ainda mais do que os nomes proprios méde-se a grandeza e lança-se a triangulação do Rio Grande do Sul. São os pontos sobranceiros, no alto da esplanada, das „vertentes de todas as aguas que fertilizara, atravez dos tempos“, a nossa evolução. Não improviso este modo de pensar, porque certa vez escrevi, em modesto trabalho, intentando delimitar os pontos do nosso espaço historico, na apreciação dos aspectos e factores da nossa evolução, atravez de rudes, incisivos, claros moldes de heroicidade, desde as jornadas coloniaes, em lutas atropeladas, até o presente atropelado de lutas: — Emblemado, no seu maior gráo, por um grande herdeiro, (o heroe-eterno o Povo), um grande paradigma do typo rio-grandense espéra o Rio Grande, no dom magico concedido aos illuminados, no embellezo das comprehensivas visões de um povo anceia o Rio Grande pela nota mais alta, sadia e duradoura, da sua commemoração social, pro-

funda e complexa, como synthese historica do dominio do sentimento vinculando as aspirações e unificando os homens, na grandeza symbolica do seu destino civico, expresso pela Arte, num monumento ethno-sociologico, que consagre uma ampla affirmação do nosso genio historico, numa idealisação dos grandes lances moraes, no lampejo heroico, leal e cavalheresco da nossa vontade como existencia nova da Patria brasileira, fixado os impulsos, as idéas, os sentimentos, as virtudes e o valor da raça, allegoricamente, fazendo do Rio Grande mais do que uma sentinella, uma prophesia de civismo, consciante e cohesivo, nos aspectos e factores essenciaes, rio-grandenses e humanos, da sua marcha para adeante!

Não me atreveria a cercear a liberdade do artista prefixando, impondo-lhe a expressão minuciosa, catalogada, no bronze de uma homenagem ao significado maximo do caracter rio-grandense, tarefa em que exceder-me-ia a mim mesmo. Provoquei associações de idéas, lá onde paira a imagem ideal do Rio Grande. Arrastaram-me inclinações moraes a sahir da minha obscuridade rendendo de coração e com amor, este preito á terra do Rio Grande, chamada num hymno commovedor de orchestra periodos, terra de qualidades excelsas, no thesouro incalculavel dos seus merecimentos, tendo cimos de luz para se medir com as mais altas grandezas e sobras de magnificencia para se lembrar até dos mais pequeninos e lhes deixar cahir um pouco do que lhe transborda dos seios opulentos.

Tracejando, como procurei fazer, em contornos concretos, a visão dos tempos rio-grandenses, não sei se com o espirito synthetico que a intelligencia do assumpto reclama, bem observei o aphorismo celebre de Leibnitz: — A ordem chronologica das epochas não é a sua ordem philosophica; em vez de dizer, o passado, o presente e o futuro, é preciso dizer, o passado o futuro e o presente. Finalmente, não sei si encarando o desenrolar dos factos e a fieira dos vultos, que, nas idealidades da familia rio-grandense, talharam o molde de sua propria estatua: não sei, (outros o dirão) si, a talho de servir comsigo ligar o futuro ao passado harmonioso do Rio Grande encontrando, no delineamento do nosso typo sociogenico, a logica da historia, aquelle nó central e permanente que na sociedade, como no individuo, ao que ensina Durkheim, chama-se — caracter — porque liga entre si os diversos momentos da existencia e determina a continuidade da vida.

Permitto-me accentuar, como formula synthetica do meu pensamento, que o artista, a quem, no brônze, couber a insigne missão social de exprimir semelhante tributo ao Rio Grande do Sul ha de elevar-se da simples emotividade pessoal á concepção e tentamem de um a verdadeira epopéa, já philosophicamente sentida por Schelling, Hegel, Goethe e João Paulo Richter, thema ao qual o artista, nas duas syntheses racional e emocional, será conduzido, em estros novos, com o clareza das ideias e a sinceridade da expressão, desde que o genio só é completo, como presentia Balsac, quando reune com a faculdade de crear a potencia de coordenar as suas creações.

E ao confiar neste sonho florindo na „manhã da humanidade“ (como chamou Garibaldi o Rio Grande) espero que maior inspiração de verdades superiores actue pelo impulso suggestivo, generalizando, determinando as consciencias, ponderando os estímulos com a formulação dos votos e disposições que a vida e alma do Rio Grande são apropriadas a inspirar. Resta-me a face moral da empreza.

Realizem os artistas o que sonharam os philosophos e collima a historia — o cumprimento da alta missão para a qual Goethe chamou os eleitos, convidando-os a apoderarem-se da lyra de Orphêo, cuja ressonancia o autor do poema ideal de Patria escutou nos Luziadas, ao prefaciар uma era nova da vida universal, com o traço luminoso do espirito latino.

E' o que ha para conservar no Brasil: esse espirito da raça, character, lingua, alma dos grandes homens, bom senso e bons costumes, o equilibrio do genio rio-grandense, o amor da Patria e repito, em geral, todas as nobres qualidades seleccionadas pela historia no coração de nossos maiores!

O PENSAMENTO RELIGIOSO DOS FARRAPOS

Conferencia proferida no Instituto
Catholico de Sciencias e Letras, em
outubro de 1927 pelo nosso confrade
sr. Mansueto Bernardi.

AS FUNDAÇÕES DO EDIFÍCIO FARRAPO

Sob muitos aspectos foi estudada a Revolução Riograndense de 1835.

Perquiriu-se já, por exemplo, si tendia para a união federativa ou para a separação. Si a animavam sentimentos effectivamente republicanos ou monarchicos. Em que doutrinas politicas e sociaes se abeberava. Como concebia o individuo e o Estado. Quaes as causas que a determinaram. Que influencias internas e externas soffreu.

Procedeu-se já, por assim dizer, no edificio farrapo, a uma vistoria mais ou menos completa. Da flôr do sólo á cumieira, portas, janelas, paredes, vigamento, divisões interiores, coberturas, tudo foi examinado com plausivel minúcia e curiosidade. Só as fundações, quér dizer, as suas directrizes religiosas, foram esquecidas.

Entretanto, por ali é que devia ter começado o exame. Dali é que devêra ter partido a vistoria, porque exactamente sobre a religião é que assenta a republica e porque destróe todo fundamento da sociedade humana quem das republicas elimina a religião.

Religio vera est firmamentum reipublicae. Omni humanae societatis fundamentum evellit, que religionem convellit.

Assim falava, não o saltimbanco Zarathustra, mas a bôca preclara de Platão.

Vejamos, pois, de que modo encaravam o pastoreio das almas os bellicosos pastores de Trinta e Cinco.

Vejamos que attitude mantiveram, em face do grande evento guerreiro e politico, os representantes da Igreja.

Vejamos como pensavam e agiam aquelles revolucionarios, em materia de religião.

Como todos sabem, a Guerra dos Farrapos teve inicio com o combate travado na ponte da Azenha, na noite de 19 de Setembro de 1835, entre revolucionarios ao mando de José Gomes de Vasconcellos Jardim e Onofre Pires da Silveira Canto e legalistas obedientes ás ordens do Visconde de Camamú. Venceram aquelles, que no dia seguinte, 20, entraram triunfalmente na cidade, obrigando o Presidente Antonio Rodrigues Fernandes Braga a fugir para o Rio Grande.

O afastamento dessa autoridade era, pelo menos na apparencia, o principal intuito da rebelião, a qual entregou interinamente o poder ao Vice-presidente Marciano Pereira Ribeiro.

Ao Governo Imperial, entretanto, competia prover á cerca da substituição de Fernandes Braga e nessa conformidade, para preencher a vaga aberta pela renuncia forçada daquelle, foi nomeado o Dr. José de Araujo Ribeiro, posteriormente agraciado com titulo de Visconde do Rio Grande.

Era Araujo Ribeiro um conterraneo de alto valor como o provam os cargos de relevo que exerceu na diplomacia, na administração e na politica e as obras que compoz, dentre as quaes se destaca *O fim da criação*, ensaio de filosofia, que teve um êxito mundial, sendo vertido para o inglez, o francez e o germanico.

Todavia, os Farrapos, que a principio aplaudiram a sua escolha para presidir a Provincia, encontraram, depois, razões bastantes para mudar de aviso.

E assim é que impugnaram a sua posse.

Tal deliberou a Assembléa Legislativa Provincial, eleita em virtude da lei de 12 de Agosto de 1834 e que pela primeira vez então se reunia

O CLÉRO E A REVOLUÇÃO

Dize-me com quem andas e eu te direi quem és.

Com quem andou o Cléro naquella emergencia? Averiguaram os estudiosos que, com excepção apenas dos vigarios de Pelotas, Piratiny e São Borja, todos os demais se identificaram discreta ou abertamente com a causa da revolução, tendo mesmo alguns delles intervindo de modo saliente na sua faze preparatoria e no seu ulterior desenvolvimento.

Na faze preparatoria, exerceu consideravel influencia o padre José Antonio Caldas, antigo deputado á primeira Assembléa Constituinte do Brasil. Condenado á morte como implicado na Confederação do Equador, evadiu-se da fortaleza de Santa Cruz, no Rio de Janeiro, emigrando para a Republica Argentina, onde alcançou o posto de capelão do Exercito. Transferiu-se, em seguida, para o Uruguay, sendo nomeado vigario em Mélo. Republicano extremado, de lá entrou em contacto com os liberaes rio-grandenses, notadamente com Bento Gonçalves, com quem urdiu os primeiros fios da trama revolucionaria.

Por esse motivo é que o presidente Braga, na sua *fala* de 20 de Abril de 1835, em que denuncia a conspiração á Assembléa Provincial, indica de modo expresso e pejorativo „o indigno padre José Antonio Caldas“, como um dos promotores do desassossego da provincia.

Declarado o movimento, apoiaram-no francamente os sacerdotes João de Santa Barbara, Antonio Pereira Ribeiro, Feliciano Rodrigues Prates, depois elevado á dignidade episcopal; Sebastião Pinto do Rego, que depois foi Bispo de São Paulo, João Temudo Cabral Diniz, Manoel Justino Garcez Moncada, Roberto Gonçalves, Antonio da Costa Guimarães, e varios outros menos conhecidos.“¹⁾

Na Assembléa que denegou a posse ao presidente Araujo Ribeiro, contra o voto apenas do deputado Bento Manoel Ribeiro, tinham assento nada menos de quatro ministros da Igreja. Eram elles os padres Juliano de Faria Lobato, Francisco das Chagas Martins Avila Souza, Fidencio José Ortiz e Tomé Luiz de Souza, sendo que este ultimo exercia cumulativamente com o seu mandato de representante do povo, as funções de vice-presidente daquella histórica corporação, pelos legalistas da época denominada *conventiculo sedicioso*, taes as idéas radicaes que professava.

1) A. Varella. — *Rev. Cispl.*, II., pg. 934.

„Aconteceu — disse o deputado Alvares Machado, em pleno Parlamento Brasileiro — aconteceu que a melhor mocidade do Rio Grande do Sul, se deixou ilaquear pelas idéas de republicanismo e que as melhores famílias da Província, a mocidade mais interessante, mais forte, mais corajosa, mais rica, do paiz, os proprietarios do interior, abraçaram a rebellião.“

„Pela campanha do Rio Grande — attesta igualmente Sá Britto, em sua *Memória* — achou a Revolução quasi unanime assentimento. As principaes famílias, os homens mais abastados de seus bens, os mais valentes soldados, com raras excepções, adheriram todos ao movimento de 20 de Setembro, com enthusiasmo.“²⁾

„A electricidade revolucionaria abrangeu toda a Província“, confirma ainda Lobo de Barreto.³⁾

Ezequiel Vieira, depondo a proposito, certifica este facto com uma exclamação pitoresca: „Parece que cada capim é um republicano!“⁴⁾

E era assim mesmo. Quasi todo o povo se identificou com a revolução. E com o povo confraternizou, tambem, quasi todo o cléro.

Nem todos os representantes da Igreja, comtudo, denotaram o mesmo entusiasmo pela revolução. Uns se limitaram a apoia-la discretamente. Outros se conformaram apenas com ela. Outros arrostaram por ela todos os perigos, e outros, ainda, em nome dela, chegaram á pratica de verdadeiros desatinos.

O PADRE PEDRO DOS REIS

Perdura ainda a fama daquele violento e turbulento padre Pedro Joaquim dos Reis, que, nos dias seguintes ao vinte de Setembro, andou com um grupo de exaltados, pelas ruas de Porto Alegre, desfeiteando e agredindo os *caramurús*.

„Armado de uma palmatoria — informa Assis Brasil —

2) A. Varella. — *Rev. Cispl.*, II., pg. 542.

3) A. Varella. — *Rev. Cispl.*, II., pg. 542.

4) A. Varella. — *Rev. Cispl.*, II., pg. 978.

este furioso padre applicou a muitos portuguezes o bárbaro castigo dos *bolos*, obrigando depois os infelizes pacientes a passar recibos do que ele chamava *pagamento* das afrontas que o partido nacional havia sofrido.“⁵⁾

Nasceram dahi os seguintes versos, cantados na época pelos trovadores da legalidade:

Muitas revoluções
nos aponta a antiga historia.
Mas só nesta se receita
A vergalho e a palmatoria.

Mas quem com lenho fere, com lenho será ferido, diz mais ou menos, um velho anexam.

Santa Luzia, manejada tão a miude pelo sacerdote revoltoso, acabou por se revoltar também, virando-se contra o manejador, quando este, um ano depois, caiu nas mãos dos legalistas. E chegou então a vez do padre Pedro apanhar bolos e passar recibo.

Foi isto em Pelotas, no dia 30 de Outubro de 1835, como se póde ver da seguinte noticia, do *Jornal do Commercio*, de 23 de Novembro daquelle anno:

Segurança individual e recibo de bolos.

„Felizardo Rodrigues Braga, ajudante de campo do major Almeida, junto com quatro homens^a recomparam os serviços de um sacerdote, como consta do recibo junto.

„Recebi generosamente por muito minha livre vontade 10 duzias de bolos; ficando saldadas e bem saldadas as asneiras de bolos, que dei, porque com uzura e bem puxadas chupei.

„Pelotas, 30 de Outubro de 1835.

N. B. — São 12 duzias e não 10, além de 2 bofetadas e de laçassos.

Padre Pedro Joaquim dos Reis.“

⁵⁾ Assis Brasil — *Historia da Republica Riograndense*, pg. 98.

TE-DEUM LAUDAMUS

Depois de um anno de luta, no dia 6 de Novembro de 1836, na villa de Piratiny, foi proclamada officialmente a Republica. Foi aquelle um instante verdadeiramente dramático, porque ali se declarou abertamente a provincia de São Pedro do Rio Grande do Sul, desligada do Imperio do Brasil.

O illustre e sempre admiravel Assis Brasil descreve o histórico episódio numa pagina magistral:

„Dentro e fóra do recinto simples e modesto agglome-rava-se uma grande massa de povo. Do aspecto geral desse ajuntamento, que pela primeira vez se via depois do grito revolucionario, resumbrava um accento de profunda solemnidade, que transluzia no semblante de cada um dos congregados. Estava ali o coronel Antonio de Souza Netto, na plenitude da sua gloriosa vida, revelando ainda claros no rosto os traços da belleza physica de que era dotado e essas tendencias cavalheirescas que fizeram delle até a velhice — um galanteador, um soldado e um patriota, em tudo extremado e ardente; ao seu lado, sentava-se o nobre velho José Gomes de Vasconcellos Jardim, que não levou em conta o pêso dos annos e os cuidados de uma grande fortuna para arrojar-se á defeza das suas idéas, embora nos azares de uma revolução; ficava-lhe vizinho Domingos José de Almeida, grave e pensativo, como que lhe passava já pelo pensamento a efficaz direcção que havia de imprimir á patria que estava creando; estava ali tambem Joaquim Pedro Soares, tenente-coronel, ajudante general e commandante do 1.º corpo de lanceiros, esses semi-barbaros redimidos da escravidão, que a sua bravura guiava ao combate com a impetuosidade da torrente; o major Joaquim Teixeira Nunes, seu immediato, raro e legitimo typo de verdadeiro gaúcho, cujo denodo espantou um dia o proprio Garibaldi, o homem que a fama consagrou o mais valente deste seculo; Antonio Vicente da Fontoura, espirito culto e grande talento; o dr. Antonio Pereira de Siqueira Leitão, o major José Mariano de Mattos, o capitão Manoel de Macedo Brum da Silveira, o advogado José Pinheiro de Ulhôa Cintra, o tenente-coronel José Alves de Moraes, o padre Miguel Justino Garcez Moncada e grande numero doutros patriotas, que vinham concorrer com a sua presença e o seu voto para a installação desse Estado a que irão mais tarde sacrificar o sangue e a propria vida.

Extranhas commoções deveriam agitar a alma desses ho-

mens, no momento supremo em que se iam desprender da subjeição á patria antiga e assumir a responsabilidade da independencia. Erros funestos daquelles a quem estava confiada a direcção dessa patria os haviam precipitado fóra do tecto em que nasceram; a idea da grandeza da luta que fatalmente se tinha de seguir, dos sacrificios que era preciso affrontar e vencer, das privações e da miseria que acompanham as guerras civis; a lembrança de que, para triumphar, era preciso subjugar a resistencia de um vasto Imperio, vinte vezes maior do que a porção rebellada; tudo isto e mil outras conjecturas assaltavam o ánimo da assembléa e produziam, pela concentração dos espiritos, um silencio magestoso e solemne.“⁶⁾

Acontecimentos que taes não se realizam, por via de regra sem manifestações públicas de regosijo, palmas e vivas, galhardetes e músicas, estouros e libações.

Tratando-se de gaúchos, seria licito presumir que tambem tivesse havido um churrasco. E depois do churrasco, uns bailados, talvez, e talvez uns descantes ao ar livre, a tyrana, o boi barroso, a chimarrita, o pericão.

Pois não houve nada disso. Não houve churrasco, nem carreiras, nem fandango, nem desafios. O que houve foi apenas uma funcção religiosa.

Com um *Te-Deum Laudamus*, celebraram os homens de 35 a proclamação da Republica de Piratiny.

„Em nome da camara o Sr. presidente da mesma convidou ao dito Exm. Sr. presidente, e em geral aos espectadores para assistirem a um *Te-Deum Laudamus*, que manda celebrar em acção de graças.

E de como esta camara assim resolveu e praticou, mandou lavrar esta acta, em que assinarão todos os Srs. vereadores, e eu Antonio Belarmino Ribeiro, secretario da mesma, que a escrevi.“⁷⁾

Saindo do edificio da Câmara Municipal, logo após a constituição do governo, os Farrapos, a convite de Vicente Lucas de Oliveira, tendo á sua frente o major do Corpo de Lanceiros, Joaquim Teixeira Nunes, que conduzia o pavilhão tricolor, foram todos ao templo catholico da villa, render as suas graças a Deus, entoar louvores a Deus, pedir o auxilio de Deus para o vasto empreendimento politico a que se abalançavam.

Bastaria esse simples acto, essa pública demonstração de fé, para caracterisar o seu pensamento religioso. Porém ha mais. Ha muito mais.

⁶⁾ Assis Brasil — *Hist. da Republica Riograndense*, pgs. 187—189.

⁷⁾ *Acta da proclamação da Republica.*

PALAVRAS DE UM CRENTE

Coincidiu, mais ou menos, com a irrupção do movimento democratico-republicano de 35 a publicação, em França, das *Palavras de um crente*, de Lamennais, que tanto ruido provocaram.

O seguinte capitulo dessa obra, ardente e bella, mau grado alguns extravios doutrinaarios, inserto no órgão official da Republica de Piratiny, sobremódo auxilia a difinição da crença religiosa dos Farrapos. Reproduzo-o quasi tal qual como foi traduzido:

„Vós não tendes mais que um dia a passar sobre a terra; fazei por passa-lo em paz.

A paz é o fructo do amor, porque para viver em paz é mistér soffrer muitas cousas.

Ninguem é perfeito; todos têm senões; cada homem é pesado aos outros, e só o amor aligeira este peso.

Si não podeis supportar os vossos irmãos, como os vossos irmãos vos supportarão?

Está escripto pelo filho de Maria: Tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até o fim.

Amai, pois vossos irmãos, e amai-os até o fim.

O amor é infatigavel, nunca se cança. O amor é inexhaustivel, vive e renasce de si proprio; e quanto mais se dilata, mais sobeja.

Quem se ama a si mais do que a seu irmão, não é digno de Christo, que morreu por seus irmãos.

Se tiverdes dado os vossos bens, dai igualmente a vossa vida, e o amor tudo vos restituirá.

Em verdade vos digo, o coração de quem ama é um paraíso na terra. Elle tem em si a Deus, porque Deus é amor.

O homem vicioso não ama, cobiça; tem fome e sêde de tudo; seus olhos, quaes os da serpente, fascinam e attraem, mas para devorar.

O amor repousa no fundo das almas puras, como a gota de orvalho no cálice da flôr.

Ah! se soubesseis o que é o amor!

Vós dizeis que amais e no entretanto, muitos de vossos irmãos carecem de pão para sustentarem a vida, de vestidos para cobrirem seus membros nus, de casa para se abrigarem,

de alguma palha para fazerem o seu leito, quando vós pelo contrario tudo tendes em abundancia.

Vós dizeis que amais, e ha, no entretanto, em grande numero, doentes que languecem privados de soccorros sobre o seu miseravel catre; desgraçados que choram, sem que ninguem com elles chore; crianças que vão, tranzidas de frio, requestar de porta em porta aos ricos uma migalha de sua mesa, e não pôdem obtel-a.

Vós dizeis que amais os vossos irmãos; mas o que farieis então si os odiásseis!

Em verdade eu vos digo, todo aquelle que, podendo-o, não soccorre o seu irmão afflicto, é inimigo delle; e todo aquelle que, podendo-o, não alimenta o seu irmão que tem fome, é seu matador.“⁸⁾

ARTIGOS E PROCLAMAÇÕES

Uma proclamação de Bento Gonçalves, chefe militar da revolução, e presidente da Republica, datada de Alegrete, aos 28 de Agosto de 1839, concluiu com este periodo, que synthe-tisa bem o seu estado de consciencia:

„O Deus, que nos deu a vida deu-nos tambem a liberdade; A tyrania pode destrui-las, mas jamais conseguirá desuni-las.“

Menos expressiva não é a linguagem do jornal *O Povo*, órgão official da Republica.

Um artigo editorial, por exemplo, estampado no n.º 6, de 19 de Setembro de 1838, em Piratiny, confessa com nobreza:

„Estavamos nós, descalços, verdadeiramente esfarrapados. Quem tivesse julgado de nós pelo estado de nudez em que nos achavamos, facilmente acreditaria que nosso Exercito não tardaria a desamparar a Bandeira da Republica.

Porém nós defendiamos uma causa que, pela sua santidade, pela justiça em que se apoia, de per si só nos valia tudo.

Tinhamos a estimação de nós mesmos, fé *em Deus*, nossas esperanças e nossas espadas.“

⁸⁾ *O Povo*, n.ºs 138—139 de 29 de janeiro e 1.º de fevereiro de 1840.

Outro escripto, inserto em o numero de 6 de Maio de 1840, em Caçapava, diz:

„As revoluções feitas por um principio são indestructiveis. Póde a força algumas vezes reprimi-las, porém como o fogo occulto nas entranhas da terra, rebentarão por donde e quando menos pensarem. Como o Anteo da fabula, adquirem forças cahindo.

... Ainda quando um povo parece seguir cégamente a hum partido ou a hum homem, esse povo vae em busca de alguma couza, que lhe falta; elle segue o primeiro que lhe offerece leval-o á Terra Promettida, porque o movimento he para a Humanidade o mesmo que o calor e a luz para a harmonia do mundo.

Hum povo não se subleva e não sustenta huma guerra, sem hum grande motivo. A desordem está na superficie, a ordem no fundo. — E este hymno estrondoço dos povos que se põem em marcha, he o hymno da partida para as terras inesploradas do futuro. — E o futuro, o reino de Deus, o reino da Igualdade, prégado pelo Christianismo, he a Republica.“

A IGREJA CATHOLICA E O ESTADO FARRAPO

Por decreto de 6 de Novembro de 1836, foram organizadas provisoriamente as repartições e secretarias do Estado Farrapo. Eram seis e denominaram-se do Interior, do Exterior, da Fazenda, da Justiça, da Marinha e da Guerra.

A' Secretaria da Justiça ficaram affectos todos os negocios *ecclesiasticos religiosos*, além dos que diziam respeito á administração da justiça civil e criminal e á boa politica do Estado.

Como se provia á assistencia espiritual no novo Estado e como se desenvolveram as suas relações com a Igreja?

Tristão de Alencar Araripe, responde cabalmente á pergunta.

„A separação politica da provincia do Rio Grande do Sul da communhão brazileira trazia tambem por natural consequencia a separação ecclesiastica; e assim o rebanho rio-grandense sahia da jurisdicção do pastor fluminense, a cujo governo espiritual então axava-se a mesma provincia subordinada.

Era indispensavel prover de remedios a similhante desarranjo. As ideas religiosas então dominantes tornavão necessario mostrar todo o apreço para com a religião catolica apostolica romana aceita pela quasi totalidade da população rebelada.

Proceder por modo diverso seria crear mais uma poderosa arma, com que por certo jogarião os adversarios da republica contra ella no meio de uma população balda de illustração e abituada a seguir as vozes do seu cura d'almas.

Assim o governo republicano cogitou logo de constituir uma entidade, que suprisse as vezes do bispo, e nomeou um vigario apostolico com a inspecção superior sobre as materias religiosas, e sobre os sacerdotes da provincia.

O vigario apostolico nomeado foi o Padre Francisco das Xagas Martins Avila, sacerdote respeitado por sua avançada idade e bons costumes; o qual exerceo a sua missão evangelica até os ultimos dias da republica, a cujo serviço dedicou-se, gozando de influencia notavel entre os seus amigos, exercendo o cargo de ministro do poder executivo, e tomando assento na malograda assemblea constituinte.⁹⁾

O Vigario Geral Apostolico da Republica de Piratiny, vencia annualmente a congrua de 2:400\$000, e o seu tratamento era o de „Excellencia Reverendissima“, quer verbalmente, quer por escripto.

Como vimos acima, além das funcções de Vigario Geral, equivalentes, mais ou menos, ás de bispo, desempenhou tambem o padre Chagas o cargo de Ministro e secretario de Estado dos Negocios do Exterior.

Era elle irmão do General David Canabarro, primitivamente chamado David José Martins

Resumindo: a ruptura das relações entre o clero rio-grandense e o brasileiro, durante a revolução de 1835, importou num pequeno scisma, tanto que ao Vigario Apostolico Geral Farrapo, foram suspensas as ordens sacerdotaes.

Mas foi um scisma todo especial, um scisma *suigeneris*, pois não se verificou, no caso, uma rebelião contra a autoridade da Igreja, mas apenas contra as autoridades ecclesiasticas do Brasil.

E tanto assim foi que, concluida a luta, uma portaria do bispo do Rio de Janeiro, de 13 de Maio de 1845, regularizou a situação, investindo do vicariado ao padre Thomé Luiz de Souza, com a incumbencia de repôr as cousas no estado primitivo, consoante o disposto no tratado de paz.

⁹⁾ Araripe — *Guerra civil do Rio Grande do Sul*, pg. 167.

O JURAMENTO REPUBLICANO

Por decreto de 7 de Junho de 1837 determinou o governo de Piratiny que todo cidadão republicano prestasse juramento de fidelidade ás novas instituições.

Os termos desse juramento são uma demonstração irrefragavel da crença religiosa dos Farrapos, evidenciando que acima de todas as outras cogitações de natureza temporal, eles collocavam a saúde das almas, o bom governo das consciencias.

Era, com effeito, do teor seguinte o juramento republicano:

„Juro manter a religião catolica, apostolica, romana; sustentar a independencia e indivizibilidade da republica constitucional rio-grandense; observar e fazer observar as leis da mesma republica, e provizoriamente a constituição e leis do Brasil, em tudô quanto fôr compativel com as actuaes circumstancias da nação e sua independencia; e de cumprir religiosamente as ordens do governo.“¹⁰⁾

CONSELHO DE PROCURADORES GERAES DOS MUNICIPIOS

Na acta da proclamação da Republica Farrapa, em Piratiny, no dia 6 de Novembro de 1835, ficara deliberado convocar, logo que o permittissem as circumstancias, uma Assembléa Geral Constituinte, para o fim precipuo de elaborar o estatuto da nova nação.

Não sendo possivel a convocação dessa Assembléa Constituinte do novel Estado, por achar-se em armas a maioria de seus filhos, „e querendo o presidente do Estado dar mais uma prova de quanto respeita os principios adoptados e desejando marchar com toda a circumspecção e acerto na administração que lhe fôra confiada, ha por bem convocar um conselho de procuradores geraes dos Municipios, ao qual possa consultar nas suas deliberações, afim de que estas apareçam com o cunho de retidão que tanto anhéla; e determina em consequencia ás Camaras Municipaes do Estado que, dos cidadãos mais aptos, probos e sem a minima sombra de inimizade á causa rio-grandense, passem a nomear um procurador geral, que, para os fins

¹⁰⁾ Araripe — *Documentos*, pg. 406.

indicados e no conselho referido, represente o municipio." (Decreto de 18 de Setembro de 1838).

Desse conselho de Procuradores Geraes dos Municipios, faziam parte dois sacerdotes — O Vigario apostolico Francisco das Chagas Martins Avila Souza e o padre-mestre João de Santa Barbara, posteriormente substituido pelo procurador José de Carvalho Bernardes, como representantes, respectivamente, de Rio Pardo e Cachoeira

Devido ás vicissitudes da guerra civil, o Conselho sómente se reuniu um anno depois, a 21 de Dezembro de 1839, na cidade de Caçapava, então capital provisoria da Republica.

Ao tomar posse de seu cargo, cada procurador prestou o seguinte juramento:

„Juro manter a religião catolica apostolica romana; a independencia, integridade e indivizibilidade da republica constitucional rio-grandense; observar e fazer observar as leis em vigor e ordens do governo; como em tudo quanto por elle fôr consultado a bem dos interesses da nação, dar livremente o parecer que convier, tendo diante dos olhos a Deos e os interesses da Patria.“¹¹⁾

ASSEMBLÉA CONSTITUINTE E LEGISLATIVA

Dentre as providencias adoptadas pelo Conselho dos Procuradores Geraes dos Municipios, destacou-se a da pronta convocação e installação da Assembléa geral rio-grandense, accordando todos os procuradores que ella fosse ao mesmo tempo constituinte e legislativa, „por assim convir ao bem da nação.“

Deliberou-se mais que se compuzesse de 36 deputados, eleitos por eleição geral indirecta, isto é, por intermedio de eleitores designados pelo voto dos eleitores activos de cada parochia.

Das urnas abertas para esse fim, saíram sagrados, como era natural os nomes dos mais proeminentes cabecilhas da revolução, dentre os quaes Netto, Bento Gonçalves, Gomes Jardim, Onofre Pires, Lucas de Oliveira, Antonio Vicente da Fontoura, João Antonio da Silveira, Domingos de Almeida, Mariano de Mattos, Joaquim Pedro Soares, Ulhôa Cintra, Ribeiro Barreto, etc. . . .

¹¹⁾ Araripe — *Documentos*, pg. 440.

Dentre os 36 eleitos, figuram quatro sacerdotes, que eram Francisco das Chagas Martins Avila Souza, João de Santa Barbara, Ildefonso de Freitas Pedroso e Francisco Leite Ribeiro.

Detalhe interessante: de todos os representantes eleitos, foi o Padre Chagas que alcançou a maior votação, pois que reuniu 3.025 sufragios, ao passo que Bento Gonçalves não logrou mais do que 1.964, Netto 1.253, e Canabarro apenas 855, razão por que foi declarado suplente.

A's 10 horas do dia 29 de Novembro de 1842, na cidade de Alegrete, effectuou-se a 1.^a Sessão preparatoria da Assembléa Constituinte republicana, actuando como presidente o padre Chagas, deputado mais votado. Achavam-se presentes 22 deputados, dos 36 eleitos.

No dia seguinte, 30, realizou-se a 2.^a Sessão. Antes, porém, do inicio dos trabalhos, o presidente convidou todos os deputados a se dirigirem á Igreja Matriz e sendo ali, ouviram a missa do Espirito Santo celebrada pelo paroco, e prestaram nas mãos do mesmo o seguinte juramento:

„Juro manter a religião catolica apostolica romana, a independencia e integridade do Estado rio-grandense; cumprir solennemente as obrigações de deputado á assembléa constituinte do mesmo Estado e promover quanto em mim couber a prosperidade geral da Nação. Assim Deus me ajude.“¹²⁾

No dia 1.^o de Dezembro, instalou-se solennemente a Assembléa Geral Constituinte, sendo eleito para presidi-la, no primeiro escrutinio, por maioria absoluta de votos, o padre Ildefonso de Freitas Pedroso.

Recebido com todas as formalidades do estylo, perante ella, o presidente do Estado, General Bento Gonçalves da Silva, renunciou aos poderes descricionarios que lhe haviam sido expressamente conferidos, no acto da sua eleição.

E em resposta á eloquente *Fala* do presidente de Estado, acentuou entre outras cousas, o congresso constituinte:

„A assembléa penetrada da mais acerba dôr observa a tenacidade, com que o governo imperial do Brasil pretende reduzir-nos pela força, mas na divina Providencia, na santidade da nossa causa, na intrepidez e constancia do exercito rio-grandense, espera, que alfim triunfem nossos principios; quiçá raie então um dia de gloria, em que possa verificar-se a lisongeira idéa de nossa união á grande familia brasileira, pelos laços da mais estreita federação.“¹³⁾

¹²⁾ Araripe — *Documentos*, pg. 455.

¹³⁾ Araripe — *Documentos*, pg. 460.

O PROJETO DA CONSTITUIÇÃO FARRAPA

A primeira necessidade do Estado — salientou o presidente Bento Gonçalves, na sua *Fala* de abertura da Assembléa Constituinte — é uma constituição política baseada sobre os principios proclamados no memoravel dia 6 de Novembro de 1836.

Para elaborar o projecto dessa constituição, designou o congresso de Alegrete uma commissão composta dos deputados José Pinheiro de Ulhôa Cintra, Francisco de Sá Britto, José Mariano de Mattos, Seraphim dos Anjos França e Domingos José de Almeida.

Que dispunha esse projecto, em materia de religião?

Pelo Art.º 5.º, dispunha o „Projecto da Constituição da Republica Rio-grandense“ que a religião do Estado fôsse a Catholica apostolica romana.

Todas as outras religiões eram, todavia, permittidas, com seu culto domestico ou particular, em casas para isso apropriadas, sem fórma alguma exterior de templo.

Não obstante adoptar officialmente a Religião Catholica e prohibir mesmo, pelo art.º 95, a eleição, para a camara dos deputados, de quem não professasse essa religião, vedava terminantemente o Estatuto basico farrapo que qualquer pessoa fôsse perseguida por motivo de religião, sob a condição apenas de respeitar a do Estado e não ofender a moral publica.

Ao contrario dos constituintes de Porto Alegre, de 14 de Julho de 1891, os constituintes de Alegrete de 1843 acreditavam no Deus vivo, que baixou á Terra para completar a obra paterna e redimir com o seu sacrificio o genero humano.

Tinham fé, e alto e bom som a proclamavam.

UMA COMPARAÇÃO OPPORTUNA

Daria materia para um volume inteiro o cotejo dos principios philosophicos e religiosos que presidiram á elaboração das constituições republicanas rio-grandenses de 43 e 91. Não tenho o intuito de faze-lo aqui.

Sem embargo, como pelo dedo se conhece o gigante, assim tambem pelo simples exórdio póde-se, muitas vezes, apreender

o sentido, a orientação e o alcance de um discurso ou de um código inteiro. E', aliás, o que pensam e estimam os maiores constitucionalistas.

O eminente João Barbalho, por exemplo, nos seus já clássicos *Commentarios* á Constituição Federal Brasileira, referindo-se ao *Preambulo*, assevera:

„O *Preâmbulo* annuncia por quem, em virtude de que autoridade e para que fim foi estabelecida a Constituição. Não é uma peça inutil ou de mero ornato na construcção della; as simples palavras que a constituem resumem e proclamam o pensamento primordial e os intuitos dos que a architectaram.

Cumpre tel-o sempre em vista para a bôa intelligencia della.“

Mitre considera igualmente que „o preâmbulo de uma constituição é a sua synthese“, equivalente a uma verdadeira „declaração genérica de principios“. E Barraquero conceitúa, por sua vez:

„Un preâmbulo al frente de una constitución escrita jamás debe considerar-se como una mera fórmula. El, es una especie de resumem de la constitución en el que se consignan de una manera general los principios que le sirven de norma.

Es la mejor clave para interpretar una constitución, porque explica los motivos y objectos tenidos en vista al formularla; y si alguna disposición fuese susceptible de dos interpretaciones, debe adoptarse la que está más en relación con las cláusulas del preâmbulo.“¹⁴⁾

Nessa conformidade, quem quizer conhecer, por exemplo, a differença radical dos criterios seguidos, em materia de cultos, pelos homens publicos de 43 e de 91, nada mais precisa do que ler os preâmbulos das constituições, que a seu turno elaboraram.

Reza a primeira, com solenne accento:

„Em nome da Santissima Trindade, nós, representantes do povo da Republica Rio Grandense, reunidos em Assembléa Geral, devidamente autorisados por nossos constituintes para fixar as regras fundamentaes do Estado, e estatuir uma forma de governo adequada a seus costumes, situação e circumstancias, que proteja com toda a efficacia a vida, a honra, a liberdade, a segurança individual, a propriedade, e a igualdade, bases essenciaes do direito do homem; desejando satisfazer a vontade de nossos concidadãos, firmar a justiça, promover a felicidade publica e assegurar o goso de todos estes bens para nós e nossa posteridade, estabelecemos, decretamos e sancionamos a Constituição do theor seguinte:“

¹⁴⁾ *Espirito y Práctica de la Constitución Argentina*, pg. 53.

Declara a segunda:

„Nós, representantes da sociedade rio-grandense, reunidos em Assembléa Constituinte para organizar o Estado do Rio Grande do Sul, decretamos e promulgamos, em nome da Família, da Patria e da Humanidade, a seguinte Constituição Política:“

Reorganizar sem Deus nem Rei — foi a divisa de Augusto Comte, escripta por Miguel Lemos e Teixeira Mendes no frontispicio daquellas „Bases de uma Constituição Política Dictatorial Federativa para a Republica Brasileira“, que serviram de molde aos autores, ou antes ao autor da Constituição vigente do Estado

Agiram pelo contrario, os Farrapos, visivelmente influenciados pela doutrina christã, antes, pela moral catholica e em seus espiritos a idéa de creatura andava sempre associada á idéa de Creador

„Viva a Republica! Viva a Religião Catholica! Viva o Povo! Viva Deus!“ são gritos que irrompem indistinctamente e com frequencia do peito dos Farrapilhas, seja no seio das reuniões politicas, seja na efervescencia e no atropelo dos combates.

E, do seu conceito de religião, nada póde nos fornecer mais cristalina imagem, do que este excerpto de um artigo doutrinario estampado pelo jornal official *O Povo*, em seu numero de 3 de Agosto de 1839.

Tem o citado artigo, exactamente os seguintes titulos:

Da religião. Como é a Religião connexa com a politica.

Da tolerancia. E o seu autor, no desenvolvimento da sua these, entre outras verdades que proclama e assumptos que aborda, como por exemplo, a santidade e a divindade da Igreja Catholica, e a questão de suas relações com o Estado, preleciona:

„O homem é naturalmente religioso.

A Religião é para elle huma precisão, e hum dever; he hum auxilio durante a vida, e huma consolação inefavel nos infortunios; offerece motivos sublimes á bôa moralidade, dá huma retribuição sem preço a todas as virtudes; serve por isso mesmo aos fins temporaes, e ao mesmo passo offerece as consolações de huma justa esperanza no futuro de toda a eternidade.

A Religião não he só necessaria para governar o povo, ou a gente indouta e pouco ilustrada, como alguns filosofos tem

querido inculcar. Esta Religião Santa, que nós abraçámos, e de que a constituição, que adoptámos, faz um dos primeiros fundamentos do Estado, foi quem policiou o mundo, e mostrou o caminho do céu, e por isso tanto he necessaria aos ricos, como aos pobres, aos sabios como aos ignorantes, e ao mesmo passo que he eminentemente essencial ás nações, que estimam a Liberdade, ainda fica sendo de mais urgente necessidade nos depositarios do poder.

A sociedade humana não póde subsistir sem o auxilio dos motivos que resultam da sanctão religiosa."

Julgando o catholicismo um crédo exausto e decadente, que já havia cumprido a sua missão social, os primeiros buscaram libertar-se cada vez mais do que elles chamam „as illusões theologicas e névoas metaphisicas.“ Afastam-se, por isso, o mais possivel de Deus, em cuja existencia não acreditam.

Os segundos, pelo contrario, na idéa intima de Deus e na pratica sincera da sua doutrina assentam toda liberdade.

„Pour être libre — conceitúa Lamennais naquellas *Paroles d'un croyant*, tão familiares aos dirigentes da Revolução. — pour être libre, il faut avant tout aimer Dieu, car si vous aimez Dieu, vous ferez sa volonté, et la volonté de Dieu est la justice et la charité, sans lesquelles point de liberté."

Uma pergunta se impõe, em face do dissidio.

Quem anda no bom caminho? Os que, saturados de racionalismo, querem organizar o Estado sem Deus ou os que, para ligeferar, e construir edificios sociaes, se inspiram na religião revelada por Deus?

Pódem todas as filosofias positivas, e todas as politicas positivas do mundo assegurar que são os primeiros. Eu sigo pensando e crendo e proclamando que são os segundos.

Porque „se o Senhor não edificar a casa, em vão se têm posto ao trabalho os que a edificam; se o Senhor não guardar a cidade, inutilmente se desvela o que a guarda.“¹⁵⁾

Porto Alegre, 26-10-1927.

¹⁵⁾ Ps. 126.

A expedição do general Rivera contra Bento Manoel em maio de 1826

(Sonza Docca)

Sob esse titulo o tenente-coronel Juan Beverina, que é tido, com justiça, como um dos mais brilhantes escriptores militares que constituem a luzida pleiade de intellectuaes argentinos, que versam esses assumptos, publicou um artigo em „La Nacion“, de 23 de maio ultimo.

Pouco diz o erudito historiador no que respeita extrictamente ao titulo de seu trabalho. Procura, entretanto, dizer a verdade e revela um espirito de justiça superior ao de seu collega de farda Amadeo Baldrich, que tambem escreve, a seu modo porém, sobre assumptos historicos.

Cremos ter sido a falta de documentos que impediu o autor de chegar a uma conclusão positiva sobre a attitude de Rivera nessa expedição, e houvesse, por isso recorrido, depois de attribuir, acertadamente, a uma ordem do general Martin Rodriguez, a retirada daquelle caudilho, a informações vagas, tendenciosas, que transcreveu de „Duas Grandes Intrigas“.

O que consta dessas informações é verdadeiro em essencia, mas a fórma por que ali se faz a exposição das occorrencias desperta malicias, dá margem a sophismas.

A historia não deve ser feita dessa maneira e sim de modo claro, positivo, authenticico.

Silenciou, o tenente-coronel Beverina, sobre actos indispensaveis para um juizo imparcial no assumpto e que muito compromettem a lealdade do general Martin Rodriguez, embora fossem elles gerados pela intenção de bem servir sua patria. Não se defende uma causa nobre, com expedientes que a consciencia possa repellar. A doutrina de Machiavel, póde ser commoda e

facil, mas não é honesta. Os sagrados interesses da patria, não devem assentar sobre allicerces impuros.

Expoz, ainda o nosso illustre camarada argentino, obscuramente a conducta do coronel Bento Manoel Ribeiro.

Possuimos copiosa documentação, que projecta intensa luz no horizonte daquelles acontecimentos, dos quaes vamos, assim esclarecidos, fazer uma descripção.

Em seguida ao desbarato de Sarandy, o coronel Bento Manoel com sua brigada, por ordem do barão de Cerro Largo, então commandante das Armas do Rio Grande do Sul, no Rincão de Catalan, proximo á margem direita do arroio deste nome e a montante da confluencia do actual Juan Manoel Ribeiro se concentrou, cedo. Segundo mappa assignado por aquelle coronel, a referida brigada contava, em 31 de janeiro de 1826, incluídos doentes e destacados, 1.140 homens, assim distribuídos:

20. ^o	Regimento de Cavalaria da 2. ^a Linha . .	270
22. ^o	" " " " " " " " . .	9
23. ^o	" " " " " " " " . .	364
24. ^o	" " " " " " " " . .	234
25. ^o	" " " " " " " " . .	98
	Companhia de Guerrilhas	40
	Companhia de Lanceiros	96
	Estado Maior da Brigada	29
		1.140

Essa força não tinha a missão offensiva que lhe empresta Baldrich, nem a que lhe attribuiu o governo argentino. Destinava-se, exclusivamente, á cobertura.

Quando o general Francisco de Paula Massena Rosado assumiu, em fevereiro de 1826, o commando das Armas, ao contrario do que o vem affirmando, ali conservou, com o mesmo objectivo, aquella brigada, então reduzida a 800 homens.¹⁾

Achando-se o exercito existente na Provincia do Rio Grande do Sul, desorganizado, sem instrucção, desarmado, sem meios de transportes em geral, sem fardamento, o novo commandante das Armas só pensava iniciar as operações na entrada da Primavera.²⁾

1) Officio de 8—3—1826, do brigadeiro Rozado ao presidente da Provincia.

2) Officio de Rozado ao ministro da guerra, em 14—4—1826.

Apprehensivo com o estado do exercito sob seu commando e temendo um ataque do inimigo, tratou, o general Rozado, de protelar isso, recorrendo a um expediente pouco honroso, mas em voga na época, de lançar a cizania entre os contrarios, com a promessa de grandes e futuras recompensas e com o suborno immediato pelo dinheiro. Valeu-se, para o effeito, no primeiro caso, de sua amizade com Ricardo Lopez Jordão, com quem entrou em communicações offerecendo elementos para uma revolução contra Léon Solas, por quem aquelle se julgava expoliado do cargo de governador de Entre-Rios.³⁾ O suborno foi feito por intermedio do commandante da fronteira de Jaguarão. No officio em que Rozado communicava aquellas manobras ao presidente do Rio Grande do Sul, disse: "Da mesma forma ao coronel Bento Gonçalves, entrego dinheiro e muitos Proclamas, para introduzir na Cisplatina."

O presidente rio-grandense não annuiu á intriga e a denunciou ao governo imperial, com parcialidade, filha, sem duvida, da futil, ominosa e impatriotica questão, que mantinha accessa com aquelle general.

O estado do exercito platino não era, na occasião, muito mais lizongeiro do que o do nosso, no que respeita ao ponto de vista material e muito peor sob o aspecto moral, visto que era composto de „forzados y reclutas“.⁴⁾ E como sobre-carga a isso, as desobediencias sestrosas de Lavalleja, em eterna competencia com Rivera. Ambos visavam a libertação do Estado Oriental da tutela argentina, mas, um e outro, nutrindo veementes e insofreaveis desejos de mando supremo.

Em dezembro de 1825 ordenou o governo argentino ao general Martin Rodriguez que iniciasse as operações de guerra, seguindo para o Estado Oriental. Essa ordem não foi cumprida, allegando o general em chefe que suspendera o „movimento, tanto pela difficuldade de o realizar, se o Ex.^{mo} Governo não se digna vencer um crescido numero de inconvenientes que o general apontou em diversas occasiões, como pelas causas agora adduzidas, as quaes convencem á evidencia, que o exercito não se acha em attitude de abrir as hostilidades, porque não teve tempo nem recursos para organizar-se; e porque presentemente não tem fundo algum não só para custear os gastos de um tal movimento, como nem ao menos para comprar cavallos ou pagar a divida para com os soldados.“⁵⁾

3) Officio de Rozado ao presidente da Provincia, de 8—3—1825.

4) Officio de Martin Rodriguez ao ministro da guerra, datado do Arroio Molino, de 16—12—1825.

5) Ibidem.

O governo reiterou a ordem. O general em longo officio de 8 de janeiro de 1826, communicou: „De qualquer modo, sr. Ministro, a attitude do exercito, em nada variou, depois da nota n. 96 que, como outras anteriores, pintava o quadro deplo-ravel que o mesmo offerece. As razões que o general teve para suspender o movimento á Banda Oriental subsistem ainda e têm adquirido desde então maior força. O general sente vivamente, que o P. E. N. se tenha surprehendido com a apresentação de razões tão poderosas, visto que ellas o deviam fazer-lhe conhecer a impossibilidade de mover-se. Agora mesmo, sr. Ministro, o general queria pôr-se em movimento, mas como faze-lo? O sr. Ministro, e por conseguinte o governo, sabe tão bém como o general, que o exercito não tem recursos. De onde virão estes se o governo não os envia? E' cousa admiravel, sr. Ministro, que sequeira exigir que se em-prehenda uma obra, que ha de occasionar grandes gastos quando se sabe á evidencia que não existe um unico maravedi disponivel.“

Accrescentou depois de varias considerações, que ia cumprir a ordem do governo, ficando, porém, sua responsabilidade salva, em vista do que expuzera e expunha, e terminou com estas considerações alarmantes: „O general se sente vivamente commovido ao considerar a posição em que se encontra, ainda que sua honra e opinião estejam a coberto de responsabilidades visto haver recorrido em tempo á autoridade de onde devia emanar o remedio para tantos males, mas se horroriza do que póde soffrer a patria e muito mais quando pelo posto que occupa, sua imaginação lhe diz, sem cessar, que está, talvez, destinado a ser o instrumento, posto que innocente.“

O general que em sua communicação n. 96 fez renuncia formal do commando deste exercito, insiste de novo, fundado nas mesmas causas, em que o P. E. N. se digne nomear outro general que o succeda em um posto tão difficil e que não póde desempenhar de um modo correspondente, carecendo de auxilios necessarios.“

O governo prometteu substituto, em termos duros e mandou activar as operações. Para cumprir essa ordem o general Martin Rodriguez tratou de concentrar o exercito sob seu commando, com o fim de melhor apparelha-lo para sua missão. Temendo, porém, um ataque do inimigo, procurou isso retardar, fomentando a desordem no Rio Grande do Sul. Com esse proposito se dirigiu ao coronel Bento Manoel Ribeiro, em 8 de fevereiro de 1826, incitando-o a proclamar a independencia daquella provincia, dizendo-lhe que o „governo da Republica ao tomar armas para sustentar seus incontestaveis direitos, prevê, cheio de dôr, os males que resultarão de um movimento

entre o Brasil e as Províncias Unidas, e o sente tanto mais quanto a Província de S. Pedro do Sul destinada como está a supportar a guerra e a ser o theatro de seus horrores inevitaveis, é talhada pela natureza de sua situação topographica, costumes e relações, as mais intimas, para ser a alliada, a amiga das que compõem a União Americana. Esta consideração importante e o desejo de ver rôtas as cadeias de um povo por tantos titulos credor da liberdade, me movem a dirigir-me a V. S. porque me é lizongeiro vaticinar que o destino o collocou em uma posição tal que, pondo em execução a influencia e a opinião que V. S. tem entre seus concidadãos, poderá dar á terra de seu nascimento a gloria e a prosperidade por que suspirão todos os povos sob a ordem social, e a paz, a doce paz, de que para sempre deve esquecer-se a Província de S. Pedro do Sul, si com o tempo, mão forte, não romper o ominoso jugo sob que gemem todos os povos do Brasil, em consequencia de seu funesto systema de governo."

Depois de longas considerações sobre os elementos de que dispunha e de informar das sympathias das demais republicas do Continente pela causa argentina, assim terminou seu incitamento: „Em summa, sr. Coronel, V. S. póde imparcialmente julgar si se trata de vãs especulações. E, se depois de um maduro exame V. S. se decide a dar a liberdade a seu paiz, arvorando seu pavilhão sagrado, nada mais grato para mim do que haver iniciado esta negociação — nada mais glorioso para V. S. do que ser o instrumento de um successo tão prospero e que está ha muito tempo indicado, pela ordem natural dos acontecimentos memoraveis em que é tão fecundo nosso formoso continente. Eu, por minha parte, e em nome de meu governo, prometto a V. S. e a todos os habitantes da Província do Sul, que minhas tropas não pisarão seu territorio, a não ser requisitadas por uma autoridade representativa della para secundar aos benemeritos patriotas, em acontecimento fortuito e apurado."

Bento Manoel, conhecedor da situação precaria do exercito brasileiro existente no Rio Grande do Sul, procurou partido desse offerecimento, para protellar as operações, respondendo verbalmente, com subterfugios e disso deu sciencia, em seguida, ao general Rozado. Este achou magnifico o expediente, o approvou, deu instruções para nelle continuar e autorizou ao coronel Bento Gonçalves da Silva a ter igual procedimento.

O governo argentino desapprovou as negociações do general Martin Rodriguez, dizendo-lhe por intermedio do ministro da guerra, em nota de 15 de março: „O governo não tem conhecimento nem noticia alguma da negociação que diz haver entabulado com o coronel inimigo Bento Manoel Ribeiro,

e qualquer que esta seja, a considera prejudicial e morosa aos bons resultados que se devem esperar das operações activas do exercito sob seu commando." E, em termos rispídos reiterou o que já havia ordenado em sua nota de 22 de fevereiro ultimo, isto é: „que a divisão do referido coronel Bento Manoel Ribeiro, deve ser destruida a todo custo, e quando isto não seja possível, deve ser perseguida até ser arrojada do territorio oriental." Esta ordem não foi cumprida, allegando o general argentino, a distancia de mais de 80 leguas em que se achava Bento Manoel e que este, dada a inferioridade de sua tropa, sob o duplo ponto de vista numerico e moral, se retiraria em boa ordem, e que, portanto, o movimento sobre esse chefe seria infructuoso e occasionaria, ao mesmo tempo, a perda da cavallhada que se empregasse.⁷⁾

Deante da insistencia desabrida do governo e da formal desapprovação da correspondencia com Bento Manoel, o general argentino tomou providencias para marchar sobre o chefe imperial, ordenando a formação de uma columna expedicionaria, cujo commando confiou a Fructuoso Rivera, por insinuação deste. Essa columna não poudé, porém, ser logo organizada, pela recusa manhosa de Lavalleja, não attendendo a ordem do general em chefe de mandar „para o quartel-general em S. José as tropas veteranas e 500 homens escolhidos de milicias."

Embaraçado o general Martin Rodriguez com esse procedimento de Lavalleja, recorreu ao governo argentino, pedindo-lhe que fizesse ver ao chefe oriental que sua extranhavel conducta „em circumstancia da maior importancia, era contraria a que se devia ter para segurança do territorio e bem estar do paiz."⁸⁾ E ás occultas do mesmo governo a quem se dirigia, escreveu novamente a Bento Manoel e ao mesmo tempo a Bento Gonçalves, desta vez, porém, de parceria com Fructuoso Rivera, assumindo ambos compromissos que muito mal os collocam, visto que os offerecimentos que faziam eram positivos, formaes, sem que tivessem, entretanto, intenção de cumpri-los, porque enquanto assim procediam tomavam, por outro lado, medidas para atacarem de surpresa o primeiro dos chefes brasileiros citados.

Em carta de 16 de abril, dizia Rivera a Bento Manoel: „Fallo-lhe pela ultima vez aproveitando a oportunidade de seu irmão e amigo Maximino, que de viva voz instruirá V. S. dos desejos que animam ao sr. general (Rodriguez) e ao governo

6) Officio de Rozado, de 8 de março acima citado.

7) Nota de 4—3—1826.

8) Nota n.º 223 de 7—4—1826.

da Nação. Creio, pois, que a V. S. se apresente a ocasião mais favoravel para livrar estes paizes de uma guerra, que occasionará terribéis e desastrosos males. Fallo a V. S. com a linguagem da verdade: está V. S. destinado para fazer a felicidade da sua terra natal, tornando-se o orgulho de todo o Brasil. Não duvido meu amigo que se lhe apresente um extenso campo e o apoio de um exercito, que sómente fará o que V. S. ordenar, desde que entremos em accordo."⁹⁾

Tres dias depois, o general Martin Rodriguez se dirigia a Bento Manoel, em longa carta, onde se lêem estes topicos: „O sincero e nobre desejo de precaver pelos meios da razão e do convencimento, os males da guerra, entre povos que a natureza destinou a serem irmãos, felizes e independentes, e a confiança que inspira o character illustrado de V. S. e seu amor pela verdadeira liberdade e prosperidade de sua Patria, me inspira o grato dever, antes de tentar o recurso funesto das armas, de dirigir-me novamente a V. S., com a esperanza de que havendo meditado sobre os verdadeiros interesses de seu Paiz e dos seus proprios, esteja V. S. mais inclinado a um accordo que impeça a dolorosa efusão de sangue americano e o sacrificio dos Povos para sustentar pretensões e interesses que não são seus.“

„O Brasil está governado despoticamente e este estado violento ha de produzir tarde ou cedo um sacudimento que dê a liberdade, pela qual tem feito tantos sacrificios sem fructo.

Está nas mãos de V. S. apresentar este glorioso acontecimento. O destino o collocou, como por providencia, na feliz attitude de ser o libertador de sua Patria, pela influencia de seu nome e pelo conceito de que V. S. gosa entre todos seus cidadãos.

Lembre-se V. S. que é americano, que este nome é odiado de todo europeu; que sua patria geme sob o jugo de um homem estrangeiro, nascido do outro lado do Oceano, e não duvide que seus compatriotas opprimidos, bem dirão a mão bemfeitora que intente romper suas cadeias. Ao primeiro gesto de liberdade que se ouça no Brasil, todos os estados americanos responderão com transportes de entusiasmo, e por minha parte posso assegurar a V. S., em nome da Republica Argentina, que póde contar para seu apoio com um exercito forte, numeroso e disciplinado, que auxiliará os esforços que façam os brasileiros com tendencia a sacudir o jugo ominoso do Imperador. Eu posso dar a V. S. todas as garantias que considere necessarias para

⁹⁾ Esta carta é do proprio punho de Rivera e o original de que temos copia se acha no Archivo Nacional.

assegurar-lhe que meus desejos todos se dirigem a dar a liberdade ao continente, como de que tambem um só soldado do exercito que tenha ás minhas ordens, não transportará os limites de nosso territorio, sem que seja solicitado. Abstermei, sempre, de intrometter-me no estabelecimento do governo que seus habitantes julguem conveniente.

Se V. S. se decide a arvorar o pavilhão da liberdade, seu nome passará á posteridade, ao lado dos mais celebres bemfeitores da humanidade. O Brasil independente e livre, logrará as vantagens de um sistema liberal e benefico, sem os riscos e as vicissitudes que têm corrido os outros Estados que entraram nessa carreira, sem o respeito de uma força tal como a que V. S. commanda e sem a protecção de um exercito como o que tenho sob as minhas ordens.“

Essas duas cartas foram remettidas ao general Rozado por Bento Manoel com outra de seu proprio punho, datada de 22 de abril.

Martin Rodriguez, como acima ficou dito, fazia por um lado os offerecimentos que ficaram transcriptos e por outro, tomava medidas para atacar Bento Manoel, de surpresa. E' elle mesmo quem o diz nestes termos: „O general em chefe do exercito em operações na Banda Oriental leva ao conhecimento do governo da Republica por intermedio do sr. Ministro das relações exteriores, encarregado dos Departamentos da Guerra e Marinha; que não tendo o menor aviso do ex.^{mo} governo desta Provincia da remessa do corpo de Dragões e 300¹⁰⁾ milicianos escolhidos, que com tanta insistencia os tem pedido, para que, unidos aos 400 homens do commando do coronel Julian Laguna, marchem sob as ordens do general de divisão Fructuoso Rivera, a dar um golpe no coronel inimigo Bento Manoel Ribeiro, para cujo fim, dispoz que as provincias de Corrientes e Missões reünam uma força de 600 homens, para chamar a attenção daquelle coronel, por aquella parte, para que desmembrada a força do inimigo se logre melhor e mais rapidamente o exito que se propoz o general em chefe, e por tudo isso reiterou, ha 6 dias, o pedido a La- valleja.“¹¹⁾

O oriental continuou sonegando os recursos. Deante disso o general Martin Rodriguez organisou com os elementos de que dispunha uma columna forte de 1000 homens sob o commando geral de Fructuoso Rivera, tendo como auxiliares, chefes de justo renome. Essa força partiu tendo Catalan como

¹⁰⁾ Em nota anterior fallára em 500 homens.

¹¹⁾ Nota n.º 223, acima citada.

objectivo, em 5 de maio. Cinco dias depois, aquelle general julgou conveniente reforçar-a com mais 500 homens e 3 peças de artilharia, que seguiram immediatamente sob as ordens de seu chefe de Estado Maior — o general Bento Martinez.

A Rivera foi ordenado „intentar uma surpresa sobre a divisão de Bento Manoel ou atacal-a se esperasse pelo combate. O general Rivera tem ordem de não se internar na fronteira inimiga e de se retirar ao seu actual acantonamento (em Laureles) caso não possa lograr os objectos desta operação.“¹²⁾

Na manhã de 16 Rivera com seu destacamento passou o Arapehy, no Passo do Magrullo. Na noite desse mesmo dia era Bento Manoel avisado dessa occurrencia, que immediatamente levou ao conhecimento do general Rozado e ordenou em seguida ao capitão Antonio Muniz Mariano que fosse retirar as partidas postadas em observação no Passo das Pedras e no de Belem, o que foi realizado com felicidade.¹³⁾

A 17, pela manhã, Bento Manoel fez sair uma partida de observação, que encontrou a vanguarda de Rivera nas pontas do Catalan. Informado disso o coronel brasileiro mandou sua bagagem para S. Diogo e seguiu com sua brigada para a margem direita do Quarahy, passando este rio no Passo do Ricardinho. Ainda na manhã de 17, ordenou a uma praça de sua confiança que se apresentasse a Rivera, como desertor da força brasileira e que depois de se informar dos elementos do inimigo e de sua direcção, fugisse. Essa praça executou com arrojo e felicidade sua difficil missão: ás 10 horas da noite, do mesmo dia, informava ao seu chefe que a força inimiga era, segundo seu calculo, de cerca de 1.500 homens e que tinha em vista atacar o acampamento brasileiro no Quarahy. Duas horas depois, se apresentava a Bento Manoel, evadido do inimigo, o capitão Lourenço Antonio Garcez de Moraes, que se achava prisioneiro desde o combate de Sarandy. Suas informações confirmaram as da praça referida. A 18 toda a força de Rivera baixou até o Catalan. Retirou em sua frente a partida brasileira de observação, fazendo-lhe guerrilha.¹⁴⁾ „No dia 19,“ diz Bento Manoel, „marchou o inimigo para Quarahim, mesmo defronte ao meu acampamento, e ali se conservou até agora, tem mandado algumas forças a este lado do Quarahim como a desafiar e fazer guerrilhas, mas as minhas partidas vêm re-

¹²⁾ Officio de Martin Rodriguez ao governador argentino de 6—5—1826.

¹³⁾ Officio de Bento Manoel ao presidente da Provincia, datado de 21—5—1826, do acampamento volante na Estancia do Velho Padilha.

¹⁴⁾ Ibidem.

tirando-se, chamando-os, e elles logo voltão e deste lado do Quarahim só occupam aquellas cochilhas mais proximas ao Passo onde estão.“¹⁵⁾

A 20 o commandante das Armas informou ao presidente da Provincia da invasão do inimigo e declarou que este ao ser descoberto por patrulhas da 2.^a brigada, nas pontas do Catalan, „seguiu á barra desse arroio, de onde se passou ao Quarahim em lentas marchas, não se podendo por emquanto perceber qual é a sua intenção. A 2.^a Brigada que de Catalan passou para mais segurança a acampar-se no lado direito do Quarahim, não tendo forças para obstar a invasão dos rebeldes, e o seu proseguimento pelo nosso territorio, descampou dalli á approximação do inimigo, e como este continua com a sua incursão, achando-se hoje no arroio Sarandy, vae aquella brigada seguindo seus lentos movimentos, e assim atrahindo-o mais ao interior da Provincia, para ser mais seguro e vantajoso o golpe de mão que se pretende dar.“

Ainda a 20 Fructuoso Rivera officiou a Bento Manoel, reclamando a liberdade do capitão Garcez, que elle dizia ter sido preso pelos brasileiros, quando marchava á frente de sua vanguarda, em missão pacifica, qual a de acalmar as familias rio-grandenses. Como fundamento dessa reclamação fallava em direito das gentes e allegava que o dito capitão sendo prisioneiro dos platinos „havia obtido permissão para cuidar de seus interesses, mediante cinco mil pesos de fiança de seu comportamento.“ Declarou tambem que o exercito da Republica Argentina respeitava escrupulosamente a pessoa e a propriedade dos brasileiros. Foi portador desse officio o capitão José Maria Cortinez, que levava ainda a incumbencia especial de cumprimentar, pessoalmente, o chefe brasileiro, em nome do oriental.

O galhardo coronel brasileiro com a nobre altivez e franqueza que o caracterisava, respondeu: „O coronel commandante da 2.^a Brigada do Exercito Imperial, responde a comunicação do Ill.^{mo} Sr. D. Fructuoso Rivera, ex-brigadeiro do mesmo exercito, datada de 20 do corrente. O honrado capitão Antonio Garcez comprando sua liberdade, como outros innumeros militares brasileiros, que tiveram a desgraça de cair prisioneiros em poder dos argentinos, parece podiam seguir o destino que lhes conviesse, portanto não havia motivo para o mencionado capitão ser preso pelos seus companheiros; o coronel que subscreve estranha qual seja o direito que tem o Ill.^{mo} D. Fructuoso Rivera de o reclamar. Ao que respeita bom

¹⁵⁾ Ibidem.

tratamento dos habitantes brasileiros, ainda se veem cinzas dos incendios! Orphãos chorão o assassinio de seus paes, commettidos pelas tropas intituladas patriotas, sempre movidas por essa Republica decantada. O coronel que subscreve agradece ao Ill.^{mo} D. Fructuoso Rivera o cumprimento mandado fazer pelo sr. capitão José Maria Cortinez e se vê privado de retribuir por igual forma, mandando um official ao seu campo, porque o Ill.^{mo} Sr. D. Fructuoso Rivera costuma fazer prisioneiros os officiaes que vão em fé de amizade como aconteceu com o tenente-coronel José Rodrigues Barbosa, nas immedições de Mercedes."

Essa correspondencia foi remettida por Bento Manoel ao presidente da Provincia, em officio datado de 22 de maio, de seu „Campo Volante na frente do inimigo."

A 23, houve um choque das patrulhas de Rivera com as de Bento Manoel. O brasileiros tiveram ahi dois mortos e não doze, e dois feridos: um tenente e um soldado. Pertenciam esses quatro homens ao 23.^o Regimento de Cavallaria de 2.^a linha. Os feridos ficaram em poder do inimigo. Este não obstante a perda de oito mortos, ficou senhor do campo, em consequencia da protecção que immediatamente recebeu, segundo se lê no officio que Bento Manoel dirigiu ao presidente da Provincia, em 2 de junho de 1826, de seu acampamento volante, nas pontas do Sarandy.

Accrescentou nesse documento o chefe imperial: „O inimigo depois de occupar Quarahim e Catalan doze ou mais dias, retirou-se para a costa do Arapehy, abaixo do Rincão de Mata Perros, deixando uma vanguarda de 200 homens que ainda hontem guarneciam o Quarahim. Parece incrível que dois mil homens incompletos, estivessem tantos dias á barba de um exercito e voltem sem ser batidos!

Esta mesma noite podia amanhecer á retaguarda dos 200 homens e agarrar a todos e retomar-lhe os dois feridos que estão em Catalan, mas receio transtornar os planos do Ex.^{mo} Sr. General das Armas e mesmo tenho ordem positiva de não atacar, por isso espero pelas suas deliberações."

Em officios subsequentes, isto é, de 8, 10 e 11 do referido mez de junho, Bento Manoel exproba com grande revolta a inacção do general Paula Rozado: Não atacando o inimigo, quando delle esteve proximo; não acceitando depois o offerecimento do referido coronel, para bater partidas de Rivera que andavam pelo Arapehy e ordenando-lhe, finalmente, em termos desabridos, que abandonasse o acampamento de Quarahy e fosse estacionar nas pontas do Ibirapuitan Chico. Reiterando essa determinação, disse Rozado em officio de 8 de junho:

„Convem que V. S. se retire para o ponto que no meu officio de hoje lhe indiquei, abandonando o Quarahim, deixe simplesmente espiões bem pagos, e não arrisque mais um só homem, da sua brigada, poupando ao mesmo tempo a cavallhada, que nos ha de ser de primeira utilidade para a abertura da nova campanha, ou para se acaso o inimigo tornar a invadir.“

O presidente do Rio Grande do Sul com o entendimento e os olhos turbados, pelo fogo e pelo fumo de uma miseravel questão, não ligou a devida importancia á invasão de Rivera, vendo-a por um prisma differente do principal objectivo desse ataque. E, tomando como real seu ponto de vista, se engolfou mais uma vez em recriminações contra Rozado. São de seu officio n.º 27, de 28 de maio de 1826, estas considerações: „Reflexionando com madureza na quelle officio,¹⁶⁾ e considerando qual o interesse dos rebeldes, parece-me inteiramente fóra de duvida que o verdadeiro fim de seus projectos é invadir a fronteira do Rio Grande, dar um saque na villa deste nome, e se os meios lhe proporcionarem, avançar até S. Francisco de Paula de Pelotas, lugar da Provincia o mais provido de numerario, escravatura, e outras riquezas, tentativa que não deverá estender-se alem de um golpe de mão, e que desgraçadamente a meu ver é facil de realizar, indo adeante o plano annunciado pelo Governador das Armas em mandar marchar as tropas Expedicionarias para as proximidades de Catalan, ponto da Fronteira de Rio Pardo ameaçado sagazmente por Fructuoso, á testa da diminuta força de 1.500 homens, que só pode ter por objectivo uma falsa invasão afim de mascarar a verdadeira e illudir o credulo general que (segundo se diz) já começou a cair na corriola, desguarnecendo a esquerda da linha, e deixando unicamente a 6.^a Brigada para a defesa da Fronteira do Rio Grande, que além de fraca acha-se collocada a distancia de não prevenir o plano que imagino dos rebeldes.“

Do exposto se verifica:

a) Que Rivera não deu liberdade a prisioneiro algum, para avisar Bento Manoel de sua approximação;

b) que o chefe brasileiro desde 16, tinha informações diarias dos movimentos do oriente;

c) que entre esses dois commandantes nenhuma communição houve, desde o dia da invasão até 19;

¹⁶⁾ Referia-se ao officio de Rozado, communicando-lhe a invasão do inimigo.

d) que a 2.^a Brigada imperial abandonou seu acampamento no Rincão do Catalan a 17, e foi em seguida estacionar na margem direita do Quarahy;

e) que Bento Manoel não se retirou precipitadamente para o interior do Rio Grande do Sul;

f) que toda a correspondencia que esse chefe manteve com os platinos, antes e depois da invasão, deu sciencia, em seguida, ao commandante das Armas e ao presidente da Provincia;

g) que Fructuoso Rivera manteve com Bento Manoel e Bento Gonçalves, assidua e longa correspondencia, com pleno conhecimento do general Martin Rodriguez e até por este secundada, a despeito das ordens em contrario do governo argentino;

h) que o general Martin Rodriguez assim procedendo, faltou duplamente ao seu dever de lealdade, visto que transgredia ordens imperativas de seu governo e em nome deste, sem autorização, fazia positivos offerecimentos, que sabia não seriam cumpridos, e que se não pôdem classificar de ardis de guerra;

i) que Lavalleja despeitado com o acolhimento que o general Martin Rodriguez dera a Rivera e, como este, visando o mando absoluto e supremo no Estado Oriental, fugia sestrosamente ao compromisso assumido, em Buenos Aires, em abril de 1825, de entregar sua patria á tutela argentina;

j) que a invasão de Fructuoso foi facilitada pelo desmantelo em que se achava o exercito imperial estacionado no Rio Grande do Sul;

k) que muito concorreu para essa precaria situação uma questão mesquinha entre o presidente da Provincia e o commandante das Armas

Dubias, vagas, omissas, têm sido as referencias a esses acontecimentos. Attribuindo-lhes pouca importancia, os autores os tem deixado á margem.

O que parece um pingó d'agua no oceano, para o investigador que se preocupa exclusivamente com os resultados dos feitos militares da occasião — é um manancial precioso para

o sociologo ou para o historiador de pontos de vista mais largos. Todas as occurrencias que se prendem á expedição em apreço, quer antes, quer depois da realisação da mesma, fornecem elementos do mais alto valor, para o estudo da mentalidade da época, para o conhecimento da psychologia dos individuos de maior actuação, para auscultar a alma das populações arrasadas pelo fetichismo que nutriam pelos caudilhos, para avaliar o imperio destes, e para penetrar nos arcanos de seus actos, muitas vezes especiaes, mascarando assim intrigas, ardis e não raro, ambições inconfessaveis.

Isto, de um e de outro lado. No que respeita, porém, particularmente ao Brasil, temos a dizer que o quinhão que cabe a José Egidio Gordilho de Barbuda, na partilha dos erros e dos males que nessa época pesaram sobre nossos avós, não é insignificante como parece, por se ter sido até hoje desapiedado para com o commandante das Armas e de grande generosidade para com o presidente da provincia.

Em outra occasião daremos o porque deste juizo.

Actas das sessões do Instituto no anno de 1927

Acta da 10.^a sessão de directoria

Aos vinte e oito dias do mez de abril de mil novecentos e vinte e sete, na séde provisoria do Instituto, ás vinte horas, presentes os Senhores Florencio de Abreu, Armando Dias de Azevedo, João Maia, Francisco de Leonardo Truda, Amaro Baptista e Eduardo Duarte, o Sr. Florencio de Abreu assumindo a presidencia, declarou aberta a sessão. Lida e approvada a acta da anterior sessão de Directoria, fez-se a leitura do expediente. O Senhor presidente declarou ter concedido a demissão pedida pelo nosso amanuense e que, não sendo possível preencher a vaga por falta de pessoa capaz que se sujeite ao exiguo ordenado que vence o amanuense, propunha se puzesse mensalmente a importancia de cem mil reis á disposição do segundo secretario para attender ao serviço de bibliotheca, correspondencia, revisão da revista e demais serviços annexos, o que foi unanimemente approved. Resolveu-se ainda conceder á dactylographa do Museu do Estado uma gratificação por serviços que prestou ao Instituto no anno proximo passado, sendo a mesma arbitrada em reis cincoenta mil. Foi lembrado por um dos nossos consocios que o Instituto devia desde já cogitar do levantamento do seu edificio social, tanto mais que a occasião é opportuna no momento em que a cidade se remodela sob o governo de um edil operoso e intelligente. O assumpto é largamente discutido, ficando resolvido se constituir uma commissão composta dos Senhores Amaro, Maia e Truda sob a presidencia do Sr. Florencio, para a respeito se

entenderem com o Senhor Doutor Octavio Rocha, Intendente Municipal. E nada mais havendo a tratar foi encerrada a sessão. Do que, eu, Eduardo Duarte, segundo secretario, lavrei a presente acta.

(assignado) *Florencio de Abreu.*

Acta da 9.^a sessão extraordinaria

Aos treze dias do mez de maio de mil novecentos e vinte e sete, ás vinte horas, na sala de conferencias da Bibliotheca Publica, presentes os Senhores Florencio de Abreu, João Maia, Carlos Teschauer, Francisco de Leonardo Truda, Adroaldo Mesquita da Costa, Affonso Guerreiro Lima, Alcides Maya e Eduardo Duarte, o Senhor Florencio de Abreu, assumindo a presidencia, declarou aberta a sessão. Lida e approvada a acta da sessão anterior, passou-se á leitura do expediente que constou do seguinte: circular do Instituto Historico do Rio Grande do Norte communicando a posse da sua nova directoria da qual é presidente o Dr. Nestor dos Santos Lima; idem do Instituto Historico do Matto Grosso communicando, igualmente, a posse da sua nova directoria sendo seu presidente D. Francisco de Aquino Correa; idem do Centro Sciencias, Letras e Artes, de Campinas, fazendo identica communicação, sendo seu presidente o Dr. Carlos Francisco de Paula, idem do Tiro de Guerra 318, desta Capital communicando a posse da sua directoria, da qual é presidente honorario o Dr. Octavio Francisco da Rocha e presidente o Dr. Joaquim Gaffrée; officio do intendente municipal de Prata, agradecendo a remessa da revista; identica communicação do Centro Sciencias, Letras e Artes; officio do Senhor Telmo Manacorda, director do Archivo y Museo Historico Nacional, de Montevideu, communicando a mudança de nome desse estabelecimento que, sem modificar a sua finalidade, passou a se denominar Museo Historico Nacional; carta do nosso confrade Senhor João Belem remettendo para o archivo do Instituto um longo escripto que traduz a sua impressão sobre a revolta militar de Santa Maria; idem do Sr. Aurelio Pires, director interino do Archivo Publico Mineiro, agradecendo a remessa da revista; idem do Sr. Dr. Ezequiel Ubatuba, de Buenos Aires, remettendo diversos recortes de jornaes referentes á Batalha do Passo do Rosario. O Senhor Florencio de Abreu passa a explicar os fins da presente sessão, que era receber o novo consocio Senhor Mansueto Bernardi, nomeando os Senhores Armando de Azevedo e Eduardo Duarte para introduzirem na sala o Senhor Mansueto. Comparecendo, prestou este o compromisso previsto no artigo 12, paragrapho

2.º do Estatuto e passou a ler o seu discurso de apresentação. O trabalho lido pelo recipiendario é uma peça de alto valor, principalmente quando trata da missão dos institutos de investigações historicas, notadamente o do Rio Grande do Sul que, apesar de sua curta existencia, já tem exhumado da poeira dos archivos dezenas de documentos para integral-os na luz proveitosa da publicidade e da discussão. Estendeu-se em muitas outras considerações e terminou com um credo que constituiu verdadeiro hymno de amor á terra rio-grandense. Dada a palavra ao Senhor Adroaldo Mesquita da Costa, préviamente designado para saudar o novo consocio, leu o orador uma brilhante oração em que apresenta em bello realce as qualidades moraes e intellectuaes do Senhor Mansueto Bernardi, — o merito que havia de ha muito conquistado para ingressar nas fileiras do Instituto. Os oradores receberam após a leitura dos seus discursos fartos applausos da selecta assistencia. Em seguida pediu a palavra o Senhor Leonardo Truda, que formulou a seguinte proposta: „Proponho que se faça inserir em acta e se communique ao eminente escriptor Senhor Alberto de Faria, um voto de alto apreço e caloroso louvor pelo seu notavel livro sobre *Mauá*, com o qual fez obra de justiça reparadoura erguendo á memoria do grande rio-grandense o mais expressivo dos monumentos e, ao mesmo tempo, obra de patriotismo esclarecido, offerecendo ás novas gerações o mais luminoso dos paradigmas em que ellas se possam inspirar para bem servir á patria.“ Posta a votos essa proposta foi unanimemente approvada. O Senhor Alcides Maya propõe em seguida um additamento a essa proposta. Recordou que em recente viagem, pelo interior do Estado, achando-se em Arroio Grande, terra natal de Mauá, ali suggerira a idéa de uma homenagem mais alta que as até aqui prestadas á memoria do illustre rio-grandense, cuja personalidade enalteceu em breves palavras. Essa homenagem, esclareceu, devia consistir num monumento a Mauá, a erigirse em Porto Alegre, como justo preito de seus conterraneos ao rio-grandense illustre que tão soberbas lições de energia lhes legou. E o Instituto devia tomar a si a iniciativa da homenagem. Essa idéa foi acceita com geraes louvores, e posta a votos teve a proposta approvação unanime, declarando o Senhor presidente que seria convocada uma sessão especial na qual se assentariam os meios de levar a effeito o projecto. Nada mais havendo a tratar o Senhor presidente depois de agradecer á assistencia o seu comparecimento, declarou encerrada a sessão. Do que eu, Eduardo Duarte, segundo secretario, lavrei a presente acta.

(assignado) *Florencio de Abreu.*

Acta da 27.^a sessão ordinaria

Aos vinte e nove dias do mez de maio de mil novecentos e vinte e sete, ás vinte horas, no salão de conferencias da Bibliotheca Publica, presentes os Senhores Florencio de Abreu, Francisco Rodolpho Simch, Fernando Luiz Ozorio, Manoel de Faria Correa, Alcides Maya, Joaquim Luiz Ozorio e Eduardo Duarte, bem com elevado numero de convidados, o Senhor Florencio de Abreu assumindo a presidencia, declarou aberta a sessão. Lida e approvada a acta da sessão anterior, passou-se á leitura do expediente que constou de duas cartas, uma do nosso confrade Carlos Teschauer, justificando a sua ausencia e outra do Senhor desembargador André da Rocha fazendo-se representar na sessão pelos Senhores presidente e segundo secretario. O Senhor Florencio de Abreu explicou que conforme fora noticiado, estava inscripto para esta sessão o nosso consocio Senhor Fernando Luiz Osorio a quem ia dar a palavra para a leitura da sua conferencia sob o titulo — „Os traços eternos do Rio Grande.“ Antes, porém, o Senhor Alcides Maya, pedindo a palavra pela ordem, diz que quer saudar o conferencista em nome dos intellectuaes rio-grandenses, pois é elle um exemplo civico de ser seguido á nova geração dos nossos literatos. Disse que no Rio de Janeiro quando estudante, o conferencista de hoje lhe chamara a attenção pelo seu temperamento vibratil, pelo seu espirito inclinado ao estudo de todos os assumptos patrios principalmente os referentes á historia do Rio Grande. Era em momento que o orador, preocupado com a propaganda do Rio Grande no seio da metropole brasileira, tentava, em torno da sociedade Rio Grandense e á margem da imprensa, uma vasta obra de congraçamento e convergencia dos nossos melhores elementos representativos naquella capital. Tem saudade dos amigos, poetas, prosadores, musicos, como Araujo Vianna; estudantes dos varios cursos e outros que o auxiliaram na cruzada poetica de então. Estavamos victoriosos, disse o orador — orgulhosamente victoriosos — eu e os meus amigos daqui e de lá, quando, de subito, nos appareceu a trefega e espiritual figurinha, muito joven ao tempo, de Fernando Luiz Ozorio. Adivinhei-o, senti-o, — continua o orador. Aquelle que, mais tarde, havia de affirmar com justificada gloria sentir nas veias o „mais puro sangue continentino“ revelara-se nos seus arroubos de estudante um genuino representante mental da nossa gente. Quando pela primeira vez fallou a proposito de uma commemoração de Ozorio na Sociedade Rio Grandense, deu-nos a impressão de

uma chamma a arder e a crepitar, como a lenha das nossas restingas e dos nossos capões. A sua vida, depois, ha confirmado essa firme e formosa vocação. A sua residencia na culta, fina e linda Pelotas, é um pequeno museu rio-grandense, um archivo rio-grandense; mas tal succede porque o santuario historico dos nossos heroes elle o tem no cerebro e no coração. Declara mais o orador, não querer adiar o momento em que a assistencia possa ouvir a palavra elegante e erudita do illustre escriptor que vae orar. Pede que na acta da sessão seja consignado um voto de louvor á dedicação de Fernando Luiz Ozorio ao estudo dos themas primaciaes do passado gaúcho, historia, tradições, legendas. Posta a votos essa proposta, foi unanimemente approvada. Em seguida foi concedida a palavra ao Senhor Fernando Luiz Ozorio, orador inscripto, que depois de se referir ao Senhor Alcides Maya e á captivante saudação que lhe fôra feita, dissertou com a costumada eloquencia sobre „Os traços eternos do Rio Grande“, thema escolhido para a sua conferencia e que foi brilhantemente abordado. Terminado o seu bello estudo que em todos produziu admiravel impressão, recebeu o nosso confrade muitos cumprimentos. O Senhor presidente, declarando encerrada a sessão, agradeceu aos presentes a sua comparencia, notadamente Ex.^{mas} Familias que enchem litteralmente o salão. Do que, eu, Eduardo Duarte, segundo secretario, lavrei, para constar, a presente acta.

(assignado) *Florencio de Abreu.*

Acta da 11.^a sessão de directoria

Aos desesete dias do mez de novembro de mil novecentos e vinte e sete, ás vinte horas, na séde provisoria do Instituto, presentes os senhores Florencio de Abreu, Leonardo Truda, Amaro Baptista, Armando de Azevedo e Eduardo Duarte, o Senhor Florencio de Abreu, assumindo a presidencia, declarou aberta a sessão. Disse, em seguida, que havendo o segundo secretario recebido do nosso confrade senhor Souza Docca, actualmente no Rio de Janeiro, uma carta contendo um topico de grande importancia para o Instituto, ia lêr o referido topico pondo-o em discussão. E leu: „Estou copiando o processo dos farrapos, que consta de tres volumes volumosos. Está o primeiro já quasi copiado integralmente. Meu trabalho não tem sido sómente material — estou anotando tambem esse volume, e o mesmo pretendo fazer com os dois outros volumes.

Pretendo publicar esse trabalho e posso cede-lo ao Instituto mediante pequena retribuição pecuniaria, quasi que só como pagamento do trabalho material, como sejam dois contos de reis por volume ou seis por toda a obra, fielmente dactylographada e annotada." O senhor presidente faz largas considerações sobre a vantagem de acceitar a offerta do senhor Souza Docca, pois, como todos sabem, trata-se do celebre processo mandado instaurar pelo governo imperial contra os revolucionarios de mil oitocentos e trinta e cinco. Ademais, com as annotações que lhe estão sendo feitas pelo senhor Souza Docca, um especialista do estudo desse capitulo da historia regional, é de esperar uma publicação importante como subsidio a qualquer trabalho sobre a revolução farroupilha. Os senhores Truda, Amaro e Armando tambem se manifestam de inteiro accordo com o expellido pelo senhor presidente, resolvendo-se, unanimemente, acceitar a proposta, o que será communicado ao senhor Souza Docca. O segundo secretario communica que com a ausencia do senhor Aurelio Porto, que transferiu sua residencia para o Rio de Janeiro, ficam vagos o cargo de orador e de um dos membros da commissão redactorial da Revista. O senhor presidente designa então, de accordo com o artigo vinte e um, numero segundo, do estatuto, os senhores Adroaldo Mesquita da Costa, para orador, e Mansueto Bernardi para a commissão de redacção da Revista. E nada mais havendo a tratar, foi encerrada a sessão. Do que, eu, Eduardo Duarte, segundo secretario, lavrei a presente acta. E eu, Francisco de Leonardo Truda, primeiro secretario, a subscrevi e assigno.

(assignado) *Florencio de Abreu.*



INDICE DO VOLUME

	Pag.
Annaes do Exereito Brasileiro, pelo general Luis Manoel de Lima e Silva	III
Batalha do Passo do Rosario (Archivo do general João de Deus Martins)	259
Recordações historicas, por J. J. Machado d'Oliveira	275
Apontamentos para a historia da revolução de 1835—1845, por Manoel Alves da Silva Caldeira	345
Primeiro centenario do combate de Monte Santiago, pelo major Souza Docca	439
Os canhões de Garibaldi, pelo dr. Eduardo Duarte	463
A independencia uruguaya, pelo major Souza Docca	477
Um pouco de abá-ñeên (Archivo do general João de Deus Martins)	487
Apontamentos para a historia da revolução de 1835—1845	503
O Jacuhy e suas nascentes, pelo major Souza Docca	527
As commemorações relativas á batalha do Passo do Rosario e o discurso do general Uriburu, pelo capitão F. de Paula Cidade	541
Discurso do sr. Mansueto Bernardi proferido ao ser recebido no Instituto	549
Discurso do dr. Adroaldo Mesquita da Costa saudando o novo consocio, sr. Mansueto Bernardi	555
Os traços eternos do Rio Grande, conferencia do dr. Fernando Luiz Osorio	561
O pensamento religioso dos Farrapos, conferencia do sr Mansueto Bernardi	579
A expedição do general Rivera contra Bento Manoel em maio de 1826, pelo major Souza Docca	597
Actas das sessões do Instituto no anno de 1927	611